

A photograph of a woman in a white sleeveless top reaching up to touch a bunch of coconuts hanging from a palm tree. The scene is set in a rural landscape with rolling green hills under a cloudy sky. The woman is in the foreground, looking up at the coconuts. The palm tree is on the right side of the frame, and its fronds are visible at the top. The background shows a line of trees on a hillside.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**  
**CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CULTURA, DESIGUALDADES E DESENVOLVIMENTO**

**GLEYSIA TEIXEIRA SIQUEIRA**

**UMA HISTÓRIA DE “CABELUDA”: MULHER, MÃE E**  
**CAFETINA**

**Cachoeira-BA**

**2017**

**GLEYSY TEIXEIRA SIQUEIRA**

**UMA HISTÓRIA DE “CABELUDA”: MULHER, MÃE E  
CAFETINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Osmundo Santos de Araújo Pinho

Cachoeira-BA

2017

---

S618 Siqueira, Gleysa Teixeira  
Uma história de “Cabeluda”: mulher, mãe e cafetina / Gleysa Teixeira  
Siqueira. - 2017.  
200 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Osmundo Santos de Araújo Pinho  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,  
Cachoeira, Centro de Artes, Humanidades e Letras, 2017.

1. Prostituição. 2. Gênero. 3. Sexualidade. 4. Moralidade. I. Pinho,  
Osmundo Santos de Araújo. II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.  
III. Título.

CDD 306.74

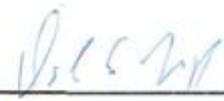
---

**GLEYSY TEIXEIRA SIQUEIRA**

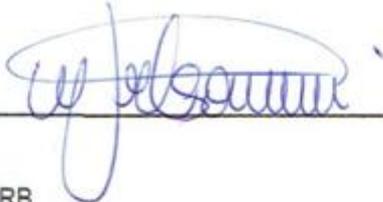
**UMA HISTÓRIA DE “CABELUDA”: MULHER, MÃE E CAFETINA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre em Ciências Sociais, Centro de Artes, Humanidades e Letras, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovada em 5 de julho 2017

Prof. Dr. Osmundo Santos de Araújo Pinho Orientador   
Doutor em Ciências Sociais-UNICAMP  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFRB

Prof. Dr. Lina Maria Brandão de Aras \_\_\_\_\_  
Doutora em História-USP  
Universidade Federal da Bahia  
Programa de Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre  
Mulheres, Gênero e Feminismo-FFCH-UFBA

Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior   
Doutor em Ciências Sociais-UNICAMP  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFRB

Aos meus avós maternos, Maria Leal Teixeira e Marcolino Munis Teixeira  
(*inmemorium*), pela referência familiar em minha vida.

À minha Mãe Jerônima Leal Teixeira, pela educação e gesto de amor.

Ao meu filho Ângelo Miguel Siqueira Fróes, por representar a melhor forma de amar  
contida em meio ser.

## AGRADECIMENTOS

Enfim mais uma etapa cumprida na minha vida acadêmica, sem dúvida, a realização deste trabalho árduo e instigante, provocativo e insano, me proporcionou por inúmeras vezes sensações de insegurança, ansiedade, preguiça, alegria, felicidade, desespero. Por alguns momentos cheguei a pensar que não iria conseguir atingir os resultados esperados, pois além da carga horária de trabalho exaustiva, tinha que exercer o meu papel de mãe e esposa.

Agradeço primeiramente a Deus por conceder o privilégio da vida, me dando força e coragem para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia.

Este trabalho faz parte de um processo evolutivo e representa um elo pessoal com a minha vida universitária. Tenho muito que agradecer a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, a extensão de minha casa, meu CAHL. A vinda da UFRB para Cachoeira realizou um sonho de poder “fazer universidade” no “quintal de casa”. Tenho muito orgulho de pertencer à primeira turma de História do CAHL, 2006.1, apesar das adversidades e das estruturas materiais precárias, as estruturas humanas foram de extrema qualidade.

Aos meus colegas da turma de História e a todos@ os meus amados professores do curso de História, cada um com um jeito irreverente de ser. Em especial Fábio Duarte Joly, aquele professor que percebendo o meu interesse sobre os estudos das mulheres, me presenteou com dois livros, *“Diosas, Rameras, Esposas y Esclavas: Mujeres em la Antigüedad Clásica”* e *“A Mulher no tempo dos Farós”*; Ao professor e amigo Nuno Gonçalves, por ser minha fonte de inspiração mais eloquente da universidade; Ao professor Antônio Liberac Simões Pires, por ter acreditado em mim, dando juntamente comigo, os primeiros passos para a realização deste trabalho, sendo meu orientador na Graduação e Especialização.

As professoras Tânia Maria Pinto de Santana e Suzane Pinho que nos bastidores foram as minhas principais conselheiras e incentivadoras durante a minha inserção no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

No âmbito no PPGCS/UFRB, agradeço a todo corpo docente do Programa e funcionários técnicos. Com muita admiração, respeito e carinho ao professor Diogo Valença pela notável capacidade de ensinar de forma dialógica e inteligível, pela importância que projetou sobre meus estudos, agenciando troca de saberes, indicando livros, e pela parceria que realizamos no Estágio Docente.

Ao professor Wilson Penteado por ter sido a fonte de instrumentalização na minha pesquisa e por ter apresentado uma Antropologia tão cativante e excêntrica, assim como é a vossa pessoa. A professora Suzana Maia, por sugerir dicas valiosas para o andamento da pesquisa, suscitando leituras e releituras sobre os estudos de gênero feminino e prostituição.

Ao meu estimado orientador Osmundo Pinho, por me acolher, acreditar e confiar neste projeto, pela brilhante parceria e condução na trajetória da pesquisa.

A professora Lina Maria Brandão de Aras pelas considerações ímpares feitas na banca de qualificação deste trabalho.

Aos nobres colegas da turma 2015.1, que juntos passamos momentos de suma importância para a minha alegria pessoal e intelectual. Em especial, Camila Borges, Bárbara Assunção, Vanhise Ribeiro, Luisa Mesquita, Alexsandro Araújo, Maiara Soledade, pela amizade e festinhas compartilhadas.

Agradeço a Capes pelo apoio a esta pesquisa, que foi de extrema importância para a concretização deste trabalho.

Deixei por último de forma proposital, agradecer àquelas pessoas que se não fossem elas, este trabalho não teria sido realizado com tamanha dedicação e êxito. Obrigada a Dona Cabeluda por ter sido a fonte inspiradora desta pesquisa, abrindo as portas de sua casa, permitindo entrar na sua vida, intimidade, trabalho e família. Um salve a todos aqueles que gastaram um pouco do seu tempo cedendo entrevistas a mim, conversando, dialogando e compartilhando saberes.

Agradeço a meu esposo Aldo Júlio por ter dividido comigo momentos de aflições, por ter compreendido as minhas ausências, ajudando a educar nosso filho com amor e dedicação.

Àquela pessoa que foi o meu braço direito, minha secretária, assistente, Ana Lúcia de Jesus dos Santos, que durante esse tempo cuidou e ainda cuida do meu lar, de meu filho, de minha família com amor e carinho.

Agradeço a minha mãe, meu alicerce e orgulho, Jerônima Leal, por representar a força que existe dentro de mim e que me faz vencer todos os dias.

Ao meu irmão Fernando Leal pelo afeto e a Francisco Floriano pela referência paterna em minha vida, sempre apoiando no que for preciso.

Ao meu filho Ângelo Miguel, razão do meu viver, a melhor parte que habita em mim, agradeço por você existir, por ser tão amoroso e atencioso comigo, mesmo diante dos momentos em que estive ausente.

Mexo, remexo na inquisição  
Só quem já morreu na fogueira  
Sabe o que é ser carvão [...]

Eu sou pau pra toda obra  
Deus dá asas à minha cobra [...]  
Minha força não é bruta  
Não sou freira, nem sou puta

Porque nem toda feiticeira é corcunda  
Nem toda brasileira é bunda  
Meu peito não é de silicone  
Sou mais macho que muito homem

Sou rainha do meu tanque  
Sou Pagu indignada no palanque [...]

Fama de porra louca, tudo bem!  
Minha mãe é Maria ninguém [...]

Não sou atriz, modelo, dançarina  
Meu buraco é mais em cima [...]

**Pagu, Rita Lee.**

Pelos gritos calados, olhar enviesado.  
Pelo labor, pela dor, desejos e prazeres.  
Pela voz contida, escancarada, liberta.  
Pela beleza de ser o que quiser ser “Mulher”.

**Gleysta Teixeira.**

SIQUEIRA, Gleysa Teixeira. **Uma história de “Cabeluda”**: mulher, mãe e cafetina. 2017. 200 f. il. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2017.

## RESUMO

Privilegiando uma abordagem social da cultura, a presente dissertação tem como principal objetivo construir uma narrativa Histórica e Sociológica sobre a trajetória de vida de uma Mulher, Mãe e Cafetina, que fez da cidade da Cachoeira seu ponto de trabalho e meio de sobrevivência. Para além da construção desta narrativa, tornou-se necessário propor discussões que perpassam sobre os estudos de Gênero no Brasil e que estão vinculados com a trama histórica e social da personagem, tais como: Identidade, subjetividade, prostituição, sexualidade, violência doméstica, condição feminina, valores morais cristãos, empoderamento e patriarcado. As problemáticas que envolvem a protagonista desta história redirecionou a pesquisa a pensar sobre a cartografia da prostituição em Cachoeira e a refletir sobre Histórias de Mulheres vinculadas ao sistema da prostituição local. Pretendo historicizar as memórias e vivências de Dona Cabeluda e moradores da cidade, utilizando o método oral e atributos epistemológicos e metodológicos da Etnografia enquanto prática importante para compreensão e reflexão das experiências vividas em campo.

**Palavras-chave:** Prostituição. Gênero. Sexualidade. Moralidade.

SIQUEIRA, Gleysa Teixeira. **Uma história de “Cabeluda”**: mulher, mãe e cafetina. 2017. 200 f. il. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2017.

## **ABSTRACT**

Privileging a social approach to culture, the main purpose of this dissertation is to construct a Historical and Sociological narrative about the life trajectory of a Woman, Mother and Cafetina, which made the city of Cachoeira its point of work and a means of survival. In addition to the construction of this narrative, it became necessary to propose discussions that pervade the studies of Gender in Brazil and which are linked to the historical and social plot of the character, such as: Identity, subjectivity, prostitution, sexuality, domestic violence, Feminine, Christian moral values, empowerment and patriarchy. The issues surrounding the protagonist of this story redirected the research to think about the cartography of prostitution in Cachoeira and to reflect on Stories of Women linked to the system of local prostitution. I intend to historicize the memories and experiences of Dona Cabeluda and the inhabitants of the city, using the oral method and epistemological and methodological attributes of Ethnography as an important practice for understanding and reflecting the experiences lived in the field.

**Key words:** Prostitution. Gender. Sexuality. Morality.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Malinche. La pasión de Sor Juana, 2012	35
<b>Figura 2</b>	Vapor de Cachoeira, s/d	48
<b>Figura 3</b>	Rio Paraguaçú, 2017	68
<b>Figura 4</b>	Cachoeira e São Félix, 1792	70
<b>Figura 5</b>	Mapa do Recôncavo Baiano, Brasil, s/d	72
<b>Figura 6</b>	Embarcações de Cachoeira, s/d	74
<b>Figura 7</b>	Cachoeira, BA, 1976	77
<b>Figura 8</b>	Foto de satélite de Cachoeira, 2017	78
<b>Figura 9</b>	Estação ferroviária de Cachoeira, 2017	81
<b>Figura 10</b>	Ponte D. Pedro II sobre o Rio Paraguaçú, 2017	81
<b>Figura 11</b>	Cais Maria Alves, 2017	83
<b>Figura 12</b>	Rua Virgílio Reis, 2017	84
<b>Figura 13</b>	Rua Travessa Ribeiro, 2017	85
<b>Figura 14</b>	Rua Travessa Adrião, 2017	85
<b>Figura 15</b>	Praça Goes Calmon, 2017	86
<b>Figura 16</b>	Praça Teixeira de Freitas, 2017	87
<b>Figura 17</b>	Bar Night Andei, 2017	88
<b>Figura 18</b>	Bar Guarani, 2017	88
<b>Figura 19</b>	Beco do Bilhar, 2017	89
<b>Figura 20</b>	Travessa Tavares, 2017	90
<b>Figura 21</b>	Rua 7 de Setembro, 2017	91
<b>Figura 22</b>	Point das Morenas, 2017	91
<b>Figura 23</b>	Entre o Rio e o Porto, 2017	97
<b>Figura 24</b>	Pais de Cabeluda, s/d	101
<b>Figura 25</b>	Cabeluda com os irmãos, 2014	119
<b>Figura 26</b>	Dedicatória ao Pai de Cabeluda, 2006	119
<b>Figura 27</b>	Dedicatória à Mãe de Cabeluda, 2011	120
<b>Figura 28</b>	A casa de Cabeluda, nº 12, 2016	124
<b>Figura 29</b>	Cabeluda preparando o almoço, 2016	125
<b>Figura 30</b>	Cabeluda com filha, nora e neto, 2016	126
<b>Figura 31</b>	Casa de Cabeluda, corredor, entrada da casa, 2016	128
<b>Figura 32</b>	Casa de Cabeluda, sala, 2016	129
<b>Figura 33</b>	Casa de Cabeluda, sala, 2016	130
<b>Figura 34</b>	Cozinha de Cabeluda, 2016	131
<b>Figura 35</b>	Banheiro feminino, 2016	132
<b>Figura 36</b>	Banheiro masculino, 2016	132
<b>Figura 37</b>	Quarto das prostitutas, cama e guarda-roupa, 2016	133
<b>Figura 38</b>	Quarto das prostitutas, espelho e penteadeira, 2016	134

<b>Figura 39</b>	Conjunto de hotelaria, bares e hospedagens, Praça 25 de Junho, 2017	141
<b>Figura 40</b>	Hotel Colombo, 2017	142
<b>Figura 41</b>	Rua Ana Nery, 2017	143
<b>Figura 42</b>	Rua 13 de Maio, 2017	143
<b>Figura 43</b>	Circo Nerino, s/d	144
<b>Figura 44</b>	Sobrado da Rua 7 de Setembro, 2017	149

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Taxa de homicídios (1980-2013)	106
<b>Gráfico 2</b>	Ordenamento das capitais segundo taxas de homicídio de mulheres (por 100 mil), Brasil, 2013	106
<b>Gráfico 3</b>	Evolução das taxas de homicídio de mulheres brancas e negras (100 mil) Brasil, 2003/2013	108

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	<i>Meios utilizados nos homicídios masculinos e femininos (em %), Brasil, 2010</i>	108
<b>Tabela 2</b>	<i>% de atendimentos femininos por violência física segundo relação do agressor com a vítima e faixa etária, 2011</i>	109
<b>Tabela 3</b>	<i>Tipos de violência/número e porcentagem, 2015</i>	109

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APMC	Arquivo Público Municipal de Cachoeira
DDM	Delegacia de Defesa da Mulher
EDUFRB	Editora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
EDUSC	Editora da Universidade de Santa Catarina
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
FFCH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IPHAN	Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MEC	Ministério da Educação
MS	Ministério da Saúde
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UnB	Universidade de Brasília
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
UTI	Unidade de Tratamento Intensivo
SIM	Sistema de Informação sobre Mortalidade
SUS	Secretaria da Vigilância em Saúde

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: CAMINHOS PERCORRIDOS</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>O JOGO DAS “AUTORIDADES” e “MORALIDADES”</b>	<b>35</b>
<b>2.1</b>	HISTÓRIA DAS MULHERES	36
<b>2.2</b>	HISTORIOGRAFIA DA PROSTITUIÇÃO FEMININA	43
<b>2.3</b>	ENTRE “EVAS” E “MARIAS”: GÊNERO E PERFIS FEMININOS E MASCULINOS	58
<b>3</b>	<b>CACHOEIRA E SUA DINÂMICA</b>	<b>68</b>
<b>3.1</b>	O CANTO DE OXUM NAS ÁGUAS DO PARAGUAÇU	68
<b>3.2</b>	CARTOGRAFIA DA PROSTITUIÇÃO: URBANIZAÇÃO E HIGIENIZAÇÃO	78
<b>4</b>	<b>NARRATIVAS E TRAMAS DE CABELUDA</b>	<b>97</b>
<b>4.1</b>	A TRAJETÓRIA	97
<b>4.2</b>	O BREGA	124
<b>4.3</b>	O IMAGINÁRIO	139
<b>4.3.1</b>	<b>Cacau Nascimento</b>	140
<b>4.3.2</b>	<b>Clientes e amigos</b>	151
<b>4.3.3</b>	<b>Dona Cristina</b>	153
<b>4.3.4</b>	<b>Dona Josefa</b>	156
<b>4.3.5</b>	<b>Dona Natalícia</b>	165
<b>4.3.6</b>	<b>Dona Margarida</b>	174
<b>4.3.7</b>	<b>Dona Jacira</b>	175
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: EMPODERAMENTO E PATRIARCADO NA DANÇA DAS CADEIRAS</b>	<b>183</b>
	<b>FONTES CONSULTADAS</b>	<b>190</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>192</b>

## 1 INTRODUÇÃO: CAMINHOS PERCORRIDOS

*Toda história é uma construção, e o problema de descobrir “a verdade” é bem mais complicado do que parece aos leigos, desde que se percebeu que para um fato cabe mais de uma versão. (BORGES, 2004, p.301)*

### A chegada em Cabeluda

Analisando o itinerário da pesquisa, volto ao início de como e quando tudo começou e por que a escolha de Cabeluda como centro deste estudo. Uma centralidade que me reconduziu a pensar sobre questões que foram surgindo a partir da trajetória da personagem que, como fonte de pesquisa viva, viabilizou o encontro com a cartografia da prostituição em Cachoeira, cartografia esta que, revelou histórias e poderes de um território simbólico, culturalmente estigmatizado. A simbologia deste lugar permitiu o encontro com outras histórias, oriundas de experiências de vida, que foram sedimentadas a partir das relações constituídas pelo sistema da prostituição. Saberes existenciais de Mulheres ganham sentidos, e desta maneira, foi possível compreender a dinâmica do território numa perspectiva sincrônica e diacrônica das relações histórico-sociais que fazem parte do imaginário coletivo e individual da cidade.

Pensar a chegada em Cabeluda é voltar no tempo e estabelecer um nexo significativo entre passado e presente. Ela foi o enredo que dialogou com as minhas convicções teóricas e vivências.

Antes mesmo de ingressar no curso de História (UFRB) em 2006, já existia dentro de mim uma inquietação sobre os estudos sobre as Mulheres. Eu, enquanto Mulher, oriunda de família de feirantes e pequenos comerciantes, moradora de uma cidade do interior que tinha o seu pé na roça, criada pelos avós maternos e por uma mãe “solteira”, fui educada como a maioria das “moças de famílias”, com todo zelo e pudor.

Durante toda a minha infância, entre os meus amigos e amigas mais próximos, a única filha de “mãe solteira” era eu. Hoje eu tenho muito orgulho disso e

vejo que as escolhas de minha mãe só pertenciam a ela, mas naquela época fui vítima do preconceito social, e o fato de não pertencer a uma “família tradicional”, de não ter uma referência paterna, deixava em mim certa angústia. Outra inquietação na infância estava relacionada com o comportamento feminino e masculino esperado e condicionado pela sociedade. Muitas brincadeiras de “meninos” eu gostava de brincar e alguns diziam que isso era coisa de “moleque-macho”. Várias outras situações eu poderia relatar, mas vou ficando por aqui.

Todas essas vivências foram levadas para o universo acadêmico e no curso de História essas questões foram intensificando-se na medida em que pretendia compreender o porquê das mulheres serem tratadas pela sociedade como uma subespécie humana, concebendo o homem como ser universal, sempre visibilizado pela história, ao contrário das mulheres, que nem sempre foram objetos de problematização histórica.

Então, a princípio definir que seria um estudo sobre gênero, porém o primeiro desafio enfrentado foi perceber que a ementa do programa do curso de História não contemplava de forma significativa os estudos sobre mulheres, fator este que me fez possuir autonomia no garimpo de fontes que tratavam sobre tais questões. O garimpo dessas fontes, juntamente com as leituras marxistas, definiu o lugar teórico sobre o pensamento das mulheres. Emergia desta maneira, o desejo de estudar os subalternizados, os oprimidos, os excluídos da história. Foi nesta linha de pensamento que conduzi meu referencial teórico e metodológico.

Neste percurso, enquanto a maioria dos meus colegas já tinham se identificado com seus orientadores, possuindo bolsas de iniciação científica e etc., eu, ainda continuava na metade do curso à deriva, sem orientador. Mesmo assim, insisti nessa problemática, desenvolvendo alguns estudos na área para atender aos créditos acadêmicos. Alguns professores foram de suma importância nesta trajetória acadêmica sugerindo indicações de livros e artigos, mas foi com Antônio Liberac Simões Pires que eu encontrei o meu objeto de estudo. Liberac despertou em mim o interesse em estudar Cabeluda, momento este, que guardo até hoje em minha memória.

Era final do sexto semestre, como era de costume, Liberac, depois da aula, gostava de tomar uma cerveja no bar “Gleysa Lanches”. Este bar pertence à minha

mãe e fica nas proximidades do Colégio Estadual da Cachoeira, local onde aconteciam as aulas do CAHL/UFRB. O bar “Gleysta Lanches”, mais conhecido como o “bar da Jel” era o ponto de comércio do bairro da Pitanga mais frequentado pelos estudantes, professores e funcionários da Universidade. Foi neste ambiente que o professor Antônio Liberac propôs ser meu orientador. Ele disse: “você já tem orientador”? Respondi que não. “O que você quer estudar?” Quero estudar uma mulher da classe trabalhadora da minha cidade, alguém invisibilizada socialmente. “Olha, tem Dona Filinha, mulher negra, faz parte da Irmandade da Boa Morte e possui um terreiro de Candomblé. Você pode fazer um estudo sobre a História de vida dela”. Eu achei uma boa ideia.

Primeiramente procurei o filho de Mãe Filinha para tentar intermediar o encontro. Com a ajuda do filho, consegui marcar uma visita até sua casa, localizada na Rua da Feira. Por cinco vezes tentei conversar com ela, mas a resistência em falar sobre sua vida era muito grande. Consegui apenas gravar uma única entrevista num pequeno gravador. Na maioria das vezes, Mãe Filinha nunca estava disposta a conversar comigo, acabei desistindo.

Conversei com meu orientador e disse que não iria dar certo o estudo sobre Mãe Filinha. E agora o que fazer? Liberac pensou e disse: “Você conhece Cabeluda”? Com bastante euforia respondi: A dona do brega? Liberac: “Sim”. “Você tem coragem de estudar sobre a vida dela”? Prontamente disse: Tenho sim, eu vou estudar sobre ela. Aceitei o desafio, disse que estava preparada, mas foi tudo da boca pra fora, o fato era o medo de não conseguir, principalmente por saber que era um lugar estigmatizado. Aí pensei... Eu que sempre fui orientada desde criança a não passar pela Rua do brega, vou estudar a última prostituta sobrevivente no ramo da prostituição? O que a sociedade vai dizer ao me ver entrar na casa de Cabeluda? E se por acaso acontecer alguma briga no lugar? E o tráfico de drogas que já ouvi dizer que existe neste ambiente? Se a minha presença não agradar? Será que Cabeluda vai querer conversar comigo?

Todas essas indagações fizeram parte do meu processo de inserção no campo e aos poucos meus medos e preconceitos foram sendo desconstruídos. Neste trajeto, uma tímida pesquisa de campo iniciada no ano de 2009, orientada por Antônio Liberac Simões Pires, deu origem a um Projeto de Pesquisa para obtenção de crédito do Trabalho de Conclusão de Curso: “Uma História Cabeluda”: vivências

e experiências de uma prostituta na cidade da Cachoeira. Em 2013, no curso de Pós Graduação *Lato Sensu*, nível de Especialização em Teoria e Métodos da História (CAHL/UFRB), desenvolvo uma monografia intitulada “Uma História de “Cabeluda”: uma prostituta em Cachoeira”, sob a orientação de Antônio Liberac Simões Pires.

Em 2015, a história de Cabeluda ganha novas configurações a partir do meu ingresso no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) sob a orientação de Osmundo Santos de Araújo Pinho. A partir desse momento, comecei a olhar para Cabeluda e o seu entorno social de uma forma diferenciada, com mais aprofundamento teórico e metodológico, sendo assim, pude perceber que o próprio título não dava mais conta da complexidade da vida de Cabeluda, ficando a dissertação de mestrado oficialmente intitulada “Uma História de “Cabeluda”: Mulher, Mãe e Cafetina”.

Os caminhos trilhados até Cabeluda, poderia dizer que foi fruto do acaso, mas não foi. O momento da escolha pode ter ocorrido de forma despreziosa, mas foi a trajetória da pesquisa que fundamentou os sentidos atribuídos a ela. Os nexos cognitivos e temporais do saber empírico do campo foi para mim um grande aprendizado, pois, fundir minhas próprias vivências com a história de Cabeluda e de outras mulheres tão importantes quanto, produziu uma síntese inteligível da experiência humana no campo da subjetividade histórica.

### **Uma aventura epistemológica**

Em meio a pensamentos surgem as primeiras premissas do sentido desta pesquisa na minha vida e como que as minhas experiências pessoais me conduziram a construir-reconstruir-desconstruir lógicas do pensamento e evidências concretas.

Olhando para o passado, lembro-me da infância, de quando era menina, desbravando caminhos, descobrindo lugares, sempre muito levada, adorava viver aventuras, correr riscos e perigos, vivenciar o inusitado, o inesperado. Nesta época eu e minhas amigas aventureiras, chamávamos tudo isso de fazer “missão”. Andávamos num lugar chamado de Rocinha na cidade da Cachoeira, íamos

cortando a linha do trem, pulando cercas, construindo identidades. Pelas matas já andei, no Paraguaçu banhei-me, assim como no rio Pitanga. Oh, doce infância!

É nesse momento de nostalgia que faço um paralelo com a minha pesquisa acadêmica, pois hoje vivo sensações que me leva a conhecer o inusitado naquilo que era familiar e se familiarizar-se com o desconhecido. Atualmente me vejo fazendo uma aventura interdisciplinar com a História, Antropologia e Sociologia.

Estou me reinventando a cada descoberta, sentindo prazeres e desconfortos ao mesmo tempo. Neste sentido, paro para pensar nas sensações que senti durante todos os meus encontros com o meu objeto de estudo. Falo de sensações, pois acredito que, enquanto pesquisadora, sou, acima de tudo, um ser humano, inconcluso e inacabado, assim como será esta pesquisa. Cada palavra ouvida, dita, escrita, cada gesto e olhar, só faz sentido num misto de emoções, que são interpretadas e reinventadas.

A objetividade científica dá razão a uma subjetividade que se pauta na experiência viva do encontro de mundos e saberes distintos. O resultado desta pesquisa se encontra na intersecção dialógica entre o sujeito e o objeto, produzindo a dialética do conhecimento, mas que se transforma numa relação de sujeito a sujeito.

No campo das Ciências Sociais o discurso da cientificidade sempre se fez presente entre os pesquisadores. A preocupação exaustiva com a objetividade em seus estudos e a necessidade de um distanciamento entre pesquisador e objeto, na tentativa de se garantir um olhar imparcial sobre a realidade, constitui marca tradicional dos estudos que primam pela neutralidade científica.

Nesse tipo de fazer científico para possuir veridicidade, o pesquisador deve utilizar métodos que lhe confere um raciocínio lógico quantitativo e positivista. A Antropologia e outras ciências, bem como a própria História, identificaram-se com os métodos de pesquisa qualitativa, utilizando a observação participante, entrevistas abertas, semi-estruturadas, permitindo ao pesquisador entrar em contato com os indivíduos e grupos sociais. Esse contato revela situações históricas e sociais da realidade observada o que, por sua vez, pode estabelecer um diálogo entre o familiar e o desconhecido, complexificando o trabalho de campo, “vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente

contida nas seguintes fórmulas: transformar o exótico no familiar e/ou transformar o familiar em exótico” (MATTA, 1978, p. 28).

Sobre a relação constituída no processo de construção de subjetividade que traduz o fundamento dialógico entre pesquisador e pesquisado, podemos também refletir sobre a tarefa da Antropologia, proposta por Osmundo Pinho<sup>1</sup>, quando o mesmo afirma que o Antropólogo deve produzir um sentido sistemático e objetivo das práticas e dos discursos existentes no campo, porém, levando em conta que o sentido da objetividade só pode ocorrer a partir da sua historicidade, isso porque estamos lidando com sujeitos historicamente situados, definidos por identidades distintas. “A historicidade dos contextos define a historicidade dos sujeitos, articulados em multivalentes espaços, não meramente locais ou globais, mas entremeados de escalas distintas de determinação” (PINHO, 2016, p. 5)<sup>2</sup>

Muitas das vezes na academia nos preocupamos em analisar, interpretar, compreender o mundo do seu objeto de pesquisa de tal forma que não percebemos que o termo “objeto” é apenas um recurso linguístico para reforçar o cientificismo, o rigor e o método, mas que lidamos o tempo todo com “sujeitos”. É neste sentido que busco instrumentalizar a minha perspectiva acadêmica para a construção de uma relação dialógica-estruturante entre pesquisadora-sujeito e pesquisado-sujeito.

As discussões de Osmundo Pinho, em seu artigo “Etnografia e Emancipação: Desafios Antropológicos na Escola Pública” podemos destacar as suas contribuições sobre as concepções teóricas e metodológicas que definem a prática etnográfica e sua emancipação, revelando os sentidos e significados das estruturas epistemológicas da natureza empírica e dos fundamentos da produção de subjetividade, no momento em que o pesquisador está mergulhado nas experiências do objeto-pesquisado, num jogo temporal, em que o aqui e o agora fazem parte de uma construção filosófica do sujeito historicamente situado. O autor propõe um desafio à pesquisa etnográfica, pautado numa Antropologia crítica, que se propõe a pensar e refletir sobre o seu próprio fazer Etnográfico, articulando os sentidos

---

<sup>1</sup> Antropólogo, professor adjunto no Centro de Artes, Humanidades e Letras, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia.

<sup>2</sup> Para os estudos sobre a produção de subjetividades masculinas racializadas, foi utilizada a obra: Etnografia e Emancipação: Desafios Antropológicos na Escola Pública. Projeto – Brincadeira de Negão, (PINHO, 2016, p. 5)

atribuídos a essa realidade empírica e a forma como lidamos com as relações de poder que se constroem no jogo das subjetividades.

Definir ou interpretar o gesto, o mito, o discurso e as categorias ordenadoras da experiência e da reprodução social, é situar esses objetos em "sistemas de signos e de relações de poder", não de modo meramente automático ou imediato, mas justamente por meio de suas mediações que definem a historicidade da subjetividade e das condições de representações, como a afetividade da objetividade. (COMARROF, 2010, **apud** PINHO, 2016, p. 5).

Esse pensamento da Antropologia crítica suscita pensar sobre as minhas próprias inquietações referente a minha situação enquanto pesquisadora frente ao meu "objeto" de estudo. Chego a conclusão que a pesquisa acadêmica não é um objeto descartável, que a usamos num determinado tempo e acabou. Ela faz parte das nossas entranhas porque nos transforma e nos direciona para outras formas de pensar.

A Antropologia tem esse poder mágico de transformar as sutilezas da vida num grande espetáculo, de propor uma análise pelo avesso, de perceber nos pequenos detalhes a grandeza do ser humano e extrair disso experiências jamais vistas em seu trânsito banal.

Compreendo o campo como um organismo vivo e cabe ao pesquisador articular de forma talentosa os seus domínios teórico-intelectual, prático e existencial. Domínios estes que fazem parte das etapas de uma pesquisa, analisadas pela ótica do seu cotidiano, como afirma Edson de Oliveira Nunes em seu livro "Aventura Sociológica" (1978).

No teórico-intelectual podemos dizer que são as nossas pré-noções que dizem respeito ao mundo acadêmico e das nossas próprias experiências cotidianas – pessoais, um conhecimento acumulado que se propõe em ir à busca de ver, encarar, perceber, classificar, interpretar, explicar a partir de uma mediação entre o abstrato e não pelo concreto.

A fase prática refere-se aquele período em que ocorrem mudanças drásticas na pesquisa, que estão relacionados com a inserção no campo e as adaptações que teremos que fazer com as realidades concretas e perturbadoras, especificidade e relatividade da própria experiência antropológica.

A fase final, Nunes chama de pessoal ou existencial:

O plano existencial da pesquisa Etnológica fala mais das lições que devo extrair do meu próprio caso. É por causa disso que eu a considero como essencialmente globalizadora e integradora: ela deve sintetizar a biografia com a teoria, e a prática do mundo com o ofício. (NUNES, 1978, p. 25).

Pois bem, o campo não é um mar de rosas, observar e vivenciar as rotinas de um indivíduo ou grupo social é como se estivéssemos trocando de roupa e sapatos a cada entrada e saída de cena, ora vestidos, ora nus, pois há momentos em que devemos nos despir em vários sentidos, ser quem não somos e explorar habilidades que jamais imaginávamos ter. Neste sentido, nós pesquisadores somos sujeitos subversivos e performáticos, bem como o nosso próprio objeto-sujeito que, em algum momento, teatraliza comportamentos e informações.

Atos corporais subversivos são os conceitos basilares do pensamento de Judith Butler (2016, p. 141) nas discussões sobre feminismo, subversão e identidades. O uso da adequação é proposto nesta discussão no campo da pesquisa, um conceito bastante interessante que pode ser ampliado e usado para se compreender não apenas os problemas de gênero, mas também tipos de comportamentos humanos em diversas situações e experiências sociais, que sugere questões de classe, etnia, religiosidade, práticas sociais, vivências cotidianas e na própria construção do conhecimento a partir da utilização de métodos e abordagens.

A forma como atuamos em campo também influenciará na escrita etnográfica compreendida por James Clifford como uma alegoria tanto no nível do seu conteúdo (o que se diz sobre as culturas e histórias) quanto no de sua forma (as implicações do modo de textualização).

No que se segue a própria etnografia como performance, com enredo estruturado com histórias poderosas. Encamadas como relatos escritos, tais histórias simultaneamente descrevem acontecimentos culturais reais e fazem afirmações adicionais, morais, ideológicas e mesmo cosmológicas. (CLIFFORD, 2011, p. 59).

Partindo desse pressuposto e indo de encontro à visão tradicional sobre o caráter de cientificidade do pesquisador, eis que surge uma pergunta: como ser neutro e imparcial diante de uma realidade social que inspira e transpira relações e

identidades múltiplas, complexas, dialógicas e que podem ter níveis de familiaridades distintos entre pesquisador e objeto?

O ser humano é constituído não apenas de razão, mas acima de tudo, dotado de uma carga emotiva, afetiva, sentimental, etc., que jamais poderia estar descolado do saber científico. Certamente os adeptos de uma neutralidade axiológica tratam desse aspecto com desdém, atribuindo-lhe um caráter defeituoso sem confiabilidade na prática científica.

Maria Paula Araújo e Tania Maria Fernandes promovem uma discussão e afirmam que o diálogo da História Oral com a Historiografia Contemporânea desenvolveu um debate teórico em torno dos paradigmas que implicam na valorização da experiência vivida e da subjetividade.

Novas correntes como a “História do tempo presente”, a “História vista de baixo”, a “História das Mulheres”, a “História do Cotidiano” construíram um novo campo para a pesquisa histórica e as trajetórias de vida e os depoimentos pessoais se tornaram fontes documentais para a reflexão histórica. Essa nova forma de pensar a História contribuiu para a fomentação sobre novas concepções de tempo, verdade, passado e possibilitou novas propostas metodológicas e a criação de novos campos de investigação para a historiografia.

Na tentativa de contribuir, ainda mais, sobre as discussões no que diz respeito ao sentido da objetividade e subjetividade na pesquisa, reafirmo a importância do historiador do tempo presente a partir das afirmações de Maria Paula Araújo e Tania Maria Fernandes:

O Historiador do tempo presente não tem ilusões quanto à sua Objetividade e imparcialidade, não acredita na história “distante, objetiva, imparcial”; sabe que o historiador está imerso em seu tempo. Por outro lado, sabe também que o envolvimento e a parcialidade não são frutos apenas da proximidade temporal. (ARAÚJO; FERNANDES, 2006, p. 20).

Max Weber trouxe contribuições fundamentais para a Sociologia, que para ele é uma ciência voltada para a compreensão interpretativa da ação social, neste caso, compreender as ações do agente individual é de suma importância para atribuir um sentido ao fundamento da ação, ou seja, o motivo.

A neutralidade axiológica e a objetividade são os pilares básicos da Ciência Social. Com base no pensamento Weberiano, Gabriel Cohn formula que “o recurso à compreensão se dê mediante um “distanciamento” do pesquisado em relação ao seu objeto e nunca através de algum procedimento de identificação empática com o agente em questão” (COHN, 1999, p. 28).

Weber não nega a subjetividade humana, mas afirma que as ações dos agentes são orientadas por juízos de valor mediante ponderações e escolhas próprias da sua consciência e cosmovisão pessoal. No entanto quando o assunto é sobre a ciência empírica, afirmou:

Porém emitir um juízo sobre a validade de tais valores é assunto de fé, e talvez também seja tarefa de uma consideração e interpretação especulativa da vida e do mundo, no tocante ao seu sentido, mas, certamente, não é tarefa de uma ciência empírica, no sentido como nós a entendemos. (WEBER, 1993, p. 111).

Considerando as formulações de Weber, ainda continuo com inquietações no campo do fazer científico. Até que ponto vai a nossa capacidade humana de conseguir se desvencilhar de uma carga valorativa enquanto pesquisador? Será que quando vestimos a roupa do cientista social deixamos de ser humanos? Um Historiador pode aspirar à neutralidade científica? A História comporta algum tipo possível de objetividade? O que é Ciência?

A objetividade com certeza é uma grande aliada na pesquisa e não devemos abandoná-la, mas a subjetividade é o sistema imperativo na compreensão das ações humanas.

Roberto da Matta que o diga quando se refere aos cientistas sociais e ao ofício do Etnólogo, vale endossar:

Um modo muito envergonhado de não assumir o lado humano e fenomenológico da disciplina, com um temor infantil de revelar o quanto vai de subjetivo nas pesquisas de campo, temor esse que é tanto maior quanto mais voltado está o Etnólogo para uma idealização do rigor nas disciplinas sociais. (MATTA, 1978, p. 27).

Ao se debruçar sobre o trabalho do Etnólogo, percebemos que o pesquisador é dotado de razão e emoções, e que o campo de trabalho transborda no seu cotidiano múltiplas sensações e sentidos, que vão além do universo teórico-intelectual do pesquisador, que aparentemente se torna alheio ou não dessas relações.

A busca pela realidade objetiva se contrai ao se deparar com as vicissitudes do trabalho de campo. Não podemos subestimar a abordagem qualitativa e o seu caráter científico. A prática etnográfica é caracterizada pelo prisma do seu cotidiano que necessita de uma objetividade sistemática, porém não se pode negar a subjetividade que predomina na experiência vivenciada em campo.

O que devemos compreender é que o subjetivismo, apesar de ser tão caro para à quarta geração de historiadores orais, como afirma Dunaway, possuem seus limites, assim como todo e qualquer itinerário científico.

Philippe Joutard condensa uma explicação bastante plausível:

É bem verdade que todo historiador lúcido sabe perfeitamente até que ponto ele mesmo se projeta em qualquer pesquisa histórica, fato que o historiador oral percebe ainda mais claramente: a qualidade da entrevista depende também do envolvimento do entrevistador, e este não raro obtém melhores resultados quando leva em conta sua própria subjetividade. Porém reconhecer tal subjetividade não significa abandonar todas as regras e rejeitar uma abordagem científica, isto é, a confrontação das fontes, o trabalho crítico, a adoção de uma perspectiva. Pode-se mesmo dizer, sem paradoxo, que o fato de reconhecer sua subjetividade é a primeira manifestação de espírito crítico. (JOUTARD, 2006, p. 57).

Roberto da Matta (1978, p. 28) pensa o campo como um organismo vivo, que possui não somente funções sociais hierárquicas, mas, acima de tudo, é permeabilizado por cheiros, sentimentos, gestos, tensões, sensações diversas que são sentidas e percebidas pelo próprio Etnólogo. A produção do seu conhecimento é construída a partir desses sentidos em *locus*. As cargas afetivas e emotivas não estão descoladas do fazer antropológico.

Parafraseando Gilberto Velho, isso não constitui um defeito ou imperfeição no trabalho de campo. A Antropologia Social é uma disciplina que estabelece uma mediação entre dois universos de significação no trabalho de campo – o mundo do

pesquisador num diálogo permanente com as especificidades sociais do campo. O campo não é algo dado e acabado, o mesmo segue a momentos situacionais, que podem sofrer transformações inesperadas aos olhos dos Etnólogos.

O campo é um território de surpresas que, muitas das vezes, pode ser minado, uma cartola mágica da qual nem sempre o óbvio escapa de improviso e o Etnólogo seria um herói clássico que vivencia três momentos distintos e interdependentes: a saída de sua sociedade, o encontro com o outro e o retorno inesperado.

Uma Aventura Sociológica propriamente dita, em que limites e dificuldades se apresentam a todo instante; o inesperado é aquela força motriz que impulsiona o antropólogo a decifrar, explicar, compreender, recriar e interpretar categorias, comportamentos, relações sociais diversas. Um misto de estratégias e sensações é experimentado em campo num jogo de sedução em que o exótico pode se transformar no familiar e o familiar se transformar no exótico.

Gilberto Velho retoma esse pensamento de Roberto da Matta e endossa:

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos poder ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido. No entanto estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente. (VELHO, 1978, p. 39).

Para além dessas discussões sobre a difícil tarefa dos Etnólogos, das dificuldades e limites que encontramos no campo, Roberto Cardoso de Oliveira (2000) nos alerta para o cuidado sistemático que devemos ter enquanto antropólogo referente às premissas da experiência em campo. O autor elabora três categorias analíticas relacionadas com os métodos de pesquisa de campo – o olhar, ouvir, escrever. Ambas possuem funções sistemáticas e substantivas para a pesquisa.

Existe um esquema conceitual disciplinadamente aprendido no universo acadêmico que não escapa ao olhar antropológico. “A teoria social pré-estrutura o nosso olhar e sofisticada a nossa capacidade de observação” (OLIVEIRA, 2000, p. 21). Em campo a lente de aumento é instrumentalizada pelo pesquisador que, por sua

vez, possui um referencial teórico que influenciará a sua pesquisa ou ser modificado a partir das relações estabelecidas em campo.

No ato de ouvir existe uma relação tênue e dialógica entre etnólogo e informante possibilitada através de entrevistas. Para Roberto Cardoso de Oliveira não existe uma verdadeira interação entre nativo e pesquisador, não há uma relação dialógica enquanto entrevistado e entrevistador. O diálogo ocorre quando existe uma transformação na modalidade de relacionamento entre as partes, em que ambos passam a assumir o papel de interlocutores. Essa relação dialógica deixa de ser uma estrada de mão única e passa a ter uma mão dupla, constituindo uma verdadeira interação.

Na prática conhece-se como “observação participante” que deve assegurar dentro dessa interação com os membros da sociedade uma produção de conhecimento pautada na hermenêutica, em que o pesquisador seja capaz de produzir “excedente de sentido”. Entretanto, umas das discussões não menos importantes, se fez presente no âmbito das leituras – o estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais.

Vale lembrar que esta dissertação é um estudo interdisciplinar em que a prática da etnografia é recorrente. Os estudos antropológicos foram de suma importância na ampliação do meu referencial teórico e metodológico e contribuíram sistematicamente para a minha inserção no campo.

Hoje conhecer-compreender-interpretar a trajetória de vida de Cabeluda é reviver esse misto de emoções vivenciadas na infância e durante toda a minha pesquisa. Desde o momento em que pensei sobre esse estudo até a entrada no campo senti várias vezes aquele friozinho na barriga. Chamo isso de “obscurantismo” do campo<sup>3</sup>, pois são os medos e inseguranças que sentimos quando partimos para algo novo, e o que antes causava desconforto, aos poucos começa a se tornar “familiar”, com o tempo adaptamo-nos. Até que uma pergunta feita por um morador da Rua 07 de Setembro não me causa mais estranhamento,

---

<sup>3</sup> O conceito “obscurantismo do campo” criado por mim não se estrutura numa visão negativa da pesquisa de campo, mas sinaliza os pressupostos teóricos da afirmação de um território socialmente discriminado, e adentrar neste espaço é como se estivéssemos de olhos fechados, numa escuridão e, aos poucos vamos ganhando visão, e os medos e inseguranças vão se dissipando a cada experiência e relações constituídas. A coragem e ousadia de enfrentar esses medos é a força que impulsiona o pesquisador, lançados como flechas, atingimos nosso alvo.

eis a pergunta: você não tem medo de entrar ali? E eu respondi: Não, por quê? Para este morador não era conveniente uma “mulher de família” adentrar uma casa de prostituição.

Assim como Alba Zaluar em “A Máquina e a Revolta” (1985) que teve que romper barreiras sociais e morais para adentrar o território da “Cidade de Deus”, tendo que conviver num espaço de perigo eminente, estigmatizado e marginalizado, para mim também foi um grande desafio. Eu sabia que estava mergulhando num mundo que não pertencia à minha realidade social, além dos pré-conceitos que habitam dentro de mim existia o medo de não ser aceita pelo grupo, ou seja, pelas prostitutas e Cabeluda.

A pergunta do morador conduziu-me a minha infância, lembro-me que por diversas vezes ouvia o discurso moralista e machista de conterrâneos da cidade e familiares falarem que “menina direita” não anda pela rua do “brega”. O discurso daquela época surtiu efeito em mim, pois morria de medo de passar por ali. Este tipo de comportamento social, ou podemos dizer, controle dos corpos femininos e o seu trânsito, era bastante comum na sociedade cachoeirana, ou melhor, a educação das mulheres brasileiras foi pensada e construída tendo em vista os comportamentos de civilidade que, por sua vez, estaria se espelhando num modo de viver e pensar Ocidental-cristão.

As mulheres passavam por uma educação do corpo em suas variadas dimensões, sejam: higiênica, espaços que transitam, uso de vestimentas, alimentação, linguagem corporal, conteúdo linguístico, sexualidade, etc. Uma educação moral pautada nos costumes e valores cristãos, que implica nas formas de sociabilidades femininas, alvos de polidez e domesticação. Adriana Dantas Reis em “Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX” (2000) constituem-se numa obra que propõe apresentar e refletir as novas formas de socialização de mulheres que pertenciam ao universo da elite feminina baiana oitocentista.

Apesar de não fazer parte da elite cachoeirana e pertencer a uma época distinta à de Cora, os padrões de comportamento feminino do século XIX continuou vivos e influenciando a educação das futuras gerações de mulheres. Os espaços lúdicos femininos foram demarcados e as noções de civilidade, polidez e boas

maneiras difundiram-se e construíram novos critérios de distinção social, com o objetivo de normatizar as condutas da elite feminina como forma de instituir um poder hierárquico sobre as mulheres pertencentes às demais classes sociais (REIS, 2000). Entretanto, esse manual de conduta não conseguiu controlar todos os anseios femininos, suas vontades e necessidades nem sempre andavam lado a lado com as regras e convenções sociais.

As mulheres que viveram fora da ordem, as “desordeiras” sempre foram alvos fáceis de estigmas sociais.

Os conceitos morais, na mesma medida, atingiam as mulheres da elite, agora no desempenho da responsabilidade pela educação dos filhos. Só que, gerados a partir da elite, eram comumente generalizados para todas as classes sociais, criando contrastes e, conseqüentemente, estabelecendo comportamentos patológicos. (ESTEVEZ, 1989, p. 47).

Cruzar essas lembranças com a minha pesquisa me fez articular as ideias que permearam o meu referencial teórico. Eu, enquanto mulher, filha de mãe solteira, oriunda de uma família de pequenos comerciantes e trabalhadores rurais, estudante de escola pública, nem sempre me identificava com os papéis e atribuições que me eram dadas durante minha infância e adolescência.

Alvo de preconceitos na escola, na vizinhança e entre amigos, algumas atitudes machistas me incomodavam. Foi a partir daí que surgiu essa vontade de estudar as relações de gênero no Brasil e seus pressupostos teóricos. Afinal o que é o Gênero? Quais os seus dilemas? Como se constroem as inter-relações entre identidade, gênero e sexualidade? Como desconstruir o processo de naturalização do sexo?

Dialogando com Heleieth Saffioti (2015, p. 47), o conceito de gênero não se resume a uma categoria de análise, mas diz respeito a uma categoria histórica que pode ser entendido em vários níveis e dimensões, como por exemplo: aparelho semiótico (LAURETIS, 1987); simbologia e representações da identidade subjetiva (SCOTT, 1988); divisões e atribuições assimétricas de potencialidades (FLAX, 1987). Podemos, então, perceber que o conceito de gênero perpassa por instâncias sociais diversas e assume sua potencialidade como uma análise inteligível que é

regulada não apenas numa relação homem-mulher, mas também relações homem-homem e mulher-mulher.

No curso de História quando tive contato com as teorias marxistas, defini o meu interesse sobre os grupos marginalizados, menos favorecidos, os subalternizados. O fato das mulheres serem, por diversas vezes, excluídas da História ou relegadas a um papel secundário e inferior ao homem, percebi a importância em protagonizar vidas e dar visibilidade social a mulheres vítimas de preconceitos, tabus e violências nas suas mais variadas formas e conjecturas.

Neste sentido, um dos maiores objetivos desta dissertação, que se inscreve num ato político, é potencializar a escuta e a voz de uma cafetina, tendo em vista a luta pelo empoderamento feminino nas suas múltiplas facetas e dimensões, bem como as articulações com as relações de gênero.

As expectativas que envolvem a esfera do conhecimento e, neste caso, conhecer o outro a partir de metodologias, fundamentação teórica e vivências pessoais, será revelada no contexto da trajetória de vida de Cabeluda, buscando refletir sobre questões que permeiam a sua trajetória individual e social a partir de um diálogo sobre possíveis generalidades e particularidades que estão vinculadas com a história do sujeito e seu entorno social.

O uso da História Oral remete aos caminhos metodológicos e não como enfoque, caminho teórico ou a um caminho temático. A oralidade é a fonte que irá nortear o processo de compreensão e análise-interpretativa da memória individual e coletiva no campo empírico, e constitui-se como principal ferramenta aliada deste estudo, validada através de entrevista, pesquisas e documentos impressos. (AMADO; FERREIRA, 2006)

A partir de um intercâmbio entre as Ciências Sociais e as teorias da História, o uso da prática da micro-história como aparato teórico e metodológico é um excelente instrumento para se examinar uma “realidade micro” na tentativa de atingir a compreensão de aspectos específicos de uma sociedade mais ampla.

Ronaldo Vainfas afirma:

É a chamada micro-história, entendida aqui como um gênero específico de narrativa e modo de fazer história. A micro-história se afirmou sobretudo nos anos 80, podendo ser considerada, a rigor,

como uma das manifestações da história das mentalidades, inclusive no tocante à disparidade de temas e recortes no seu interior [...] O objeto da micro-história, diz Chartier, não reside “nas estruturas e mecanismos que regem, fora de todo subjetivismo, as relações sociais, mas sim nas racionalidades e estratégias que põem em funcionamento as comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos. (VAINFAS, 1997, p. 147).

A partir da construção da narrativa de uma trajetória de vida podemos perceber a irredutibilidade do indivíduo, seu comportamento em relação a sistemas normativos gerais, suas tramas, levando em consideração a experiência vivida as relações entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade, experimentando o tempo como prova de vida. (GINZBURG, 1998).

A trajetória de vida possibilita compreender e refletir sobre a condição humana, tendo em vista sua complexidade e inteligibilidade. O saber histórico, sociológico e antropológico serviu como base epistemológica, teórica e conceitual para a construção dessa dissertação, criou formas e texturas aos saberes empírico e evidências históricas.

Compreender, analisar, refletir, investigar, decifrar códigos verbais e não verbais, inferir sobre experiências e vivências de um determinado indivíduo, inconcluso e inacabado (FREIRE, 1996), configura-se numa atitude que põem em evidência a complexidade do ser humano, repleto de limites e fronteiras culturalmente construídas pela sociedade.

A dificuldade é redobrada quando se trata não somente de analisar os ódios, mas de compreender e explicar aquilo que precisamente não é dito, não é proclamado; aquilo que é negado e que se constitui, entretanto, como um móbil das atitudes, concepções e percepções sociais. (DIDEROT, 2004, p. 29).

A memória, neste sentido, torna-se atributo essencial no processo de formação de identidades, referenciais e escolhas do indivíduo, seja na sua capacidade de explanação, ocultação, esquecimento e ressentimentos (os rancores, as invejas, os desejos de vingança e GINZBURG os fantasmas da morte) referentes ao seu universo mental. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são

lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”. (HALBWACHS, 2006, p. 30).

A memória individual não pode ser pensada de forma isolada, dissociada da dinâmica que faz parte das relações sociais, das redes de sociabilidades entre indivíduos e grupos étnico-sociais, assim, a presença dessa interatividade deixa em evidência a função social atribuída à memória. Uma memória individualizada, compartilhada e humanizada.

Entendendo as particularidades de cada memória, busquei preservar nesta pesquisa a verdadeira identidade de alguns interlocutores que não autorizaram a divulgação do seu nome, e alguns dos indivíduos que aparecem nas narrativas destes interlocutores, nomes fictícios foram referendados.

A partir de toda construção de raciocínios e ligações conceituais, posso compreender este estudo “Uma<sup>4</sup>História de Cabeluda: Mulher, Mãe e Cafetina” como uma teia social com linhas e movimentos que sofrem variações com o tempo e são balizadas a partir das experiências compartilhadas.

A seção 1, **Introdução**, onde se delinea a contextualização do tema, motivação, justificativa e alguns aspectos da metodologia da pesquisa.

A seção 2 que se segue, **O jogo das Autoridades e Moralidades**, elaboro uma discussão sobre o “lugar social e moral” das mulheres na produção historiográfica no tempo e no espaço, dialogo com a historiografia da prostituição, seu trato jurídico, moral e acadêmico, e, reflito sobre a sexualidade e o pensamento cristão no processo de construção de “verdades universais” sobre a condição feminina, que implica na formulação de “tipos ideais” de ser mulher no mundo pautado nos valores morais-cristãos.

A seção 3, **Cachoeira e sua dinâmica**, discuto sobre a história da Cachoeira, a fim de compreender a dinâmica social que transformou a cidade num grande potencial econômico e cultural em pleno século XVIII e XIX, não perdendo de vista a inserção de Cabeluda na história local e suas vivências a partir de um diálogo

---

<sup>4</sup> Sobre isso, Hayden White de forma provocativa afirmou que: “Uma das marcas do bom historiador [...] é a firmeza com que ele lembra a seus leitores a natureza puramente provisória das suas caracterizações dos acontecimentos, dos agentes e das atividades encontrados no registro histórico sempre incompleto”. Cf. WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 2014, p. 98.

permanente com o tempo presente. Através de um circuito fotográfico reinterpreto o universo urbano de Cachoeira, usando como parâmetro a rede de prostituição e o projeto de higienização e urbanização do espaço público vivenciado no início do século XX.

Em seguida a seção 4, **Narrativas e tramas de Cabeluda**, narro sobre os caminhos trilhados pela personagem, desde a sua infância até os dias atuais, a fim de discutir, analisar e resignificar questões que envolvem o enredo subjetivado por ela e pelo imaginário de moradores da cidade. Utilizando-se das memórias e experiências compartilhadas, descrevo lembranças de mulheres que trazem no corpo e na fala, marcas de um passado silenciado. São as “donas” de um saber adquirido através de experiências individuais e coletivas, são mulheres de “carne e osso”, que possuem uma vida simples e socialmente invisibilizadas.

Por fim, a seção 5, **Considerações finais**, onde elaboro uma análise dos elementos constitutivos da condição feminina dentro das relações de poder emanadas pelo empoderamento e o patriarcado, e num jogo performático interrogo: como ocorre a dança das cadeiras destes conceitos nas experiências vivenciadas por Cabeluda? Quais as suas estratégias de sobrevivência que a aproxima de uma relação de resistência e dominação? Quais as sujeições vivenciadas em prol do reconhecimento social? Por fim, faço uma inferência sobre o conceito de prostituição nas relações humanas e capitalistas.

## 2 O JOGO DAS “AUTORIDADES” E “MORALIDADES”

Figura 1 - Malinche<sup>5</sup>. *La pasión de Sor Juana*, 2012



Fonte: Grace Barraza-Veja (2012).

### A Autoridade

Em épocas remotas, as mulheres se sentavam na proa das canoas e os homens na popa. As mulheres caçavam e pescavam. Elas saíam das aldeias e voltavam quando podiam ou queriam. Os homens montavam as choças, preparavam a comida, mantinham acesas as fogueiras contra o frio, cuidavam dos filhos e curtiavam as peles de abrigo. Assim era a vida entre os índios onas e os yaganes, na Terra do Fogo, até que um dia os homens mataram todas as mulheres e puseram as máscaras que as mulheres tinham inventado para

<sup>5</sup> No contexto do processo de Conquista da América, as civilizações nativas do México foram invadidas pelos espanhóis em 1519, o conquistador mais importante foi Hernan Cortés. Chamada pelos índios de Malintzin e conhecida pelos espanhóis por doña Marina, “La Malinche” foi uma índia da etnia Nahuatl que se tornou intérprete e amante de Hernan Cortés. Para os mexicanos, atualmente, a sua existência representa um duplo sentido, ora como símbolo da entrega voluntária ao conquistador, a traidora e pecadora; ora como genitora do biculturalismo e bilinguismo, atribuindo-a como símbolo de resistência e redenção (ESQUIAVEL, 2007).

aterrorizá-los. Somente as meninas recém-nascidas se salvaram do extermínio. Enquanto elas cresciam, os assassinos lhes diziam e repetiam que servir aos homens era seu destino. Elas acreditaram. Também suas filhas e as filhas de suas filhas. (GALEANO, 1997, p. 11).

## 2.1 HISTÓRIA DAS MULHERES

Somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder (FOUCAULT, 2012, p. 180).

Como as mulheres se tornaram objeto da História? Quais foram as suas implicações teórico-metodológicas? Como o gênero foi desenvolvido como uma categoria de análise? Rachel Soihet (1997, p. 275-296) comenta que a preocupação da História Cultural com as identidades coletivas e a ampla variedade de grupos sociais foram as condições perfeitas para a inclusão das mulheres como objeto e sujeitos da História.

Com a criação dos *Annales* (1929), revista de história econômica e social, a pesquisa histórica começava a tratar novos problemas e novas abordagens. Após a Segunda Guerra Mundial, particularmente a partir de 1968, impõe-se nos estudos históricos uma nova palavra, os “marginais”. Grupos sociais e indivíduos que viviam à margem do sistema social, sejam por uma questão econômica, ideológica, cultural ou moral passou a ganhar vozes e sentidos nos trabalhos de muitos historiadores.

A tomada de consciência ou da palavra oriundas de setores marginalizados, como por exemplo, os hippies, os movimentos feministas, os presos, etc. fizeram com que esses grupos se rebelassem contra as diversas formas de exploração, dominação e exclusão, que estão na base da reprodução da ordem social.

Ser marginal significa ocupar um estatuto mais ou menos informal no seio da sociedade e encontra-se numa situação de transitoriedade. “Um indivíduo ou um

grupo pode participar das relações de produção, recusando as hierarquias dos valores dessa sociedade”. (SCHMITT, 2005, p.356).

A nova corrente historiográfica proporcionou um redirecionamento epistemológico e visual referente aos domínios da História. Em oposição a uma historiografia factualista, centrada nas ideias e decisões de grandes “homens”, a Nova História buscou a partir de significações elementares da vida cotidiana e da cultura popular apresentar temáticas e grupos sociais que, por muito tempo, foram excluídos pela historiografia. As mulheres faziam parte desse mundo de exclusão, mas elas não foram imediatamente incorporadas à historiografia pelos Annales, porém, estes, contribuíram para que isto, no futuro bem próximo, se realizasse.

Com a terceira geração dos Annales, o movimento da história social coloca a mulher como objeto de estudo e a abordagem feminina ganhou novos sentidos e representações, tornando-se uma “categoria útil de análise histórica”. “A desconstrução da história geral leva à reconstrução de novas narrativas”. (EPPLÉ, 2009, p. 139).

A narrativa histórica que colocava a mulher no cenário da história “miserabilista”, ou seja, a vitimada, humilhada, enganada, violentada, etc., começava a dar ênfase à mulher rebelde, ativa e atriz do processo histórico. O trato para com as mulheres por parte de alguns historiadores sociais ou de outras áreas não foi significativo para alterarem o foco da condição feminina, relegando-as a uma categoria homogênea, mesmo sendo referendadas em contextos e papéis diferentes, ser mulher não mudava o seu lugar na história.

A maioria dos estudos sobre o papel social feminino, até o final da década de 1970, estava ancorada no campo da Educação, Pedagogia e Psicologia, sem preocupação com a formação da identidade feminina enquanto sujeito histórico, ignorando as condições objetivas da vida cotidiana da mulher brasileira. A partir da década de 1970, tornou-se imprescindível uma discussão pautada em novos problemas e novas abordagens históricas, e não menos importante, pela nova concepção de objeto e fontes históricas.

Outra corrente importante é a denominada “História Social Inglesa”<sup>6</sup>, onde surgem diversos autores que retomaram a história dos indivíduos por focos amplos, pautados no estudo das dimensões culturais da sociedade. A História Social, mesmo antes de ser um campo definido, surge em oposição às limitações da historiografia tradicional e “passa a ser encarada como perspectiva de síntese, como reafirmação do princípio de que, em história, todos os níveis de abordagem estão inscritos no social e se interligam” (CASTRO, 1997, p. 46).

Durante a Idade Moderna, em Portugal, como em outros países da Europa, desenvolveu-se um processo de padronização dos costumes que “criminalizou” comportamentos. As mulheres foram submetidas a esse processo de civilização dos modos femininos. Na sociedade portuguesa no período setecentista, as condutas das mulheres eram ditadas em leis que se convertiam em padrões a serem seguidos, assim como afirma Margarida Sobral Neto:

Os códigos legislativos do Estado e da Igreja – as Ordenações Filipinas e as Constituições dos Bispados, manuais de civilidade e sermões, foram instrumentos utilizados para definir padrões de condutas e valores. Por seu turno, documentação régia e eclesiástica registrou as transgressões e a sua penalização (SOBRAL NETO, 2001, p. 28).

No Brasil Colonial, a legislação portuguesa e as práticas sociais acentuavam o caráter subalterno da mulher. Essa condição configura-se numa herança de antigas tradições, que tinha como base o pensamento de Aristóteles<sup>7</sup> e de outros que justificavam a inferioridade feminina a partir de legislações civis e canônicas.

Arno Wehling deixou registrado em sua obra “Formação do Brasil colonial” os quadros mentais da sociedade do Brasil Colônia:

---

<sup>6</sup> E. P. Thompson que colocou as noções de experiência e cultura no bojo das análises sobre a ação social.

<sup>7</sup> Aristóteles em “*Política*” deixa bem claro o seu pensamento acerca da condição feminina e o seu lugar na sociedade greco-romana. Enquanto o homem é um ser político, dotado de razão, a mulher é naturalmente concebida como um ser submisso, sendo comparada a elementos que a reduzem a um animal e a um escravo. “Os animais são machos e fêmeas. É mais perfeito o macho, e dirige; é-o menos a fêmea, e obedece. Essa é aplicável naturalmente a todos os homens”. (ARISTÓTELES, 2004, p. 18). Desde a década de 1970, novas pesquisas historiográficas passaram a refutar essa concepção naturalista, e apontam novos olhares sobre o gênero feminino, rejeitando a natureza biológica como responsáveis pelas diferenças e desigualdades entre homens e mulheres, com intuito introduzi-las na esfera das construções sociais.

Apesar do abrandamento das restrições no código de Justiniano e no direito canônico medieval, em relação a posições anteriores, as mulheres ficaram numa condição de inferioridade e de franca dependência face ao marido, embora não mais, como na Roma Clássica, face aos filhos, quando enviuvavam. (WEHLING, 2005, p. 278).

O código criminal do Brasil durante o Império, no que se refere aos crimes de natureza sexual cometidos contra a mulher e os critérios de punição passam pelo crivo da conduta sexual “adequada”, e ser honesta ou não eram condicionamentos que determinavam o tipo de pena. (PIERANGELLI, 1980). Durante o Brasil Império, o Código Criminal de 1830 punia quem deflorasse mulher virgem menor de 17 anos. A pena era de 1 a 3 anos. Se a violência for com qualquer mulher honesta, a prisão passa a ser de 3 a 12 anos. Caso a violentada seja prostituta, a prisão pode ser de 1 mês a 2 anos.

O termo “mulher honesta” perdurou nos Códigos Penais do Brasil até 2005, pois a partir da promulgação da lei 11.106/2005, proveniente do projeto de lei PL/117/2003 da Deputada Iara Bernardis (PT-SP), eliminou-se definitivamente o termo.

Alberto Heráclito Ferreira Filho em seu livro “Quem pariu e bateu, que balance! Mundos femininos, maternidade e pobreza – Salvador, 1890-1940”, aborda a questão da opinião pública sobre os comportamentos das mulheres, o papel da imprensa baiana frente ao universo feminino, principalmente no tocante à sua sexualidade. Os jornais “A Tarde” e o “Diário de Notícias” da Bahia foram um dos principais documentos impressos que deram a oportunidade para que o autor chegasse a essas conclusões:

Os homicídios cometidos pelos homens em “defesa da honra” eram, em princípio, absolvidos pela opinião pública e pela imprensa. Mesmo vistos como crime pela Legislação republicana, os costumes pareciam repetir as prescrições das Ordenações Filipinas, segundo as quais o assassino de mulher adúltera e seu amante pelo esposo traído não era visto como delicto. (FERREIRA FILHO, 2003, p. 77).

Esses critérios de punição evidenciam o trato que foi dado às mulheres durante grande parte da História do Brasil. Os comportamentos no cotidiano, a

dinâmica da sociedade, as redes de sociabilidades e os valores culturais fizeram-se presentes na legislação brasileira, e a sociedade em si, principalmente no tocante às mulheres, o julgamento e as punições eram construídas com os olhos da moralidade, em que o sexo evidentemente se tornou a medida de todas as coisas, e a justiça o maior órgão de controle social em prol do “respeito à honra da mulher”.

Para Martha de Abreu Esteves (1989), as próprias vítimas de agressão se tornavam ré no tribunal e na opinião pública em pleno século XIX e XX, porque não atendiam a um comportamento culturalmente esperado ou por serem transgressoras do papel imposto às mulheres, as prostitutas dentro dessas relações, eram presas fáceis da moralidade brasileira.

Martha de Abreu Esteves na sua obra “Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque” (1989) elabora uma discussão sobre o pensamento e a prática jurídica em relação aos crimes contra a “honra das famílias”, dando ênfase na difusão das normas sociais e do processo de marginalização da conduta feminina. Para tal, a autora discute a obra de cinco grandes juristas<sup>8</sup> do final do século XIX e início do XX. Essas obras dizem respeito aos conhecimentos sobre crimes sexuais e visam organizar uma jurisprudência orientadora das punições.

Dentre os definidores da culpabilidade da ré, a mulher que procurasse reparar uma ofensa teria que articular um discurso convincente sobre sua honestidade, dentro dos parâmetros esboçados pelo saber jurídico e médico. Os discursos sobre os padrões de honestidade referente ao gênero feminino faziam parte de vários atores jurídicos, como – advogados, juízes e promotores.

Muitas das mulheres vítimas se tornavam réas, pois “a grande questão dos advogados era, então, demonstrar que as ofendidas não possuíam os valores merecedores do apoio e proteção da Justiça”. (ESTEVEES, 1989, p. 39). As mulheres, neste sentido, eram julgadas por suas condutas sociais e, caso possuíssem “honra duvidosa” ou fossem prostitutas, a pessoa que cometesse algum delito contra elas, sofriam penalidades inferiores.

---

<sup>8</sup> Viveiro de Castro, Evaristo de Moraes, Macedo Soares, João Vieira e Galdino Siqueira.

No seio da sociedade existiam vários medidores e/ou indicadores da conduta social, um desses mecanismos se pautava na representação simbólica configurada na rua, espaço ambíguo para o período histórico estudado por Martha de Abreu Esteves (1989). A rua apesar de ser o lugar onde o progresso e a modernidade se instauram, é também um ambiente arcaico e conservador, na medida em que se torna o lugar da discórdia, da vagabundagem e dos maus costumes para as mulheres.

O perigo está fora de casa, e cabe à mulher ficar restrita ao lar, cuidando da casa e dos filhos. “Freqüentar bordéis, “efetuar pândegas”, ir a bailes (principalmente no Nacional Club), “freqüentar hospedarias”, “ir ao Moulin Rouge” era comportamentos típicos de prostitutas”. (ESTEVEES, 1989, p. 50). Esses discursos serviram para estigmatizar os comportamentos femininos com o objetivo de propagar as “verdadeiras” atitudes de uma “mulher higienizada”.

Sidney Chalhoub trata os pressupostos da higiene como uma ideologia, ou seja:

Como um conjunto de princípios que, estando destinados a conduzir o país ao “verdadeiro”, à “civilização”, implica a despolitização da realidade histórica, a legitimação apriorística das decisões quanto às políticas públicas a serem aplicadas no meio urbano. (CHALHOUB, 1996, p. 35).

Reuniões privadas, como bailes, teatros, jantares e recepções sociais eram o seu lugar de sociabilidade positivamente aceito pelos princípios morais.

Ser prostituta no século XIX implicava não apenas as relações sexuais em si, mas também uma série de determinados comportamentos e pensamentos, além do mais era considerada uma grande ameaça às famílias, aos negócios e à própria saúde da sociedade.

Segundo Chalhoub, “o discurso médico procurava captar as diferenças de natureza entre os sexos a partir da maneira como homens e mulheres reagem ao amor e aos sentimentos em geral”. (CHALHOUB, 2001, p. 177). Além dos discursos médicos, os comportamentos sexuais diferentes sofriam discriminação racial (a mulata como sedutora) e de classe (a trabalhadora).

O médico F. Ferraz de Macedo, em sua tese de doutoramento sobre a prostituição no Rio de Janeiro, de 1873, conclui que entre as várias causas que favorecem a prostituição pública, destacam-se: a ociosidade, a preguiça, o desejo desmesurado de prazer, o amor ao luxo, a miséria financeira, que leva a mulher a buscar recursos próprios fora do lar, o desprezo pela religião, a falta de educação moral e principalmente o temperamento erótico da mulher. (RAGO, 1985, p. 86).

Essas causas dialogam com o pensamento de que ser prostituta é agir de forma instintiva e natural. É como se existisse uma predisposição inata por parte das mulheres que seguem o caminho da prostituição, desconsiderando os fatores sociais e econômicos e, por que não os valores morais, na medida em que se constrói uma rede de condutas e convenções que, ao mesmo tempo, inclui e exclui a mulher nas tramas sociais.

Sobre o pensamento feminista, o diálogo com o Direito, contribuiu muito para o aumento de denúncias sistemáticas a respeito da discriminação da mulher, seja na legislação nacional e internacional, seja na prática jurídica. No que tange à criminologia e às ciências criminais, foi a partir dos anos 1970 que a posição desigual da mulher perante o direito penal ganhou visibilidade, seja na condição de vítima, seja na condição de criminosa.

Neste período, a criminologia crítica ganhou fôlego e passou a questionar o sistema penal de controle do desvio, revelando as oposições latentes entre a igualdade formal pregada pelo sistema de justiça criminal e a desigualdade substancial a que os indivíduos são submetidos, expondo a seleção dos indivíduos estigmatizados como delinquentes no seio da população pobre e a imunidade daqueles provenientes da alta classe (BARATTA, 1999).

A teoria do pensamento crítico, defendido por Alessandro Barata (1999) tem como objetivo denunciar o sistema penal reprodutor das relações sociais existentes, de manutenção da estrutura vertical da sociedade e dos processos de marginalização. A criminologia entende que o sistema de justiça criminal é ineficaz em relação a proteção das mulheres contra a violência, uma vez que não previne novas violências e nem contribui para a transformação das relações de gênero. Isso implica em dizer que as mulheres são submetidas a julgamentos de acordo a uma moral sexual dominante. Se para o gênero feminino de uma forma geral as

conquistas sociais foram tão caras, imaginem no que se refere às profissionais do sexo. (ANDRADE, 1999, p. 112).

## 2.2 HISTORIOGRAFIA DA PROSTITUIÇÃO FEMININA

A prostituição é conhecida como a prática remunerada mais antiga do mundo, mas no Brasil<sup>9</sup> ainda não é considerada uma profissão. A origem deste fenômeno não possui uma data precisa na história da humanidade, embora se tenham registros de que essa atividade se desenvolveu sob a forma comercializada nas civilizações avançadas da Antiguidade.

Com o passar do tempo, a prostituição foi ganhando novas formas e contornos sociais influenciados por condicionamentos culturais, religiosos, econômicos e psicológicos. Dentre esses aspectos, existe um fator em comum para a tal prática: a luta da mulher pela sobrevivência a fez optar pela prostituição.

Christiane Desroches Noblecourt na sua obra “A mulher no tempo dos faraós”, faz uma discussão sobre as prostitutas que faziam parte da vida social e cultural das sociedades do Novo Império<sup>10</sup> e de todo Oriente Próximo<sup>11</sup>. Nas civilizações que se formaram na região do Oriente Próximo, os filhos mais velhos da nobreza tinham grandes liberdades em relação aos seus estudos e frequentavam certas ruas “quentes” da capital, e os “cafés” onde se bebia vinho e cerveja.

Dentro das “casas de cervejas” havia muitas jovens belas e fáceis. No parágrafo 110 do código de Hamurabi<sup>12</sup> essas “casas de cervejas” são apresentadas como o lugar onde as condutas imorais das mulheres são praticadas.

---

<sup>9</sup> Atualmente tramitam-se no Congresso Nacional, projetos sobre a legalização da prostituição no Brasil, porém esta questão tem sido motivo de muita polêmica.

<sup>10</sup> Período de grande expansão do poder dos Faraós, onde importantes conquistas territoriais foram realizadas sobre as regiões da Mesopotâmia e das proximidades do Sudão.

<sup>11</sup> Região que engloba a Anatólia, que é a porção asiática da Turquia, o Levante que compreende a Síria, Líbano, Jordânia, Chipre, Israel e territórios Palestinos; Mesopotâmia, que é o Iraque, e a Transcaucásia que engloba Geórgia, Armênia e Azerbaijão.

<sup>12</sup> Ver o site: <<http://www.cpihts.com>>.

A esse respeito, um papiro confirma-nos que, no mais das vezes, elas eram habitadas pela “mulher babilônica”. Em todo caso, a prostituição existia já no Novo Império. O termo khenémet é usado para designar uma meretriz, com frequência cantora e dançarina, às vezes tatuada no quadril e nas coxas. (NOBLECOURT, 1994, p. 328).

A Antiguidade Clássica foi um período que despertou interesses entre historiadores, biógrafos e filósofos na obtenção de informações sobre a participação das mulheres nas sociedades e civilizações antigas. As interpretações da vida das mulheres estão presentes em vários discursos de filósofos e historiadores da época, Heródoto e Tucídides constituem fortes influências na composição da vida social das mulheres gregas, afirma Christiane Desroches Noblecourt (1994). Nos documentos antigos em papiros, nos testemunhos literatos e nas cartas de Cicerón e Plínio, também podemos encontrar informações sobre a vida das mulheres, tanto na vida privada como na vida pública, assim como as mulheres pertencentes a classes sociais diversas com ocupações e papéis distintos.

Sara B. Pomeroy em “Diosas, Rameras, Esposas y Esclavas: Mujeres em la Antigüedad Clásica” (1999) realiza um estudo no âmbito da História Social referente ao mundo feminino na Antiguidade Clássica, compondo uma análise sobre os discursos que aparecem na literatura clássica, evidenciando o lugar e os papéis femininos na civilização greco-romana. A autora declara que os testemunhos literatos da Antiguidade Clássica apresentavam graves problemas para os historiadores sociais, pois, apesar da existência das mulheres nessa literatura, havia situações em que as informações eram distorcidas com bastante frequência. Considerando que, toda literatura clássica foi escrita por homens e muitos casos de misoginia estão presentes nessas literaturas.

A prostituição floresceu na Grécia desde o período arcaico. Nas grandes cidades, situadas em regiões costeiras, um vasto número de prostitutas eram visitadas por marinheiros. Em Atenas, os estabelecimentos dos bordéis eram de propriedade do Estado, que eram dirigidos por escravas. A maioria das prostitutas eram escravas, e nesta condição, uma prostituta poderia conseguir liberdade por parte do seu proprietário ou comprar sua própria liberdade. Havia mulheres livres e cidadãos de Atenas que praticavam a prostituição como profissão dentro de suas

casas, e tinham que estar registradas para poder realizar o pagamento do imposto especial. (POMEROY, 1999).

Existiam prostitutas, que possuíam formação intelectual e talentos artísticos, características que serviam como atrativos para os homens. Na sociedade ateniense era permitido aos homens casados copular com as prostitutas, e estas, deveriam estar sempre à disposição dos seus amos. As prostitutas de Atenas eram excelentes mercadoras e as únicas mulheres que exerciam controle independente sobre consideráveis dinheiros.

Pomeroy (1999) trata de questões importantes sobre a prostituição, dentro da sua análise social, a autora relata que a prática do infanticídio entre as prostitutas eram na medida em maior proporção do que as cidadãs gregas. Ela afirma que as prostitutas preferiam mais as meninas do que os meninos, porque serviriam para sucedê-las na profissão. Elas também tinham o hábito de comprar jovens escravas, coletar meninas recém-nascidas abandonadas por seus pais, lhes ensinavam o ofício da prostituição e colocavam-nas em bordéis.

Em todos os períodos da História, as sociedades sempre defiram os papéis das mulheres, cada sociedade no seu tempo com suas peculiaridades sociais, mas no mundo Ocidental, quando o assunto é mulher, o modelo universal de comportamento feminino é balizado pelo sexo.

José Rivair Macedo em “A Mulher da Idade Média” (2002) afirma que a história das mulheres no Ocidente Medieval:

Boa parte foi escrita por religiosos, inspirados por princípios éticos impregnados pela ideia da culpa e do pecado, que associavam o sexo e/ou a sexualidade ao demônio; e a mulher, a um instrumento demoníaco (MACEDO, 2002, p. 10).

Sobre as prostitutas o mesmo afirma que a prostituição existiu no mundo rural, mas escapava ao controle das autoridades, que esta evoluiu para o mundo urbano, passando a ser organizada e situada em zonas delimitadas, sob a vigilância dos governos municipais.

Nas cidades francesas medievais o meretrício era tolerado e existiram locais alugados (prostíbulos públicos) pelos chefes da comunidade ou burgueses ricos e estes espaços eram protegidos pelas autoridades locais e a fornicação era exercida livremente. Além dos bordéis públicos, onde as pessoas podiam desfrutar dos

prazeres carnais, havia também os bordéis particulares que não eram controlados pelo município e eram tolerados pela sociedade.

Em Veneza, antes de 1358, a prostituição acontecia de forma clandestina, mas, no mesmo ano, o Grande Conselho Municipal resolveu abrir um estabelecimento, sendo a atividade institucionalizada de acordo aos interesses públicos. No final do século XIV, havia em Portugal diversos bairros “prostibulares”, e sob a autorização régia, os administradores de Lisboa, designaram certas ruas para os estabelecimentos dos prostíbulos, proibindo a convivência de homens casados e suas famílias nesses lugares.

A prostituição era concebida com um “mal necessário”. Mesmo considerada imoral, se permitia tal prática a fim de aliviar as tensões, servindo de válvula de escape para as limitações sexuais impostas pela Igreja. Teólogos como São Paulo, concebia o casamento como um remédio de Deus, um sacramento, na relação conjugal o prazer era algo impossibilitado, assim, havia uma estimulação da busca pelo prazer fora do casamento. “Com a esposa, o homem cumpria as obrigações de marido; com as prostitutas, buscava o deleite” (MACEDO, 2002, p. 62).

Na França, a prostituição servia também para “amenizar” a violência juvenil e diminuir os casos de estupros, ataques contra as mulheres casadas e “resolvia” o “problema” da homossexualidade masculina que eram alvos dos governantes das cidades italianas. “Pelo menos em Florença e Veneza, nos séculos XIV e XV, as meretrizes concorreram com os homossexuais para conquistar a preferência dos homens” (MACEDO, 2002, p. 62). Apenas o direito bizantino condenava a prostituição. Em bizâncio as restrições caíam sobre os homens e, caso introduzissem as filhas ou escravas nessa atividade, poderiam sofrer sanções, como por exemplo, perder os bens, ser preso ou trabalhar nas minas do Estado.

No contexto dos países ocidentais, durante os séculos XVIII e XIX, a industrialização, a revolução econômica que provocou o êxodo rural, aumentando o desemprego e agravando as condições de pobreza e “promiscuidade” na vida urbana, fez florescer, gradativamente, a prostituição por toda Europa, principalmente nas cidades da Espanha e da França. O aumento desta atividade acentuou preocupações higienistas por parte de autoridades e médicos, que tiveram que

acionar o policiamento com o objetivo de exterminar com a proliferação de infecções de algumas doenças venéreas.

Arno Wehling (2005) aponta que no Brasil, há registros da prostituição desde o século XVI. As prostitutas eram usualmente negras e mulatas, escravas ou livres. Sobre essas questões étnica-raciais, Gilberto Freyre (2004) afirma que, o próprio biótipo da mulher mulata ou mestiça consignava-a sedutora, apesar de argumentar na década de 30 do século XX que a depravação sexual não se deu à custa da raça negra e sim do sistema econômico e social da escravidão, as associações entre clima tropical, prazer sexual e mulher mulata continuavam presentes no seu discurso sobre a moral sexual das sociedades. Chica da Silva foi uma escrava que se tornou prostituta e em seguida, a grande senhora, casos como o dela não ficaram isolados durante a história do Brasil (FREYRE, 2004).

No século XVIII na região mineradora e nas áreas portuárias campeava a prostituição, período este em que a sociedade ainda não chegara a nenhum modelo de estratificação mais estável.

A cidade da Cachoeira também se consagrou nas relações comerciais por ser uma cidade portuária, com entrada e saída fácil de mercadorias através de embarcações típicas da época, nela, a rede de prostituição instaurou-se por quase todas as intermediações do porto.

**Figura 2** - Vapor de Cachoeira, s/d.



**Fonte:** Acervo IPHAN.

Luciano Figueiredo em “Mulheres nas Minas Gerais” apresenta a situação das meretrizes mineiras na segunda metade do século XVIII e as diversas tentativas da força do Estado e da Igreja na repressão da prostituição, além dos juízos de valor que recaíam sobre as prostitutas, o Estado tentou restringir seu campo de ação e colocou os poderes policiais das câmaras para reprimir condutas “erradas”. (FIGUEIREDO, 2008, p. 157). O mesmo aponta em seus estudos que a situação de pobreza em que muitas mulheres viviam constituía um caminho obrigatório para a prostituição a fim de tentar pagar impostos, confiscos, multas e prisões.

As mulheres pobres e forras seriam fortemente marcadas com a introdução do novo método de cobrança do quinto a partir de 1735. Esse direito que possuía a Coroa Portuguesa de receber 20% sobre todo o ouro retirado de seus domínios passou por sucessivas formas de cobrança ao longo do século XVIII. (FIGUEIREDO, 2008, p. 158).

A partir do século XIX, a prostituição moderna aparece como fenômeno essencialmente urbano, inscrevendo-se numa economia pautada no desejo, caracterizada por uma sociedade mediada pela troca e codificada por um sistema moral que valoriza a união sexual monogâmica, a família nuclear, a fidelidade feminina inscrita numa sexualidade insubmissa e despudorada (RAGO, 2008). Por outro lado, havia uma preocupação da sociedade com a moralidade pública, com a

definição dos códigos de conduta da mulher num contexto de intensa atividade industrial no Brasil. A condição feminina nesta época era referenciada através do enquadramento conceitual da mulher enquanto “rainha do lar” ou “mulher da vida”.

Na cidade de São Paulo como aponta Margareth Rago (2008) entre 1890 a 1930, a prostituição se configurou como espaço visível, espetacularizado e quantificável à medida que o mercado capitalista expandia-se e a prostituição enquanto profissão passava a ser reconhecida.

A prostituição foi vivenciada como linha da constelação familiar, da disciplina do trabalho, dos códigos normativos convencionais: lugar da desterritorialização intensa e da constituição de novos territórios do desejo. Configurou-se, portanto, como espaço onde puderam emergir outros modos de funcionamento desejante – anárquicos, microscópicos, diferenciados, mais do que como lugar da transgressão do interdito sexual, como é em geral analisada. (RAGO, 2008, p. 27).

Na República muitas vezes se levantaram contra a prostituição em Salvador. A higienização do espaço público expunha a sujeira moral da cidade, onde velhos casarões, ruas estreitadas e espaços de meretrícias confundiam-se como elementos a serem combatidos pelas medidas de profilaxia social. A medicina e outros saberes instituídos, como o direito, a psiquiatria e a religião no Brasil, “difundiram visões sobre o corpo da prostituta e sobre sua atividade: vadiagem, perversão, pecado, doença, ninfomania, consequência da miséria, ameaça à saúde pública etc.” (MORAES, 2014, p. 120).

Vista como um problema para a sociedade, a prostituição era associada como perigo recorrente. Cachoeira também passou por esse processo de higienização no início do século XX, como objetivo de exterminar gradualmente os focos de prostituição permanentes. Muitas casas não conseguiram manter-se diante da reforma urbana e da revisão dos hábitos e costumes de uma “cidade higienizada”, deixando a prostituição de existir em determinados espaços, isso ocasionou um processo de deslocamento da zona de prostituição para outras áreas da cidade.

Margareth Rago (1985) na sua obra “Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930” afirma que à medida que se elabora o conceito de higiene social, a teoria da prostituição inata e hereditária ganhava cada vez mais,

adeptos, sendo contestada pelos anarquistas no Brasil e na Europa. Existiram também estudos que têm o objetivo de provar através da antropologia criminal que os anarquistas, criminosos e prostitutas, possuem uma configuração cerebral diferente da maioria das pessoas normais.

Apoiando-se em Lombroso, para o qual as prostitutas se caracterizam por sua fraca capacidade craniana e por mandíbulas bem mais pesadas que as das mulheres honestas, o delegado Cândido Motta procurava provar as semelhanças da constituição física dos criminosos natos e dos anarquistas. (RAGO, 1985, p. 91).

Os estudos de Lombroso apontam para os mecanismos de controle social que faz uso da ciência para justificar a incapacidade e inferioridade de grupos sociais distintos e marginalizados, assim como os ensinamentos cristãos, o saber científico serviu para instituir um poder sobre os demais saberes ditos “inferiores”.

Na Bahia, no âmbito da pesquisa histórica, existem importantes referenciais sobre estudos da prostituição. Nélia Santana (1996) elabora uma análise sobre as práticas e representações vinculadas à prostituição feminina em Salvador nos anos de 1900 a 1940. A rede de prostituição analisada pela autora possui uma discussão base que dialoga com as questões de moralidade e higiene pública.

O período estudado está circunscrito num projeto de modernização e urbanização do meio ambiente enquanto espaço físico e social. Este projeto, espelhado pelas noções de modernidade preconizada na Europa, causou mudanças nas relações da vida pública e privada, novas formas de sociabilidades no que diz respeito, principalmente ao espaço público ganham novos contornos sociais, causando efeitos nocivos principalmente aos grupos subalternizados em nome da “ordem” e do “progresso” à brasileira.

Para além dos efeitos moralistas e sanitaristas provenientes do projeto de modernização da cidade de Salvador, Nélia Santana, a partir do pensamento de Alberto Heráclito Ferreira Filho (1994) afirma que, tais discussões relacionavam-se:

A um novo papel a ser desempenhado pelos as mulheres na então recente ordem social republicana. Desde o período colonial, houve no Brasil uma acentuada valorização da imagem da mulher que se resguardava dos perigos e vulgaridades da rua. A sociedade escravista-patriarcal, ao conferir aos espaços privados um caráter

solene, transformou a rua num espaço de “excluídos”, ocupados por escravos de ganho, mendigos, vagabundos, prostitutas, etc. (FERREIRA FILHO, 1994, p. 94 **apud** SANTANA, 1996, p. 2).

Esse processo de urbanização iniciou-se no Brasil desde meados do século XIX, provocando transformações na vida cotidiana dos grupos sociais e, no caso das mulheres, a sua condição feminina foram se moldando a partir dos novos referenciais de civilidade e nação, modelo este, que nem todas as mulheres se adequaram a tais concepções de modernização. As prostitutas, no que diz respeito ao imaginário social nos primórdios da República brasileira, destoavam dos princípios da moralidade pública.

Nélia Santana aponta para as problemáticas que envolvem as formas de sobrevivência das mulheres pertencentes à classe trabalhadora, principalmente às profissionais do sexo, evidenciando a questão econômica e étnica feminina como princípio para se compreender a conjuntura sistêmica da prostituição em Salvador nas primeiras décadas do século XX. E apesar de não ter encontrado estatísticas que pudessem demonstrar com maior precisão a identidade étnica das prostitutas em Salvador, a autora chega a seguinte conclusão:

Contudo, é possível supor que grande parte desse grupo era composta por mulheres de cor. Em primeiro lugar, porque parcela considerável da população feminina era de negras e mestiças. Em segundo, porque nesta capital não se verificou, a exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo, intensa imigração de prostitutas estrangeiras. Em terceiro lugar, porque, apesar de haver lacunas nas séries documentais consultadas, os dados existentes indicam a predominância de mulheres não-brancas no exercício do meretrício. Isto não quer dizer que não houvesse mulheres brancas, porém estas eram em menor número. (SANTANA, 1996, p. 5).

A dissertação de Laíse Lemos dos Santos (2015) “Prazer e conflito: A prostituição feminina em Salvador (1889/1930)” está ancorada na análise de discursos de médicos e higienistas sociais da Primeira República (1889-1930) frente aos sistemas de regulação da prostituição. A cidade de Salvador, nesta época, era palco do projeto de progresso idealizador das elites que viam na modernização urbana a salvação para os “males sociais”, oriundos da prostituição instaurada na cidade.

As principais fontes utilizadas por Laíse Lemos dos Santos foram: Jornal Diário da Bahia; Revista Paladina do Lar; Teses da Faculdade de Medicina da Bahia e o Código Penal de 1890. O objetivo da autora é situar e refletir sobre a condição das mulheres prostitutas no contexto republicano, seus agenciamentos, discursos moralistas e os conflitos vivenciados nos espaços de prazer da cidade.

Com o intuito de analisar o imaginário social presente nas fontes utilizadas, Laíse Lemos evidencia os elementos definidores do modelo de feminilidade proposto no período Republicano que se constituiu em oposição à imagem da prostituta. A medicina neste contexto começa a olhar para a vida humana de forma diferenciada. Interferindo nos espaços públicos e privados, o lema era garantir a educação higiênica dos ambientes e controlar o comportamento sexual dos indivíduos.

A prostituição foi alvo das políticas médicas porque colocava em risco o futuro da nação por ser considerada fonte de transmissão de doenças venéreas, principalmente a sífilis, que influenciava hereditariamente para o nascimento de crianças frágeis e doentes. (SANTOS, 2015, p. 14).

Por causa dos discursos médicos e moralistas, a sociedade passa a sofrer uma espécie de pânico moral da sífilis e isso afetou diretamente o mundo da prostituição que de forma estigmatizada construíram uma ligação entre as mulheres que se prostituíam com a transmissão da doença.

Maria Carolina da Silva Martins da Silva promove uma discussão sobre o processo de urbanização que ocorreu na cidade de Feira de Santana entre 1960 a 1979. O principal teor da dissertação refere-se aos discursos moralistas da sociedade feirense frente às condutas femininas que utilizavam a prática da prostituição, haja vista que, nesta época, o fenômeno da industrialização como projeto do governo municipal desencadeou um processo de urbanização intensa na cidade.

A partir da implementação dessas práticas modernistas, uma das principais medidas do governo, através de intervenções políticas e policiais, foi exterminar, controlar e/ou diminuir os focos de atividade prostitucional, ocasionando processo de deslocamento sazonal. No decorrer do processo de industrialização Martins da Silva relata que:

Nesse momento, ocorreu um grande movimento populacional, principalmente de mulheres, que não foram absorvidas nos postos de trabalhos nas indústrias. Como se vê não bastava industrializar a cidade e promover reformas públicas: era preciso alçá-la para além do seu crescimento econômico, a qualquer custo. Na década de 70, os discursos de crescimento industrial eram acompanhados de discursos do progresso, da civilidade e da moral. Esses aspectos foram contemplados nas fontes jornalísticas, nas normas sociais (Código de Posturas Municipais, 1967), de forma a acentuar a imagem de Feira de Santana como cidade civilizada, portanto, ordenada. (SILVA, 2009, p. 116).

Os estudos de Martins da Silva inserem-se no contexto da ditadura militar, em que as repressões, prisões e torturas eram exercidas a todo custo, principalmente nos grupos considerados “baderneiros” e “desordeiros”. A autora relata, através de jornais da época, que havia conflitos entre as “mundanas”, crimes e arruaças nas zonas envolvendo as meretrizes e outros populares. Lembrando que, nesses jornais as prostitutas eram representadas de forma depreciativa. A partir de 1972 ocorreu um aumento na vigilância da cidade devido ao contexto de repressão e das atividades que causavam suspeitas de sublevação ao governo dos militares. (SILVA, 2009).

Diante da historiografia discutida, podemos compreender que, durante grande parte da história da humanidade, as prostitutas sempre foram consideradas uma categoria social “delinquente”, “marginal”, “promíscua”, etc., e vulnerável a sanções sociais ditadas em nome da “honra” e dos “bons costumes”.

A prostituição feminina ocorre em trânsito paralelo aos ideais de paixão, amor romântico, casamento e família, na vertente que consagra as relações heterossexuais monogâmicas como normais e adequadas aos papéis masculino e feminino. Esse modelo binário, determinado socialmente em masculino versus feminino, impôs e impõe limites à sexualidade feminina em tempos históricos.

O imperativo que limita a sexualidade feminina se encontra no fundamento da repressão que, para Foucault (2015) constitui-se na crônica crescente da história da sexualidade. O autor evidencia a história da Idade da Repressão que, para ele, teve início no século XVII, no contexto do desenvolvimento do capitalismo, compondo a ordem burguesa. O sexo reprimido, fadado à proibição, a inexistência e ao mutismo, quando verbalizado ganha status de transgressão; mesmo no silêncio, o sexo nunca

perde a sua voz. A repressão do sexo para Foucault (2015) constitui uma evidência histórica, pois possuem raízes e razões sólidas, um poder firmado na sociedade que canaliza as suas energias inúteis para reprimir os prazeres e condutas irregulares.

A ideia do sexo reprimido, portanto, não é somente objeto de teoria. A afirmação de uma sexualidade que nunca fora dominada com tanto rigor como na época da hipócrita burguesia negociada e contabilizadora é acompanhada pela ênfase de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo, a modificar sua economia no real, a subverter a lei que o rege, a mudar seu futuro. O enunciado da opressão e a forma da pregação referem-se mutuamente; reforçam-se reciprocamente. Dizer que o sexo não é reprimido, ou melhor, dizer que entre o sexo e o poder a relação não é de repressão, corre o risco de ser apenas um paradoxo estéril. Não seria somente contrariar uma tese bem-aceita. Seria ir de encontro a toda a economia, a todos os “interesses” discursivos que a sustentam. (FOUCAULT, 2015, p. 12-13).

Na esfera do Direito, o sistema da prostituição é regulado de modos diferenciados. Existem países que adotam modelos distintos, tais como: proibicionismo, abolicionismo e sistema regulador. O sistema proibicionista<sup>13</sup> criminaliza as manifestações da prostituição: a prostituta, o cafetão e o cliente. Esse modelo incorpora uma posição conservadora e dialoga com a ideologia da defesa social, fundada pelos princípios da legitimidade e culpabilidade.

O sistema de descriminalização ou abolicionista, na esfera do Direito Penal, a prestação de serviços sexuais não é objeto de sanção, são criminalizados os clientes e o que vivem da prostituição de outro, com intuito de atingir a procura pelo serviço sexual. Esse sistema considera que a prostituição é uma forma de violência sobre as mulheres e visa reintegrá-las à sociedade.

O sistema regulador ou de legalização encara a prostituição como um fenômeno social não erradicável, a prostituta é vista como prestadora de serviços e deve-se enquadrar em algumas exigências, como por exemplo, exames médicos regulares. Porém, esta regulação atribui total responsabilidade às prostitutas pela prevenção de doenças, não incluindo os clientes. Apesar de esta legislação favorecer as questões trabalhistas das profissionais do sexo, em se tratando da sua

---

<sup>13</sup> Este modelo existe nos Estados Unidos da América, China, Malta, Eslovênia e outros países do Leste Europeu.

força de trabalho, o que ocorre é uma exploração do sexo e a legitimação da apropriação capitalista da mais-valia.

A ideologia substitutiva construída pelas teorias liberais contemporâneas da criminalidade é uma ideologia complexa, que supera os pressupostos éticos e metafísicos que ainda se aninham na ideologia penal da defesa social (princípio do bem e do mal, princípio da culpabilidade, etc.) para pôr o controle social do desvio da típica plataforma tecnocrática, reformistas e eficientista que caracteriza a mediação política das contradições sociais, nos sistemas de máxima concentração capitalista. (BARATA, 2002, p. 153).

A legalização da prostituição confere uma proteção jurídica às prostitutas, mas, por outro lado, legitima a opressão de gênero sobre as mulheres, e a sua condição histórica de objeto perante o patriarcado é acentuada no momento em que os grandes “cafetões”, homens de negócios, terceirizam a atividade da prostituta, fomentando a indústria do sexo como uma zona de marginalidade legalmente instituída. Contudo, o sistema regulador acaba criando o avesso da legalidade, na medida em que as mulheres dizem não a essa política controladora, não se submetendo a exigências legais, exames de saúde, e a exploração dos “empresários do sexo”, preferem viver na clandestinidade.

Com base nos métodos sociológicos empiristas e nas ideias sanitaristas surge o sistema regulamentarista de domesticação das práticas sexuais criado na França, mas que passa a ser seguido no Brasil durante a primeira metade do século XX. Esse sistema visava definir uma nova economia do sexo e doutrinar o comportamento sexual, criando regras institucionais, tendo em vista que todos os bordéis deveriam ser registrados na polícia, e o seu local deveria ser bem longe de escolas, igrejas, internatos e bairros residenciais.

O método regulamentarista era um sistema de controle e marginalização das prostitutas, pois pregava que o ideal de mulher prostituta era ser recatada e dessexualizada, com o objetivo de cumprir os seus deveres profissionais, sem sentir prazer e sem gostar da atividade sexual.

Contrário às ideias e práticas dos regulamentaristas, os abolicionistas eram contra a legalização da prostituição, pois acreditavam que essas medidas eram repressivas e controladoras da vida da mulher pública. Eles consideravam a

prostituição necessária, eram contra a sua eliminação e tinham como principal objetivo libertar as prostitutas das garras da polícia e destruir o sistema que marginalizava e violava o direito de liberdade individual.

Esses são modelos clássicos do tratamento jurídico que é dado ao sistema de prostituição, porém há países que transitam nessas esferas, legalizando ou, até mesmo, descriminalizando a prestação de serviços sexuais.

No caso brasileiro, o sistema jurídico prevalecido, o abolicionismo, não criminaliza aquele ou aquela que pratica a prostituição, mas são punidas as pessoas que contribuem para a sua prática. Como por exemplo, a própria Cabeluda. Penso que o fato de Cabeluda não gostar do termo “cafetina” está relacionado com a criminalização da “cafetinagem”, para tal, ela dribla essa situação quando define que possui um bar e faz uso do aluguel dos quartos, atualmente ela cobra \$15,00 a cada 30min de uso do quarto, o programa custa em média \$50,00. Independente do valor que as prostitutas cobram, lembrando que esse valor pode variar, dependendo da relação que foi construída entre prostituta e cliente, o valor do quarto, entretanto é fixo.

Retomando as discussões sobre a prostituição no campo jurídico, a abordagem sobre este aspecto, requer neste caso, verificar não apenas o enquadramento jurídico das profissionais do sexo, mas também compreender como este fenômeno se articula com o feminismo e a criminologia, tomando como parâmetro a condição da mulher na sociedade contemporânea.

Vários foram os tipos de enquadramentos sociais destinados às mulheres, a legislação e os discursos dos doutrinadores estão imbuídos de posicionamentos machistas, conservador e controlador dos corpos femininos. Foi desta maneira que surgiu os mecanismos balizadores do direito moderno.

A opressão à condição feminina em todas as suas dimensões se deu à custa de uma legislação legitimada historicamente e difundida como algo natural através da construção dos valores morais-cristãos. Os tipos ideais de homens e mulheres foram pautados em sistemas normativos hierárquicos e estigmatizantes.

A partir de um imaginário social de cunho moralista e de uma representatividade feminina enquanto à sua função social, a mulher brasileira foi sendo colocada em situação inferior ao homem, e dita incapaz de tomar decisões

para além do universo masculino, tinha a sua vida social condicionada à esfera privada e ao homem caberia ter uma vida pública.

No campo das relações de poder, a identidade feminina foi ganhando novos contornos sociais e culturais. A luta do movimento feminista<sup>14</sup>, desde o seu surgimento com as feministas norte-americanas na década de 1970 até os dias de hoje, vem sendo muito importante na defesa e conquista de direitos como seres humanos.

No Brasil já existiu algumas tentativas de regularizar as relações jurídicas das prostitutas, como por exemplo: o Projeto de Lei 98/2003 do Deputado Federal Fernando Gabeira, arquivado; o PL 4244/2004 do Deputado Eduardo Valverde, saiu de tramitação a pedido do próprio autor; e, finalmente, o PL 4.211/2012<sup>15</sup> mais conhecida como Lei Gabriela Leite do Deputado Federal Jean Wyllys (PSOL-RJ), que se encontra atualmente parado na Câmara dos Deputados, aguardando a composição de uma comissão temporária para analisá-lo.

Contudo, o pensamento criminológico no Brasil foi construído sob a égide de uma sociedade patriarcal e conservadora, em que a dominação masculina através do uso do direito penal impôs suas normas e sanções sociais. Os papéis femininos colocados em discussão servem para elucidar e problematizar a condição feminina no tempo e no espaço, na tentativa de perceber como que os costumes de uma época influenciam na elaboração de leis e sanções sociais.

Criminalizar, descriminalizar ou legalizar o sistema de prostituição no mundo até então não mudou a concepção preconceituosa e machista das sociedades atuais. As mulheres continuam sendo alvo de exploração e violência nas suas mais variadas dimensões e, no caso, das profissionais do sexo.

---

<sup>14</sup> Segundo Margareth Rago, as feministas dos anos de 1970, desejavam acabar com a exploração sexual do corpo feminino. “As feministas atacavam radicalmente as prostitutas pobres e as “garotas de programa” mais ricas, por aceitarem a desprezível condição de meros objetos sexuais masculinos”. (RAGO, 2008, p.11).

<sup>15</sup> Esta Lei foi intitulada “Gabriela Leite” em homenagem a profissional do sexo de mesmo nome, que foi escritora, militante das causas e direitos das prostitutas e presidente da organização não governamental (ONG) Davida e criou a grife DASPU (Projeto autossustentável gerido por prostitutas que tem como finalidade driblar a dificuldade de financiamento para iniciativas de trabalho alternativo por parte das profissionais do sexo), ex-aluna de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP), se tornou prostituta aos 22 anos, morreu em 2003. A Lei Gabriela Leite está disponível no site: <http://www.camara.gov.br/>.

### 2.3 Entre “Evas” e “Marias”: gênero, perfis femininos e masculinos.

Dentro de uma visão dicotômica e maniqueísta do ser feminino, surgem duas representatividades simbólicas sobre a mulher que, por muito tempo, foi disseminada pelo pensamento cristão – Eva e Maria. O princípio da moralidade desse pensamento fundamenta-se na recusa do prazer sexual e a legitimação do sexo voltado para a procriação, dentro do casamento, tornado sacramento no século XIII, pelo IV Concílio de Latrão. Santo Agostinho consolidou a imagem negativa da sexualidade na moral cristã na medida em que associou sexo ao pecado original. (D’ÁVILA NETO, 1994).

A Teologia Moral traçou os caminhos para a aproximação com Deus, e apesar da castidade e da abstinência dirigidos a homens e mulheres, a construção de um modelo de identidade feminina enraizou-se na relação do sexo, representado através de dois símbolos poderosos: Eva e Maria.

O símbolo de honestidade, castidade e redenção cabem ao papel da Virgem Maria, contrapondo à pecadora e dissimulada Eva. Os valores cristãos contribuíram para a formação da condição feminina, definindo papéis, exaltando comportamentos de castidades e exorcizando práticas heréticas e pecaminosas.

No rol do pensamento cristão, “Nossa Senhora”, representante fiel do discurso religioso direcionado a Maria Mãe de Deus, configura-se numa imagem santificada que está vinculada à figura feminina e as funções que justificam a sua existência na Terra. Desde a etapa maior do desenvolvimento de seu culto no Ocidente, no século XII, Maria foi invocada sob títulos diversos que fazem referência aos episódios de sua vida, à sua proteção maternal, às suas qualidades, aos locais onde ela recebeu um culto importante, a seus atributos alegóricos e as suas aparições.

Dentro de uma concepção cristã, Maria e Jesus são os únicos descendentes de Adão e Eva<sup>16</sup> que não herdaram a mancha do pecado original cometido pelo

---

<sup>16</sup> “E vendo a mulher que aquela árvore era boa pra se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele

primeiro casal. Maria é a representação da ausência do pecado original e símbolo de virgindade e castidade. O culto de Maria distinguiu-se de outras figuras de devoção católica graças à proteção maternal que ela dispensava aos seus devotos.

O fortalecimento do pensamento cristão referente ao poder feminino na sociedade consolidava-se principalmente no seio familiar, nos fundamentos ensinados pelos pais. A família patriarcal pautava as suas práticas e ensinamentos na doutrina religiosa, dando margem para a criação de preconceitos, estereótipos e, principalmente, tabus sexuais. Surge, então, o complexo de virilidade ou machismo, entre os homens, e o complexo de virgindade, entre as mulheres.

O Madonismo, a exaltação da mulher virgem, reflete-se no culto à Virgem, com o qual o brasileiro sempre teve grande identificação. Em oposição oposta aos modelos de virtudes que se deveriam constituir as mulheres virgens, enquanto solteiras ou devotas a seu marido, quando casadas, os homens deveriam se comportar diferentemente. A eles era permitido conhecer outras mulheres e ter amantes, mesmo casados, como prova de masculinidade. (D'ÁVILA NETO, 1994, p. 48).

A princípio, a condição feminina passa a ser reorientada tendo em vista a concepção que se tem de Maria. O valor da mulher está contido na sua natureza religiosa e biológica, ligada à maternidade, à criação dos filhos, e vista como objeto de castidade. Uma castidade restrita a um âmbito privado (a casa, o lar, a igreja, o convento<sup>17</sup> e as mulheres são destinadas a ter uma devoção religiosa, tal como foi a vida de Maria. As que fogem dessa regra instituída pelos dogmas religiosos cristãos, são encaradas dentro de um perfil que condiz a Eva.

O culto à Maria implica em três elementos de identidades. São eles: poderes (a realização de milagres, o perdão através de indulgências, ações humanas, como a fala), qualidades (a origem angélica ou divina, a beleza, a inalterabilidade) e significados (a definição teológica, as interpretações socioculturais). A mãe era responsável pela transmissão da pureza do sangue através de seu corpo e da honra feminina pela educação virtuosa. (SOUZA, 1998).

---

comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueiras, e fizeram para si aventais". (Gênesis: 3, 6-7).

<sup>17</sup> Ver: ARAUJO, 2008, p. 68. "O último lugar onde se poderia esperar a manifestação da sexualidade feminina seria nas celas dos conventos, pois ali as mulheres deviam recolher-se por espontânea vontade e, como "esposas de Cristo", renunciar por completo aos prazeres sensuais".

O corpo da Imaculada – idealizado pela conjunção singular de sua virgindade perpétua e sua maternidade divina – tornou-se um modelo de pureza para as virgens e para as mães. A devoção mariana permanece como um elemento essencial não apenas do catolicismo na Contra Reforma, mas, ainda, no caso luso-brasileiro, da própria cultura contemporânea. Ela influencia, ainda hoje, a mentalidade e a prática religiosa, apontando mesmo a escolha de nomes para meninas e meninos.

Sobretudo, é importante refletir como que a imagem de Maria é capaz de propor um vínculo estreito entre aquilo que faz parte do universo simbólico sacralizado e as dimensões materiais que envolvem as condutas sociais e culturais de uma época. Após o Concílio de Trento o projeto político da Igreja Católica e da Monarquia foi de reafirmar os valores cristãos e a cultura dominante. Maria neste contexto é considerada peça importante na composição desse mosaico religioso e tornou-se símbolo de afirmação da Contra Reforma sobre os elementos constitutivos da religiosidade católica.

Partindo desse pressuposto, o sentido de ser mulher para os dogmas cristãos ganha duas perspectivas: redentora ou pecadora. Dentro desses padrões, também era considerada a Vênus sedutora ou uma feiticeira herege sujeita a penas do Santo Ofício da Inquisição. “A toda poderosa Igreja exercia forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina” (ARAÚJO, 2008, p. 45). Essas representações femininas perduram até os dias de hoje, apesar das novas concepções e correntes historiográficas<sup>18</sup> que foram sendo construídas e discutidas acerca do papel social da mulher dentro da sociedade, não apenas vinculada a uma função meramente biológica.

As representações do poder das mulheres: imenso tema de investigação histórica e antropológica. Essas representações são numerosas e antigas, mas muitas das vezes recorrentes. Elas modulam a aula inaugural do Gênesis, que apresenta a potência sedutora da eterna Eva. A mulher origem do mal e da infelicidade, potencia noturna, força das sombras, rainha da noite, oposta ao homem diurno da ordem e da razão lúcida. (PERROT, 1988, p. 168).

---

<sup>18</sup> Em oposição a uma historiografia factualista, centrada nas ideias e decisões de grandes “homens”, a Nova História busca a partir de significações elementares da vida cotidiana e da cultura popular apresentar temáticas e grupos sociais que por muito tempo foram excluídos pela historiografia tradicional. A mulher neste contexto assume uma postura mais significativa no campo historiográfico, e passa a ser concebida como sujeito histórico, atuante e participante na sociedade em que vive.

Mas qual papel cabe a protagonista da trama? Eva ou Maria? Pecadora ou redentora? Cabeluda encarna no seu cotidiano vários papéis, mulher, mãe, cafetina, avó, comerciante, amiga, escamoteados ora de Maria, ora de Eva, e as representações sociais são resignificadas a partir das relações constituídas em cada situação vivida.

A dicotomia de representatividade feminina projetada pelos valores cristãos no devir das relações sociais não se sustenta de forma clara e objetiva, ocorre que essas duas visões de ser mulher no mundo são dependentes entre si, ou seja, podemos afirmar que esses definidores sociais de conduta podem ser compreendidos a partir do conceito de interseccionalidade, pois expressam um tipo de opressão sobre os perfis femininos.

Cabeluda, neste sentido, é a experiência dessa conexão, é a prova de que nós mulheres teatralizamos Marias e Evas e no final de tudo, não conseguimos mensurar se somos anjos ou demônios, pois, assim como a prostituta pode se tornar Maria, a “moça de família” pode ser Eva. A referência simbólica, seja ela qual for, não anula as condições do sistema de dominação sobre as mulheres. Foucault (2015) afirma que, a maneira como cada qual usa seu sexo pertence a uma forma de policiamento do sexo por meio de discursos úteis e públicos a serviço de um Estado, de uma moral cristã.

No campo da Antropologia existem estudos clássicos sobre os dilemas e contradições que envolvem os estudos sobre gênero – Relativismo e Universalismo, na tentativa de compreender os processos culturais de diferenciação e subalternização do gênero. Para o relativismo, mulheres e homens são categorias preenchidas com conteúdos, culturas, mesmo pertencendo a uma história ocidental. A universalidade da hierarquia de gênero diz respeito a uma estrutura de subordinação, em que o gênero apesar das diferenças culturais, no geral, a tendência que impera é a subordinação da mulher.

Rita Laura Segato<sup>19</sup> aponta uma série de clássicos que pertencem a análise do gênero referente a ótica da universalidade.

---

<sup>19</sup> Professora de Antropologia Social e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UnB. Trabalha na área de gênero em vinculação com o Núcleo de Estudos e Pesquisas de Gênero da UnB.

Gayle Rubin, Sherry Ortner, Nancy Chodorow, Louise Lamphere, Michelle Rosaldo, Rayna Reiter são autoras que colocaram essa questão e, com isso, instituíram a antropologia do gênero como uma área de estudos específica. Elas falaram dessa tendência hierárquica universal e tentaram, cada uma a partir de uma abordagem própria, embora relacionando suas perspectivas, explicar por que, apesar das diferenças culturais, apesar do princípio relativista, dá-se essa tendência geral à subordinação da mulher. Três coletâneas fundamentais marcam essa época e essa perspectiva, estabelecendo as bases dos estudos de gênero na antropologia: *Woman, Culture and Society*, de 1974, *Toward an Anthropology of Women*, de 1975, e, mais tarde, *Sexual Meanings. The Cultural Construction of Gender and Sexuality*, de 1981. (SEGATO, 1998, p. 6).

Segato evidencia a complexidade que envolve os estudos sobre gênero no mundo. Os pressupostos teóricos do relativismo, apesar de apresentar elementos importantes sobre as categorias culturais do universo feminino e masculino, não conseguem se desvencilhar da subalternização da mulher, pois as estruturas hierárquicas das relações de gênero estão ligadas a um modelo universal de mulher.

Carla Bassanezi comenta no seu artigo “Mulheres dos anos dourados”, como o Brasil dos anos 50 passou por grandes transformações na esfera econômica, política e cultural. O crescimento urbano, a industrialização crescente, os discursos políticos, as normas e convenções sociais, tudo isso fez parte da dinâmica da sociedade brasileira. As distinções entre os papéis masculinos e femininos continuaram nítidos e a moral sexual diferenciada permanecia forte.

Neste contexto, o tipo ideal de mulher era definido a partir dos papéis femininos tradicionais. “Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres”. (BASSANEZI, 2008, p. 609). A distinção de papéis validada a partir do sexo acabou, de certa forma, referendando a sua passividade e reforçou uma ideologia moral-cristã, de que a mulher veio ao mundo para servir ao homem, ter fidelidade, ser companheira e reprodutora nata. A mulher que não cabe nesses parâmetros, sofre cotidianamente diversos preconceitos, cristalizados em papéis, mais ou menos estereotipados.

Em se tratando de Cabeluda, mulher que nasceu nos “anos dourados” e pertencente a esta época, percebi na sua narrativa que o sonho de viver um “conto de fadas” e encontrar o “príncipe encantado”, não estava de acordo com o seu

pensamento. “Eu queria ser independente como sou até hoje, nunca morei debaixo de um teto de homem, toda vida morei em minha casa”. A condição de prostituta de Cabeluda é o oposto da moça de família, tão exaltada na sociedade brasileira. Na ideologia dos anos 50, as revistas da época classificam as jovens em moças de famílias e moças levianas. A partir desse pressuposto, Bassanezi afirma:

Às primeiras, a moral dominante garantia o respeito social, a possibilidade de um casamento-modelo e de uma vida de rainha do lar – tudo o que seria negado às levianas. Estas se permitiam ter intimidades físicas com homens; na classificação da moral social estariam entre as moças de família, ou boas moças, e as prostitutas. (BASSANEZI, 2008, p. 610).

A história de vida de Cabeluda toma rumos diferentes dentro das relações de poder e dos papéis convencionalmente determinados pela sociedade no tocante à condição feminina. Sua trajetória não se enquadra a modelos e conceitos generalizantes acerca dos tipos ideias de mulher e suas feminilidades que foram historicamente construídos sobre o prisma da moral social, dos valores cristãos que, por sua vez, inserem-se no debate sobre a subordinação social da mulher que foi consolidada a partir das discussões sobre sexo e gênero.

Vale ressaltar que os papéis definidos às mulheres ao longo da história tiveram como matriz filosófica e determinante, a natureza como via explicativa que legitimava as condutas femininas e masculinas.

A partir da década de 60 novas discussões são inseridas no debate acadêmico, em que novas formulações sobre sexo, gênero e mulher, passaram a balizar o pensamento feminino e a partir da introdução dos conceitos sobre gênero, as causas da opressão da mulher redefiniu o pensamento sobre a natureza humana. Apesar de pensar ainda dentro de um sistema binário, Gayle Rubin (2012) formula um pensamento radical sobre a sexualidade, para ela, o sexo é considerado uma matéria-prima biologicamente falando, que através das necessidades sociais se transforma em produtos da atividade humana, ou seja, o sexo é modelado a partir de uma intervenção social e política.

Em “Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade”, Gayle Rubin (2012) conceitua o sexo como uma categoria política, em

que o domínio da vida erótica é renegociado a partir dos valores culturais de uma sociedade, que volta e meia estabelece um controle dos corpos e da sexualidade de mulheres e homens. Para legitimar seu argumento, a autora evidencia as estratégias do controle do prazer e as transformações que perpassam nas relações de poder, coercitivo e moral.

A sexualidade é atacada e doutrinada por agentes sociais moralistas, e cada sociedade utiliza da sua governabilidade jurídica-estatal para legislar a favor das condutas ditas “normais” e condenar, perseguir e humilhar aqueles que não se enquadram a seus critérios e considerados desviantes, delinquentes, anormais, criminosos, colocados numa condição de subalternidade.

Rubin (2012) apresenta um panorama histórico do processo de legislação sexual incorporados na política de países como Inglaterra, Estados Unidos e Canadá desde final do século XIX até final do XX. As leis anti-obscenidades tinham como publico alvo, os homossexuais, a prostituição e medidas de contracepção e aborto.

A vida sexual dos indivíduos tinha que andar de acordo com o sistema de justiça criminal da época e, no início dos anos 1960, no contexto pós-guerra, as comunidades eróticas eram enquadradas perante a lei, sofriam sanções não apenas da justiça, como também da ideologia de uma sociedade heterossexista, conservadora, machista e classista. Muitas prostitutas e homossexuais foram perseguidas pela polícia por causa de medidas reguladoras, que visavam conter a indústria comercial do sexo, em prol da “moral e dos bons costumes”.

Para a autora, as manifestações que pregam uma ideologia arcaica e tradicional como símbolo de pureza e preservação da honra das “Famílias”, devem ser contestadas e combatidas a partir de uma perspectiva radical sobre a sexualidade, que nunca deve se calar, mas ser libertária, na medida em que anuncia as transformações e denuncia a injustiça e a opressão sexual.

A trajetória de vida de Cabeluda faz parte desse grito por liberdade, do rompimento de paradigmas de comportamento e dos atributos da sexualidade que é diverso e dinâmico. “O essencialismo sexual é incorporado no saber popular das

sociedades ocidentais, as quais consideram o sexo como eternamente imutável, a-social e transhistórico” (RUBIN, 2012).

Neste sentido, urge a necessidade de revisitar a História para refletir sobre os dilemas e problemas que perpassam a condição feminina. É relevante compreender de que forma as mulheres foram sendo incluídas nos estudos históricos, nos debates e temas propostos por uma nova historiografia, que surge para dar início a um processo de visibilidade de mulheres principalmente pertencentes às classes trabalhadoras. No entanto, promover uma reviravolta no campo da História, incluindo os estudos temáticos e grupos sociais até então excluídos, numa sociedade em que o conceito de homem sempre foi concebido como universal e o princípio explicativo para tudo, foi sem sombra de dúvida um ganho bastante fecundo na produção do conhecimento e compreensão dos sujeitos na História.

Portanto, pensar sobre a trajetória de vida de Cabeluda requer o entendimento das similitudes femininas no tempo e no espaço culturalmente construído, das dimensões historiográficas, dos papéis e das relações dicotômicas dos estudos sobre gênero feminino. Cabeluda enquanto mulher, indivíduo e prostituta faz parte de um quadro muito mais amplo e remoto do que as particularidades da sua vida cotidiana.

### **Gabriela Leite**

Quando nos debruçamos a estudar questões que estão relacionadas às relações de gênero e prostituição no Brasil, não podemos deixar de referenciar Gabriela Leite, não apenas pela sua trajetória de vida, mas acima de tudo pela sua coragem astuciosa de enfrentar o conservadorismo de uma época e ser a porta-voz dela mesma e de muitas prostitutas no Brasil, quiçá no mundo.

Gabriela nasceu em São Paulo no ano de 1951, no final dos anos 60 cursava à noite o curso de Filosofia na USP, além de decidir ser prostituta, se tornou uma grande ativista em prol dos direitos das prostitutas do Brasil numa época em que os rumos da política brasileira ainda gatinhavam numa redemocratização. Nascida no período da ditadura militar, Gabriela não se intimidou com os anos de chumbo e nas oportunidades que tinha dizia o que pensava. A partir da leitura do livro de sua

própria autoria “Filha, Mãe, Avó e Puta”, o sentido da liberdade para Gabriela era a sua maior motivação para chegar até onde chegou. Na trama de Cabeluda, a força motriz da sua trajetória também foi conduzida pelo seu ideal de liberdade.

Na tentativa de garantir a visibilidade positiva das prostitutas no país, mudando o olhar sobre elas, Gabriela se tornou uma referência nos modos de pensar e agir no âmbito da prostituição, num mundo onde a regra do poder hegemônico é ditada por homens-brancos-heterossexuais que, por sua vez, está vinculado com o pensamento moral-cristão. No entanto, mesmo sendo “Mulher e Puta”, ela conseguiu driblar o machismo e conquistar espaços sociais que, aos olhos da moralidade brasileira, nunca teria alcançado.

Gabriela, mulher branca, escolarizada, família de origem economicamente equilibrada, no decorrer da vida, decidiu ser prostituta. A sua trajetória na prostituição de certa forma vai de encontro a algumas teorias científicas, acadêmicas e populares que afirmam que a prostituição está ligada a um determinismo econômico-social ou, até, mesmo, biológico.

Existem feministas que defendem a ideia de que a prostituta é vítima do patriarcado, ou seja, a prostituição feminina pertence ao jogo de dominação masculina, pensamento este difundido por muitos marxistas, que consideram a ideia da exploração do corpo dentro do sistema capitalista. Atualmente existe um debate entre as feministas e marxistas. É possível ser “Putista Feminista”? Gabriela é uma prova viva que sim.

O Patriarcado possui malhas de poder e atuação e o processo de dominação da mulher está em todos os aspectos da vida pública e privada, os comportamentos femininos foram e continuam sendo balizados sobre o viés do comportamento masculino. A primeira distinção de “inferioridade” feminina ocorre de forma paralela ao masculino; em segunda instância, o sistema de hierarquias entre mulheres passam a ser condicionados e questões que envolvem gênero, classe, raça e sexualidade se tornam os níveis condutores da opressão feminina.

As relações de gênero são performáticas, teatralizadas, seguem ritmos diferenciados, como se estivessem num jogo da “dança das cadeiras”. Neste jogo, podemos dizer que as cadeiras representam de um lado o patriarcado, do outro,

empoderamento feminino/masculino, quem toca a música é a sociedade, e cabe ao indivíduo, assumir papéis e identidades.

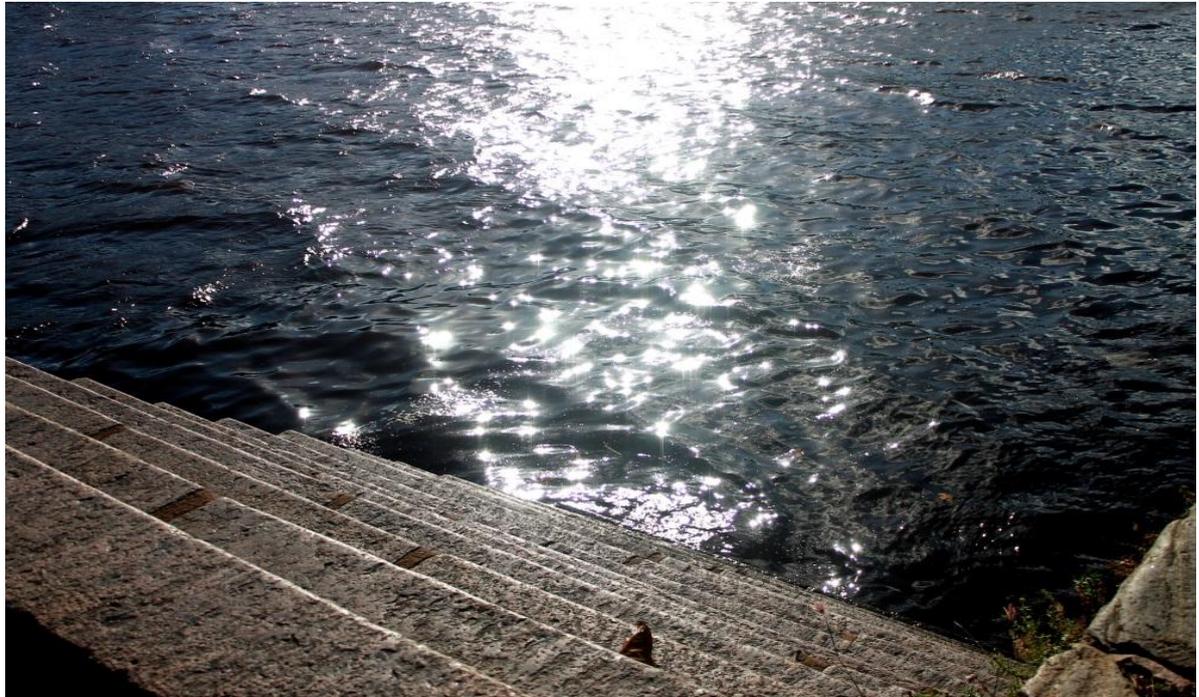
Na história da humanidade, muito antes do capitalismo, os seres humanos buscaram satisfazer seus egos, desejos e vontades das mais variadas maneiras. Atualmente com o sistema capitalista essa lógica de pensamento mudou suas formas de dominação e exploração. Somos orientados a ter e consumir de forma demasiada todo tipo de mercadoria que o capitalismo produz, a aquisição destes produtos está relacionados ao poder aquisitivo do indivíduo. Quanto mais ganhamos, mais gastamos, essa é a regra. E se tudo é tão permissivo, comprar, possuir, alugar, vender, trocar, roubar, etc. Por que cobrar pelo sexo é tão pecaminoso, promiscuo e exploratório? Somos na maior parte do tempo tão artificiais e egoístas que não enxergamos uma prostituição diante do nariz.

Por essas e outras que a trajetória de Gabriela Leite veio para reafirmar que o corpo da mulher só pertence a ela e o seu uso também. A sexualidade, o prazer e o orgasmo não pertencem apenas ao universo masculino, e o fato dela se tornar prostituta não anula os seus direitos e a sua integridade física e moral. A prostituta é uma profissional e merece respeito, pensá-la apenas como vítima do patriarcado nos dias atuais é pensar de forma genérica, e não perceber que as vontades femininas são múltiplas e que estão relacionadas a construção de suas identidades.

As prostitutas são vítimas sim, da violência, dos preconceitos, da exploração de cafetões, da não legalização de seus direitos, dos valores de uma sociedade patriarcal que a condena como escória do mundo, enfim, de toda uma noção que a define como mulher promiscua, inferior, anormal, praticamente uma patologia social.

### 3 CACHOEIRA E SUA DINÂMICA

**Figura 3** - Rio Paraguaçu, 2017.



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

#### 3.1 O CANTO DE OXUM NAS ÁGUAS DO PARAGUAÇU!

***Logunedé***

É de Logunedé a riqueza  
Filho de Oxum, Logunedé  
Mimo de Oxum, Logunedé - edé, edé  
Tanta beleza

**Gilberto Gil**

O Rio Paraguaçu<sup>20</sup> é a dádiva da cidade da Cachoeira. Antes mesmo da chegada dos portugueses, os índios tupinambás desfrutavam de suas riquezas.

---

<sup>20</sup> Nasce no Morro do Ouro, na Serra do Cocal, no município de Barra da Estiva, na Chapada Diamantina. Segue em direção norte passando pelos municípios de Ibicoara, Mucugê e até cerca de

Com a vinda dos portugueses, as águas do Paraguaçu se tornaram o elo entre mundos distintos, com múltiplas identidades culturais. Em meio a essa convergência e divergência de saberes culturais, as identidades africanas foram fincadas em solo cachoeirano. Nessas idas e vindas de pessoas e mercadorias, e nesse transcorrer da ancestralidade afro-brasileira... Eis que surge a mãe d'água Oxum, com seu canto doce a desaguar no mar.

A baía de Todos os Santos, com suas ilhas e enseadas, portos e praias, era um mar mediterrâneo que tornava possível e lucrativo um contato íntimo entre o porto de Salvador e sua hinterlândia agrícola (SCHWARTZ, 1988, p. 78).

Nas margens do tempo o “Rio Grande”<sup>21</sup> foi a principal travessia da Baía de Todos os Santos, o comércio transatlântico desembocava nos braços de Oxum, e na simbologia dessa ancestralidade africana, faço referência a essa divindade e peço licença para contar um pouco sobre a esplêndida história do florescimento cultural e econômico dessa região para o mundo.

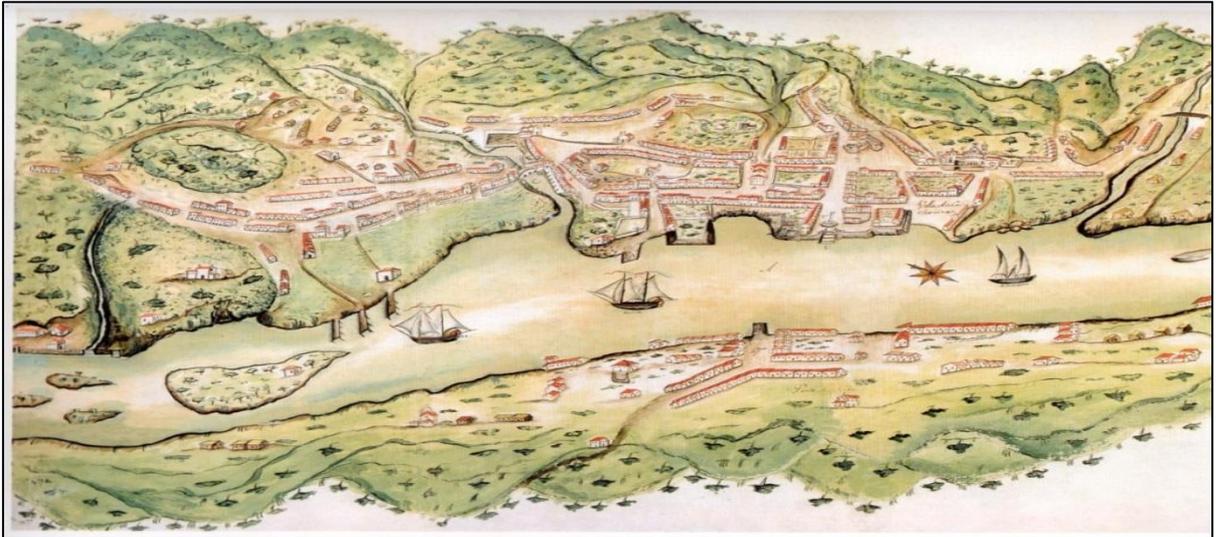
A produção agrícola foi de suma importância para a formação e desenvolvimento econômico do Brasil e o Recôncavo Baiano como parte integrante desse sistema, por volta do século XVIII e XIX, tinha Cachoeira, como principal entreposto comercial da Bahia. Neste período, Cachoeira se destacou no ramo da produção agrícola voltada para exportação e abastecimento do mercado interno, fornecendo, principalmente, fumo e cana-de-açúcar. O sistema de colonização/exploração implantado no Brasil utilizou-se da mão-de-obra escrava, do latifúndio monocultor nos moldes da *plantation* descrita por Caio Prado Júnior (2006).

---

5 quilômetros a jusante da cidade de Andaraí, quando recebe o rio Santo Antônio. Muda de direção em seu curso para oeste e leste, servindo como divisor entre os municípios de Itaetê, Boa Vista do Tupim, Marcionílio Souza, Itaberaba, Iaçú, Rafael Jambeiro, Santa Teresinha, Antônio Cardoso (onde, já no lago da barragem da Pedra do Cavalo, recebe o rio Jacuípe), Castro Alves, Santo Estêvão, Cruz das Almas, Governador Mangabeira, Cabaceiras do Paraguaçu, Conceição da Feira, Muritiba, São Félix (Bahia), atravessa os municípios de Cachoeira e Maragogipe e desemboca na Baía de Todos-os-Santos entre os municípios de Maragogipe e Saubara. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio\\_Paragua](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Paragua)).

<sup>21</sup> Trata-se de um nome de origem Tupi e faz referência ao Paraguaçu.

**Figura 4 - Cachoeira e São Felix, 1792<sup>22</sup>**



**Fonte:** Desenho aquarelado, que acompanha o manuscrito do livro de Joaquim de Amorim Castro. 'Memória sobre as espécies de Tabaco...', existente na George Arents Collection da New York Public Library (CASTRO - 1792). <http://www.sudoestesp.com.br>.

Nos quatros cantos da cidade da Cachoeira vigorou uma religiosidade que transcendeu o que lhe era imposto e através do sincretismo resignificou suas tradições. O canto do candomblé ecoou no Paraguaçu! Não eram apenas as riquezas materiais que atravessavam o atlântico, bem como o ouro, a cana-de-açúcar, o fumo, etc., mas também memórias e lembranças de um povo dotado de anseios e histórias. Oxum representa a beleza, a prosperidade e a riqueza do Rio Paraguaçu em todos os tempos.

No tempo das navegações, Cachoeira durante o século XVIII e XIX vivenciou uma atividade econômica muito intensa. Além da atividade de subsistência existentes nas comunidades ribeirinhas, através da coleta de peixes e mariscos, prática que existe até hoje, às margens do Paraguaçu se encontravam solos adequados para os canaviais, e na região do Iguape com seus solos arenosos, o centro da ativa indústria do fumo na Bahia tornaram-se complexos econômicos potenciais. (SCHWARTZ, 1988).

Intitulada “Cidade Heroica e Monumento Nacional” a partir do Decreto nº 68 045, de 13 de Janeiro de 1971. (BRASIL, 1971)<sup>23</sup>, assinado pelo presidente da

---

<sup>22</sup> 'Villa de Cachoeira', Bahia, Brasil.

República Emílio G. Médici, Cachoeira terra de “filhos ilustres”, lugar de batalhas, histórias contadas, veladas, silenciadas, marcada por um tempo de escravidão, contribuíram para suas identidades múltiplas e singulares que fizeram desta terra um dos maiores símbolos de resistência da cultura negra no Brasil sejam através de lutas sangrentas e/ou silenciosas, ou pelo viés de conflitos e negociações. Cultura exuberante, constituída por uma arquitetura barroca de casas grandes, capelas, igrejas e sobrados, mas também de senzalas, mocambos, quilombos e terreiros de candomblé.

Cachoeira, geograficamente localizada no Recôncavo Sul da Bahia, há tempos históricos foi lugar de referência na economia mundial do Brasil. O Recôncavo dentro dos seus limites atuais, na classificação de Milton Santos (1998) é uma região composta por 28 municípios: Alagoinhas, Aratuípe, Cachoeira, Camaçari, Castro Alves, Catu, Conceição de Feira, Conceição de Almeida, Coração de Maria, Cruz das Almas, Feira de Santana, Irará, Itaparica, Jaguaripe, Maragogipe, Mata de São João, Muritiba, Nazaré, Pojuca, Santo Antônio de Jesus, Santo Amaro, Santo Estevão, São Félix, São Felipe, São Francisco do Conde, São Gonçalo dos Campos, São Sebastião do Passé, além de Salvador.

O Recôncavo é, por excelência, a região de cidades da Bahia. A natureza da sua economia de exportação (Recôncavo açucareiro e fumageiro) condicionou a formação de numerosos núcleos urbanos e mesmos nas áreas de cultura de subsistência (Recôncavo Sul) pôde-se criar uma vida urbana, em virtude da proximidade de Salvador. (SANTOS, 1998, p. 66).

---

<sup>23</sup> O PRESIDENTE DA REPÚBLICA usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, tendo em vista o disposto no artigo 180, ambos da Constituição, e CONSIDERANDO a necessidade urgente de ser assegurada proteção especial ao acervo arquitetônico e natural da tricentenária cidade de Cachoeira, no Estado da Bahia;

CONSIDERANDO, outrossim, que nessa salvaguarda atende às tradições cívicas da Cidade, capital da província durante as lutas pela Independência da Pátria, ali iniciadas a 25 de junho de 1822, e que culminaram a 2 de julho de 1823, com a entrada triunfante do Exército Patriótico Libertador na Bahia,

DECRETA:

**Art. 1º.** Fica erigida em Monumento Nacional a cidade de Cachoeira, Estado da Bahia, cuja área urbana, sítio da antiga Vila de Nossa Senhora do Rosário, e lugares históricos adjacentes serão inscritos nos Livros do Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (<http://www2.camara.leg.br>).

**Figura 5 – Mapa do Recôncavo Baiano, Bahia, Brasil, s/d.**



Fonte: <<http://www.scielo.br/>>.

Walter Fraga Filho, em seu livro: “Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)”, disserta sobre o campo da escravidão no Brasil e as suas consequências e implicações na pós-abolição. O autor teceu as trajetórias individuais e as redes familiares e sociais que faziam parte do cotidiano de escravos e libertos na Bahia, evidenciando laços de comunidade, costumes e tradições em meio a um período de tensões, definições e afirmações de liberdades. “A escravidão foi muito mais que um sistema econômico; ela moldou condutas, definiu hierarquias sociais e raciais, forjou sentimentos, valores e etiquetas de mando e obediência”. (FRAGA FILHO, 2006, p. 26).

A próspera cidade da Cachoeira devido as suas condições portuária e potência econômica, atraiu a partir dos anos de 1750 um considerável número de cativos e libertos, configurando naquela época, uma pluralidade étnica no interior da comunidade escrava, sendo visível a presença dos negros em grande escala, nas povoações, principalmente nos engenhos.

Nos séculos XVIII e XIX, somente uma minoria – talvez menos de um quinto – dos habitantes do Recôncavo era branca. Os índios também eram escassos. A grande maioria da população era formada por africanos, pretos nascidos no Brasil e “pardos”, “mulatos” e “cabras”. (BARICKMAN, 2003, p. 45).

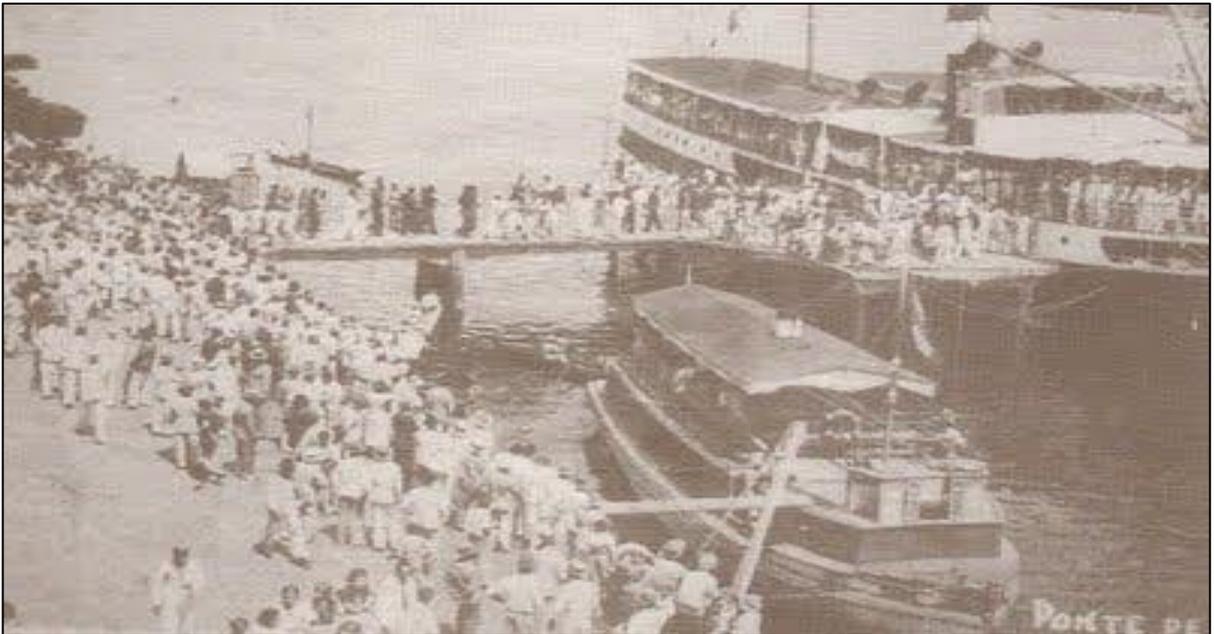
Entre final do século XVIII e meados do século XIX, o Recôncavo baiano produziu grandes quantidades de açúcar e fumo para o mercado mundial. Lugar de destaque na agricultura escravista com projeção para o mercado de exportação, Cachoeira neste período era considerada uma potência econômica, que teve a sua vida social e econômica moldada pela diversidade agrícola do sistema escravista voltado para exportação, sem perder de vista o desenvolvimento da economia interna presente nas sociedades que se destacavam no ramo comercial ultramarino. O Recôncavo neste período, além do seu potencial para agricultura escravista no Novo Mundo, dentro dos seus limites territoriais bastantes restritos, apresentava uma notável diversidade física, social e econômica, sendo um lugar propício para o desenvolvimento das plantations.

Para Maria de Azevedo Brandão o açúcar foi a força motriz que impulsionou o mercado de exportação no Recôncavo e favoreceu os desdobramentos no campo do comércio mundial e economia de subsistência voltado para o mercado interno, como por exemplo, o fumo, a pecuária, agricultura alimentar, o café, o algodão, as especiarias, couros, peles, carvão vegetal, caieiras, olarias, as rendas, o bordado e as cerâmicas. Toda essa conjuntura econômica, Brandão denominou de “complexa tradição cultural, um tecido social territorialmente diverso e uma exuberante paisagem construída”. (BRANDÃO, 1998, p. 32).

O acesso fácil à Baía de Todos os Santos e o contato próximo com a cidade de Salvador interferiu na dinâmica social do Recôncavo baiano, Cachoeira neste sentido foi bem favorecida dentro desta conjuntura econômica, social e geográfica,

tendo o rio Paraguaçu como principal entreposto comercial do período, que atravessa centenas de quilômetros a partir de suas cabeceiras, no interior, até desaguar no lado ocidental da baía.

**Figura 6** – Embarcações de Cachoeira, s/d.



**Fonte:** <<http://vapordecachoeira.blogspot.com/2009>>.

Segundo Barickman, aproximadamente 90% dos 221 engenhos que fabricavam açúcar na Bahia em meados da década de 1790 se localizavam no Recôncavo, os engenhos eram numerosos, principalmente nas vilas de São Francisco do Conde, Santo Amaro, São Sebastião do Passé e de São Pedro do Rio Fundo, as freguesias suburbanas de Salvador e a freguesia do Iguape, constituindo os principais centros da produção açucareira no Recôncavo.

Para Walter Fraga Filho, os engenhos não eram apenas o lugar de memória dos dias difíceis da escravidão, mas também o testemunho da luta incessante por conquistas de espaços e de afirmações de identidades.

No Recôncavo não se cultivava apenas cana-de-açúcar; a variedade de solos permitiu ampla diversidade de cultivo de gêneros que contribuíam para o abastecimento de Salvador e dos demais centros urbanos da região. Nos próprios engenhos, escravos e libertos cultivavam gêneros de subsistência que eram consumidos internamente ou vendidos nas feiras locais. (FRAGA FILHO, 2006, p. 31).

Ao oeste da zona açucareira, localizava-se a vila de Cachoeira, terras de solos arenosos e leves por quase todas as suas freguesias. Nessas terras, a produção era voltada para o cultivo de fumo para a exportação em solo europeu e África ocidental. Os canaviais haviam começado a se expandir pelos territórios dedicados ao cultivo do fumo e da mandioca no oeste e no sul do Recôncavo. Na segunda década do século XVII, pequenos agricultores iniciaram a produção de fumo e a indústria começou a centralizar-se na vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira. Stuart B. Schwartz aponta que:

Em 1697 havia em Cachoeira quatro armazéns para guardar os rolos de fumo, que eram depois transportados em barcos pequenos através da baía até o cais de Salvador. Em princípios do século XVII, a produção chegou a aproximadamente 2400 toneladas, quase totalmente destinadas a Portugal. Porém o fumo baiano encontrou mercado crescente no oeste africano e, em meados desse século, cerca de 3 mil toneladas eram exportadas para o golfo de Benin (SCHWARTZ, 1988, p. 85).

Além do fumo, gêneros alimentícios também eram cultivados pelos lavradores em Cachoeira. Considerado um dos principais itens do comércio de exportação, o fumo baiano dispunha de mercados consolidados na Europa, Ásia e América do Norte. O seu cultivo comercial começou antes de 1640 e a Bahia monopolizava o comércio brasileiro, sendo que, os campos da Cachoeira, fazendas, vilas e sítios além dos limites do Recôncavo campeavam no cultivo do fumo que se exportava para Portugal.

Durante a guerra da Independência na Bahia entre os anos de 1822 a 1823, o comércio do fumo ficou momentaneamente paralisado em Cachoeira, pois a cidade neste período vivenciava uma situação de conflito com o Império Português. Com o advento da Independência, o fumo do Brasil deixou de fazer parte da preferência comercial do monopólio régio português. As formas de consumo na Europa também sofreram mudanças, em que o costume de mascar o fumo deixou de ser moda.

Na tentativa de reconquistar os mercados europeus, os lavradores baianos deixaram de produzir o fumo de corda e passaram a produzir o fumo de folha. Barickman aponta que, na segunda metade da década de 1850, a Bahia sofreu um aumento nas exportações de quase três vezes em relação à média de 1830-40, pois neste período havia exportado uma média de quase 475 mil arrobas de fumo em

folha. Essa nova guinada no cultivo do fumo possibilitou uma ascendência nas exportações revigorada a partir da segunda metade da década de 1840. A recuperação provocou a expansão geográfica do cultivo e potencializou o surgimento de indústrias caseiras de charutos desenvolvidos na cidade da Cachoeira, São Félix, Maragogipe e Nazaré. Grande número de trabalhadores livres e escravos foram empregados<sup>24</sup> em tempo integral ou parcial (BARICHMAN, 2003). Essas transformações no cultivo do fumo possibilitaram nos anos posteriores a 1860 uma recuperação no mercado de exportação se comparados a seus níveis anteriores.

Devido às atividades portuárias, comerciais e a concentração de indústrias fumageiras, Cachoeira e São Félix considerados centros urbanos, atraíram muitas populações. As indústrias do fumo proporcionaram um largo emprego com a mão-de-obra feminina, tanto nas fábricas como no artesanato.

A introdução de mulheres trabalhadoras na zona do fumo ocasionou uma mudança nas relações familiares, fruto de uma exploração com precedentes antigos noutras épocas e noutros países, como por exemplo, o processo da revolução industrial na Inglaterra e demais países da Europa, que faziam uso da mão-de-obra feminina e do trabalho infantil, como forma de baratear a mão-de-obra, com longas jornadas de trabalho, numa relação subumana, neste caso a rotina das vidas dessas mulheres dentro de casa sofreram modificações, pois essas mulheres passavam boa parte do tempo se dedicando ao trabalho, em condições precárias que envolvem insalubridade e periculosidade.

Além do potencial industrial, as cidades referidas eram importantes elos entre Salvador e as localidades distantes do litoral. O porto favoreceu na circulação de pessoas e mercadorias e ampliou o mercado de trabalho para ganhadores, carroceiros, saveiristas, tropeiros, canoeiros, marinheiros, estivadores, profissões estas exercidas por negros e mestiços, a existência de uma estrada de ferro veio a favorecer de maneira peculiar o porto na medida em que ligava Cachoeira a outras zonas e localidades fumageiras.

---

<sup>24</sup> O termo emprego neste caso não foi bem colocado por Barichman, penso que se trata de um anacronismo ao se referir das relações de trabalho escravo desta forma.

**Figura 7 - Cachoeira, BA, 1976.**



**Fonte:** <<http://jornallivre.com.br>>

No início do século XX a produção do açúcar na Bahia começa a entrar numa crise. O Recôncavo açucareiro se retrai e suas áreas periféricas se marginalizam. A partir de 1940, inicia-se uma mudança na conjuntura econômica do Recôncavo, os arranjos de produção começam a entrar em desordem e os circuitos de tráfego intra-regional por terra e mar passam a ser reduzidos.

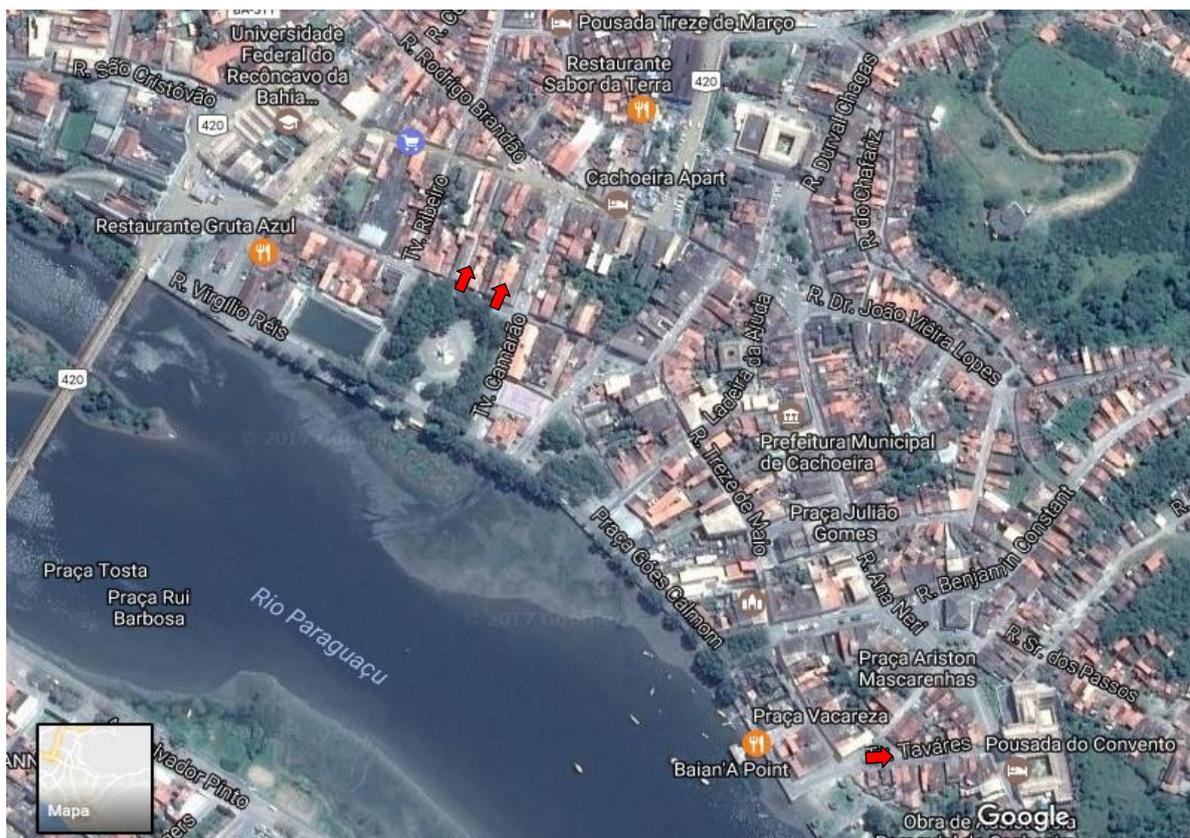
Na segunda metade do século XX, a expansão da rede rodoviária nacional e a integração do mercado interno acabariam por marginalizar os velhos centros de produção regional e todo o complexo urbano que envolvia a Baía de Todos os Santos encontrar-se-iam em estado de depressão. “A política nacional de abrir estradas fecharia mais tarde as ferrovias, deixando parado no mar o vapor de Cachoeira”. (BRANDÃO, 1998, p. 40).

No final dos anos quarenta, chegou na Bahia a energia elétrica produzida pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco, em Paulo Afonso, e a criação da Petrobrás, com seus campos e refinarias, abrindo, um novo ciclo de atividades à região. A exploração do “ouro negro” caminhou da área típica do massapé para o norte, afetando profundamente o centro da antiga área da cana-de-açúcar, percorrendo até o extremo norte da região, deixando de fora o Baixo e o Alto Recôncavo.

Atualmente na Bahia, o recôncavo passou a ser designado como uma região pobre, mesmo dotada por um fascínio de ser a principal detentora da tradição cultural da sociedade escravista. Para Fernando Cardoso Pedrão<sup>25</sup>, a pobreza que prevalece no recôncavo faz parte de um complexo processo de formação de capital e de urbanização, que só pode ser explicado quando colocado no espaço-tempo da história dessa região baiana.

### 3.2 CARTOGRAFIA DA PROSTITUIÇÃO: URBANIZAÇÃO E HIGIENIZAÇÃO

**Figura 8** - Foto de satélite de Cachoeira (2017).



Fonte: <<https://www.google.com.br/maps/place/Cachoeira,+BA,+44300-000/@-12.6026684>>

<sup>25</sup> Ver o livro “Recôncavo da Bahia: Sociedade e economia em transição”. Organizado por Maria de Azevedo Brandão. p. 41-42.

A cartografia da prostituição em Cachoeira surgiu a partir do diálogo com o historiador Luiz Claudio Dias do Nascimento e de antigos moradores que através de suas lembranças puderam colaborar para a construção desta narrativa. Por se tratar de uma história do tempo presente, encontrei testemunhos de pessoas que vivenciaram o período áureo e decadente da prostituição e relatos de conterrâneos possuidores de um saber acumulado transmitido por meio de gerações passadas.

Andando pelas ruas da cidade com Cacau Nascimento fui registrando os lugares, costurando diálogos que resultaram na compreensão das permanências e transformações no formato urbano da cidade.

As discussões que serão apresentadas nas linhas que se seguem, tem como objetivo compor uma análise dos espaços públicos da cidade da Cachoeira através do uso de imagens que elucidam pontos antigos e atuais da prostituição. Espaços historicamente demarcados e alvos de intervenções urbanísticas e higienistas a favor da “limpeza da cidade”.

No território da cidade da Cachoeira, sempre se contou e se conta a história do heroísmo de um povo, a economia de *plantation*, a arquitetura barroca e neoclássica deslumbrante, aspectos da escravidão, aspectos da vida religiosa, agora também conta o outro lado da moeda, o mundo da prostituição, dos oprimidos, de mulheres “desordeiras” “desviantes”, dos espaços “imorais”. (SOIHET, 1997)

Contudo, tornou-se necessário, compor um olhar histórico e antropológico sobre os lugares onde a prostituição se fez presente na cidade, utilizando-se de imagens fotográficas, testemunhos orais e materiais impressos, que servem para suscitar questões sobre a materialidade vivida do lugar inserida num determinado contexto e temporalidade. Evidenciar nesses espaços, nas casas e sobrados uma história velada, muitas vezes silenciada e/ou marginalizada pela própria sociedade frente a um projeto de moralização dos espaços públicos. A ausência de uma historiografia da prostituição em Cachoeira foi o que me instigou a promover uma discussão sobre o tema. Parafraseando Eric Hobsbawm (1998), quando disse que o sentido do passado é construído a partir das implicações do tempo presente.

Praças, árvores, escolas e cinema que foram construídas nas intermediações do porto, expressam manifestações vivas do projeto de higienização<sup>26</sup> da cidade no início do século XX, como forma de aglutinar pessoas e criar novas formas de sociabilidades vivenciadas naquele espaço, a fim de coibir no território a circulação de pessoas com práticas consideradas pela sociedade, “imorais” e “desviantes”.

Neste sentido, grupos e indivíduos que foram historicamente estigmatizados e excluídos de um modelo de sociedade que preconizava os ideais de civilidade e modernidade, foram perdendo espaço para as novas redes de sociabilidades que faziam parte da política pós-abolicionista. Por conta disso, as áreas em que existiam casas de prostituição foram se deslocando de forma mais intensa para a Rua 7 de setembro e Travessa Tavares.

Em 1876 foi aberta a estação de Cachoeira, como neste período não havia ponte que cruzasse o rio, o serviço de balsas era bastante frequente, porém não dava conta, pois o número de pessoas que atravessavam era muito intenso, deste modo, surgiu a necessidade de construir uma ponte, chamada Dom Pedro II, inaugurada com a presença do próprio imperador em 1885<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> O projeto de higienização vivenciado na cidade da Cachoeira por volta do início do século XX está vinculado a um projeto de nação, muitas cidades brasileiras consideradas importantes centros comerciais e urbanos foram os principais alvos da política higienista. Compreendo que, alocado a esse projeto, havia também um processo de expansão urbana que vinha ocorrendo na cidade da Cachoeira desde finais do século XVII. Parece que as primeiras intervenções urbanísticas importantes na vila da Cachoeira aconteceram efetivamente a partir das duas primeiras décadas de 1700. Até então, a feição urbana continuava inalterada, exceto as obras de construção da Casa da Câmara e Cadeia e o convento dos carmelitas, que iam a passos lentos. Havia um certo descaso administrativo. Pelo menos é o que se constata pelas constantes admoestações das autoridades soteropolitanas, que exigiam assiduidade dos membros do Conselho do Senado da Câmara, que teimavam em não assumir os seus cargos. Cf. Milton, Aristides. *Ephemerides Cachoeiranas...*

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

**Figura 9** - Estação ferroviária de Cachoeira (2017).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

**Figura 10** - Ponte D. Pedro II sobre o Rio Paraguaçu (2017).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

Sobre a construção da ponte ferroviária, existe um fato interessante, os moradores de São Félix e Cachoeira fizeram protestos contra o lugar onde a ferrovia estava sendo construída, alegando prejuízos para a dinâmica comercial das cidades. No dia 9 de agosto de 1873, o inglês Hugh Wilson, responsáveis pela obra de construção da Ponte ferroviária que ligaria as duas cidades, enviou ofício à Câmara com o seguinte teor:

Havendo-me representado diversas pessoas de alta posição no Commercio d'esta cidade e no de S. Felix, a inconveniencia do lugar onde foi resolvido construir a ponte, visto como sua construcção no lugar em que já foi principiada destruirá o único porto de São Felix, e também o importante porto da Manga, venho rogar a Vossa Senhoria de tomar esta meteria em consideração antes da visita do Ex<sup>mo</sup> S<sup>nr</sup> Vice Presidente que deverá chegar no dia 15 ou 16 do corrente a fim de que alguma deliberação seja tomada sobre a matéria antes de prosseguir com a construcção da mesma ponte.<sup>28</sup>

Hugh Wilson, com toda razão, se protegia dos protestos incitados pela associação formada por grandes comerciantes de Cachoeira e São Felix que, entre outras atitudes protecionistas, discordavam do local onde seria construída a mencionada ponte. As referidas sociedades pretendiam que a ponte ferroviária fosse construída na proximidade do ponto de embarque e desembarque do vapor, no cais Maria Alves, onde permanece até dias atuais, ou, não sendo possível, que ela fosse transferida para o cais da Manga, onde deveria ser construída a ponte ferroviária. Depois de vários desentendimentos e protestos realizados pela sociedade, enfim a ponte foi construída.

---

<sup>28</sup> Arquivo Público Municipal da Cachoeira, documentos diversos não catalogados.

**Figura 11 - Cais Maria Alves (2017)<sup>29</sup>.**



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

Assim, em 24 de fevereiro de 1881, Hugh Wilson solicitou autorização para retirar pedras “nas pedreiras do Rio Paraguassú para construção dos alicerces da ponte”. Em 28 de abril de 1881, o mesmo Hugh Wilson solicitou a Câmara autorização para dar início à obra:

Diz Hugh Wilson empreiteiro da Estrada de Ferro Central, B. I.L.B.R, que tendo de dar principio a construcção da Ponte sobre o rio Paraguassú, entre os pontos de sua margem denominados –cueira – e Manga, vem pedir a esta Ilm<sup>a</sup> Camara licença para isto; e bem assim para demolir uma pequena parte do caes da praça da manga, do lado do Norte, onde vai tocar a construcção da Ponte, e fazer-se na mesma praça as obras precisas, concernentes á ella, sendo-lhe também permittido fazer para o lado da margem de S. Felix, onde deve ter começo a edificação d’ella, as obras necessárias. Requer pois a V. Ex<sup>a</sup> concedão a authirização pedida para ser a obra da ponte de conveniencia publica é fazer parte do contracto da Empreza<sup>30</sup>.

É de notório saber as histórias que contam a ferrovia e o “vapor de Cachoeira”, vias de locomoções importantes para a época. O sistema pluvial no

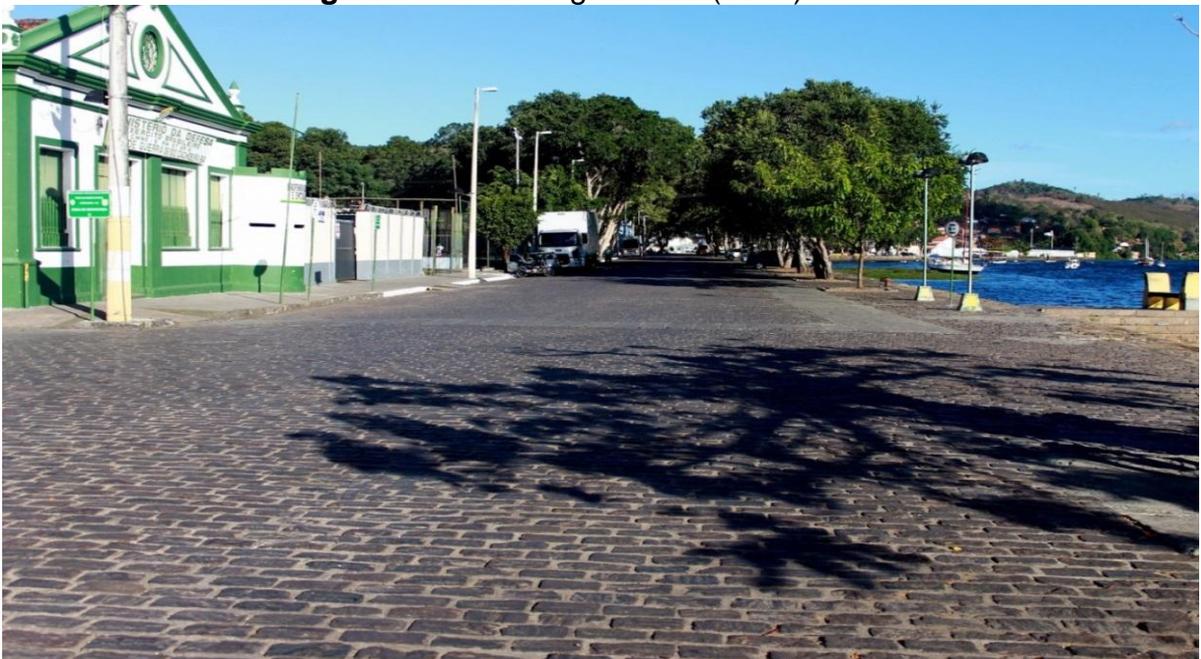
<sup>29</sup> Um dos pontos de referência para a navegação baiana.

<sup>30</sup> Arquivo Público Municipal da Cachoeira, documentos diversos não catalogados.

contexto da navegação baiana, juntamente com as condições geográficas, históricas e culturais da Cachoeira favoreceram na formação de uma economia açucareira e fumageira que atendiam exclusivamente ao governo brasileiro e a uma elite local.

O sistema ferroviário também teve seu papel imprescindível no trânsito de pessoas e mercadorias que vinham do sertão e de outras localidades. Então, essas imagens servem para elucidar o ponto de chegada e de partida dessas pessoas que foram de suma importância para a dinâmica social da Cachoeira e cidades vizinhas.

**Figura 12 - Rua Virgílio Reis (2017)**



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

Toda a extensão do porto compreende a Rua Virgílio Reis, onde se encontra as três principais praças, Praça Ubaldino de Assis (conhecida como Jardim Grande); Praça Goes Calmon (conhecida como Faqui) e Praça da Liberdade. A Rua Conselheiro Virgílio Damasio fica atrás do Jardim Grande, e próximo a essa rua, existem duas ruas que também eram zona de prostituição, a Travessa Ribeiro e a Travessa Adrião (conhecida como beco do brega de Nenzinha).

**Figura 13 - Rua Travessa Ribeiro (2017).**



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

**Figura 14 - Rua Travessa Adrião<sup>31</sup> (2017).**



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

As duas Travessas no início do século XX possuíam uma grande concentração de casas que faziam uso da prática de prostituição, com o projeto de higienização, o Jardim Grande e a Escola Ana Nery foram construídos à frente, com

---

<sup>31</sup> Rua Travessa Adrião, era local de zona de prostituição e onde ficava o brega de Nenzinha (perdurou até final da década de 90).

o objetivo de inibir esses atos considerados “promíscuos” e fazer circular pessoas com outras finalidades que estavam diretamente ligados com educação e lazer.

A rotatividade dos clientes foi diminuindo e com o passar do tempo, a prostituição neste espaço deixou de existir, somente o brega de Nenzinha continuou na ativa, porém com o seu falecimento no final dos anos 90, fechou as portas.

Próximo à Praça Goes Calmom foi construída a Escola Montezuma<sup>32</sup>, fundada em 26 de Julho de 1932, nomeada de Prédio Escolar Montezuma, em homenagem a Francisco Gê Acaiaba Montezuma, um dos precursores da Independência do Brasil na Bahia. Em 1956, a escola ganhou o nome de Escola Reunidas Montezuma; em 1961, novamente seu nome é modificado para Grupo Escolar Montezuma, com o processo de municipalização das escolas, em 1981, passa a ser chamada definitivamente de Escola Montezuma.

**Figura 15** - Praça Goes Calmon – Faquir (2017).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

A Praça Teixeira de Freitas, mais conhecida como Praça da Liberdade, construída com o propósito de higienizar a rua, contém vários elementos referentes

---

<sup>32</sup> ESCOLA MONTEZUMA. Disponível em: <<http://montezumaescola.blogspot.com.br>>. Acesso em: 5 maio 2016.

ao projeto de modernização da cidade, além das áreas arborizadas e bancos, a construção do Cine Theatro contribuiu para inserir a cidade num contexto civilizado, culto e moderno. O teatro foi construído em 12 de abril de 1923<sup>33</sup>, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN) em 1937, tendo servido à cidade como um importante centro cultural de manifestações cênicas e cinematográficas. Ainda assim, o prédio que abrigava o antigo Cine Teatro Glória – seu nome original – permaneceu desativado por duas décadas, sendo reinaugurado no dia 25 de junho de 2014.

**Figura 16** - Praça Teixeira de Freitas (2017).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

As colunas que se encontram presentes nas praças fazem referência à cultura greco-romana e ambas estão inseridas no contexto da reforma urbana, realizada em Cachoeira no início do século XX, a fim de atribuir a estes espaços sinais de modernidade e higienização.

---

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://www.tribunadabahia.com.br>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

**Figura 17 - Bar *Night Andei* (2017).<sup>34</sup>**



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

O bar *Night Andei* entre as décadas de 60 e 80 era o principal ponto de encontro dos homens que gostavam dos prazeres noturnos da cidade. Cacau Nascimento afirmou que o lugar possuía uma dinâmica muito intensa e que muitas mulheres utilizava esse ambiente para conseguir clientes.

**Figura 18 - Bar Guarani (2017).**



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

<sup>34</sup> Considerado um dos bares mais antigos da cidade, lugar onde acontecia jogo de bilhar, sinuca e prostituição.

O Bar Guarani também era casa de prostituição. Atualmente exerce a função de bar e restaurante, e contempla um dos espaços de lazer mais intensos da cidade.

**Figura 19** - Beco do Bilhar (2017).<sup>35</sup>



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

Relata Cacau Nascimento que, neste espaço os homens se envolviam em apostas, jogos de “azar”, mulheres “ganhavam a vida” de forma variada, quando não era com a prostituição, era vendendo comida, acarajés e quitutes.

Compreendo o brega como um território definido, pois não representa uma casa de prostituição em si, mas todo um complexo geográfico de sociabilidade e poder. A partir do imaginário de contrterrâneos da cidade pude entender que neste espaço existia uma relação de dependência mútua entre os moradores, mulheres que chegam de vários lugares, muitas das vezes não tinham nem o que comer direito, e quando chegavam no brega sempre eram acolhidas por outras prostitutas ou por donas(os) de restaurantes e bares.

---

<sup>35</sup> Lugar onde havia prostituição.

**Figura 20** - Travessa Tavares (2017).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

Todas as casas da Travessa Tavares era lugar de prostituição. Neste espaço funcionava o brega de um antigo cafetão chamado João Chaves (vulgo Vermelho), mas havia também duas casas de prostituição bem conhecidas e frequentadas por muitos clientes, o brega de Bigson e Daniel<sup>36</sup>. Cabeluda antes de alugar sua própria casa de prostituição, viveu na casa de “Vermelho” por algum tempo, depois alugou uma casa nesta mesma rua, número 5. Os filhos de “Vermelho” com uma prostituta chamada Maria da Conceição (vulgo Ceixa) foram criados por Cabeluda. Jeferson Chaves (vulgo Nanoso), um dos filhos do cafetão relata que:

Fui criado dentro do brega e nunca me falaram que minha mãe Ceixa fosse prostituta, ela era mulher de meu pai, meu pai era o cafetão, eu quando criança presenciei muita coisa que se passava ali, muitos homens frequentavam o local, o brega mais intenso da cidade era na Travessa Tavares, na rua Sete de Setembro o movimento era mais fraco. Só ficou mais movimentado quando Cabeluda se mudou pra lá e as casa dos cafetões foram fechando<sup>37</sup>.

<sup>36</sup> Filho de Josefa Rodrigues Pereira, antiga prostituta na Travessa Tavares.

<sup>37</sup> Entrevista realizada no dia 30 de Maio de 2017.

**Figura 21** - Rua 7 de setembro (2017).<sup>38</sup>



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

**Figura 22** - Point das Morenas (2017). Casa de prostituição que funciona há quase 20 anos na cidade.



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

A dona do Point das Morenas, Mônica, antes de se tornar proprietária da casa de prostituição, foi prostituta do brega de Cabeluda. Ednei, o gerente do Point é quem administra o lugar juntamente com uma prima de Mônica, chamada Magda, também prostituta da casa.

<sup>38</sup> Antiga zona de prostituição. Atualmente somente o brega de Cabeluda permanece na ativa como a forma de prostituição mais antiga da cidade.

Apesar do projeto de higienização ter diminuído as zonas de prostituição em algumas áreas, em outras ruas elas se tornaram bem intensas, pois, o projeto não foi suficiente para exterminar tal prática, e os elementos de modernidade incorporados nesses espaços continuou, lado a lado, com o tradicional sistema de prostituição.

O auge dessa prática se deu na década de 60 e 70, e os fatores que determinaram a sua decadência estão mais relacionados com fatores endógenos da própria prostituição, como por exemplo, prostitutas que foram envelhecendo, muitas morreram, outras se tornaram evangélicas, mudaram de vida, as casas foram sendo vendidas e grupos de famílias foram ocupando esses espaços.

Não devemos descartar as influências de fatores externos, como por exemplo, o aumento da violência, tráfico de drogas, a globalização e as mudanças de comportamento frente os anseios da sexualidade. Todavia, essas formas de interatividade humana nesses espaços, tão fortes no período citado, legitimaram uma dinâmica social de aglutinação de pessoas que existem até hoje. A vida noturna em Cachoeira continua a “todo vapor”, o que revigora uma cultura genuinamente local de atividades de lazer e prazer, frente a demais cidades circunvizinhas, que possuem uma dinâmica cultural diferenciada.

O projeto de urbanização vivenciado na cidade da Cachoeira que se pautou em exterminar ou restringir os espaços da prostituição ou “lugar degenerado” foi um fenômeno que estava de acordo com a construção da identidade nacional desde os primórdios da República Brasileira. A implementação deste projeto, ou seja, as obras urbanas contribuíram para a segregação dos espaços sociais, limitando o campo de atuação da zona do brega.

Em Salvador na Primeira República, Laíse Lemos dos Santos (2015) discorre sobre o projeto de modernização do estado articulado pela elite baiana, que tinha como objetivo civilizar os espaços públicos e seus modos de sociabilidades. A autora afirma que:

A cidade como reflexo do progresso deveria ser atrativa para seus visitantes e, para isto, era necessário reservar a pobreza às instituições assistenciais e reorganizar, hierarquicamente, os espaços, deslocando os centros de maior circulação os elementos indesejáveis, dentre estes, as prostitutas, os mendigos e, até mesmo, as mulheres das camadas populares que armavam seus tabuleiros

para vender seus quitutes e, segundo o discurso civilizatório, sujavam as ruas. (SANTOS, 2015, p. 12).

Angelita Cunha da Silva Sousa (2013, p. 49) em “A Rua do Maga-sapo: Cotidiano e representações da prostituição em Vitória da Conquista - BA (1950-1971), utilizando-se de acervo documental diverso, como por exemplo discursos literários, jornais locais e regionais da época, aponta para intervenções urbanísticas que afetaram a dinâmica da vida noturna das principais zonas de boêmia e de prostituição entre os anos de 1950 a 1971. “Um decreto nº24 de 17 de maio de 1951, aprovado pela Câmara de Vereadores e publicado sob a gestão de Gerson Gusmão Sales, determina a retirada das meretrizes”

No decreto retirado da obra de Sousa podemos perceber o discurso moralista das autoridades locais referente à zona de prostituição que faziam parte da rotina de principais ruas da cidade:

Considerando que a rua Dr. San-Juan, vulgarmente conhecida por rua da Moranga, nesta cidade, sendo uma rua bastante movimentada, e por isto com vistas de ser uma das principais ruas desta cidade; Considerando que, por ali transitarão em futuro próximo, as crianças que, como alunos, frequentarão a escola Normal, a inaugurar-se nessa cidade [...] Considerando, finalmente, que a rua acima citada, é habitada exclusivamente por mulheres de vida livre, e que funcionam ali vários cabarés coisas que muito poderão vir a prejudicar a mocidade, que ali terá forçosamente de passar; Considerando, ainda, que é dever dos representantes do povo zelar de seu bem estar, principalmente no tocante à moral e a formação de uma mocidade, que responderá sem nenhuma dúvida pelos destinos de nossa terra<sup>39</sup>.

Com a retirada das prostitutas, Sousa afirma que, a Rua da Moranga tornou-se uma avenida com amplo domínio de casas comerciais, e aos poucos se consolidou a ideia de que as ruas centrais eram territórios de pessoas “distintas”, que não aceitavam conviver com grupos “desqualificados”, como as prostitutas.

Nesse contexto de projeto de vida urbana, como forma de sobrevivência, a prostituição passou a migrar para outras ruas da cidade de Vitória da Conquista. A

---

<sup>39</sup> APMVC. Acervo Permanente. Fundo da Câmara Municipal. Grupo Sessão Legislativa. Série Proposta Legislativa. Período: 1950-1962.

Rua do Maga-sapo, conhecida anteriormente como Rua D. Pedro II, passou a representar, entre os anos de 1950 a 1971, a principal zona de boêmia, com atividades noturnas caracterizadas pela existência de cassinos, boates e casas de prostituição.

A partir da década de 1950 que o Maga-Sapo firmou-se no zoneamento da prostituição feminina da cidade. As casas de meretrícios dessa rua aumentaram e ganharam importância com a transferência para a rua das casas de mulheres das antigas zonas. O comércio sexual foi a principal atividade econômica da Rua do Maga-Sapo, pelo menos, até 1971 quando, sob pressão de moradores das adjacências, os prefeitos Fernando Ferreira Spínola e, posteriormente, Nilton Gonçalves promoveram a retirada das prostitutas deslocando-as para as periferia da cidade (SOUSA, 2013, p. 54).

A história da Rua do Maga-Sapo apesar das suas peculiaridades locais se cruza a outras histórias, lugares diferentes, mas que foram alvos de intervenções urbanísticas com o intuito de promover a “limpeza da cidade”, situações como estas, vivenciadas em Cachoeira e demais cidades brasileiras. O projeto civilizatório nacional tinha como objetivo civilizar e higienizar os espaços públicos a favor dos anseios da elite.

Gilberto Velho (1982, p. 17-94) em “A Utopia Urbana: um estudo de Antropologia Social” realizou uma pesquisa de campo que se consagrou num clássico da Antropologia Urbana. O livro publicado em 1973 evidencia aspectos do cotidiano da metrópole do Rio de Janeiro no início do século XX a partir das relações sociais constituídas em torno da geografia urbana do bairro Copacabana. Os estilos e modos de vida de moradores das camadas médias do prédio “Estrela” foram um dos principais enfoques de sua pesquisa, bem como as problemáticas sociais vivenciadas neste espaço.

O Edifício Estrela, construído em 1954 e iniciado sua habitação em 1958, nos estudos de Gilberto Velho é mais uma amostra do trato que é dado aos grupos “marginais” na sociedade brasileira, como por exemplo, as prostitutas e homossexuais. Ficou constado pelo autor que, havia estereótipos existentes em relação ao prédio, expressado pela crença num “baixo padrão moral” (termo utilizado pelos próprios moradores que condenavam a prática de prostituição no prédio).

“Entre os 176 apartamentos havia três considerados “suspeitos”, pois eram habitados por prostitutas” (VELHO, 1982, p. 34). Qualquer tipo de tumulto ocorrido neste espaço, as autoridades policiais declaravam que as responsáveis eram as prostitutas, mesmo o caso não tendo relação com o problema da prostituição. Os moradores concentravam os problemas nos indivíduos considerados “marginais”.

Na obra de Velho, percebem-se as confluências e divergências que vão tomando forma na configuração destes espaços de sociabilidades. Neste estudo as categorias sociais obedecem a um sistema hierárquico de classificação vinculado a valores, crenças, ideias, ideologias. Na dinâmica de socialização do “prédio Estrela” o autor detecta como os indivíduos são representados e constituídos socialmente a partir de sistemas valorativos e ideológicos.

As prostitutas enquanto categoria de análise social tiveram papel importante como força motivadora da transformação histórica que ocorreu na cidade da Cachoeira, tanto a partir da sua implementação, discriminação, consolidação e decadência.

A prostituição também se constitui como um sistema contra-hegemônico vivenciada nas malhas da sociedade. A Nova História Cultural, proposta por Thompson, reformula sutilmente o modelo gramsciano e afirma que o poder hegemônico pode ser limitado ou redefinido pela própria estrutura tradicional da cultura popular, formando, assim, um poder contra-hegemônico. (HUNT, 1992).

A tentativa das elites de intervir sobre os espaços de prostituição, buscando redefinir e/ou limitar suas áreas de influência, constitui-se numa imposição sobre um modo de vida a partir de um controle patriarcal sobre grupos “inferiores” e subalternizados.

O intuito de colocar em evidência fontes históricas não verbais, compreende-se que qualquer tipo de vestígios deixados pela humanidade são relevantes para a produção do conhecimento, pois entende-se que a história não se faz só com textos e existem várias “maneiras semióticas de trabalhar as imagens para fins históricos” (CARDOSO; MAUAD, 1997). A semiótica se ocupa de um sistema de significações que estabelecem categorias visuais específicas em níveis de expressões e conteúdos que dialogam entre si.

A fotografia é surpreendente porque é a materialização da experiência vivida, codificadas em signos se constroem num processo alquímico de criação. Humanos e signos de forma dialógica compõem a intriga rede de significações sobre a realidade. Através dela podemos reestruturar quadros de representação social e códigos de comportamentos em contextos e temporalidades diferentes.

A fotografia, enquanto componente desta rede complicada de significações, revela, através da produção da imagem, uma pista. A imagem considerada como fruto de trabalho humano pauta-se em códigos convencionalizados socialmente, possuindo, sem dúvida, um caráter conotativo que remete às formas de ser e agir do contexto no qual estão inseridas as imagens como mensagens. (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 406).

Percorrer os caminhos da prostituição em Cachoeira através das fotografias permitiu contextualizar a história local, refletir sobre as intencionalidades arquitetônicas e consciência urbana e não menos importante, atribuir sentidos às representações simbólicas dos espaços públicos e privados. A cartografia da cidade revela como as hierarquias dos espaços sociais são construídas e influenciam as redes de sociabilidades, muita das vezes, reinventadas a partir da estrutura hierárquica de poder.

Luciana Aguiar Bittencourt (1998, p. 200), afirma que, a contribuição das imagens enquanto registro etnográfico, não se resume na valorização da técnica que gera imagens similares ao mundo sensível, “mas reside no fato de que estas imagens são produtos de uma experiência humana”. Isso implica em dizer que, imagens são registros históricos que traduzem identidades e subjetividades humanas.

Peter Burke (2004, p. 17) ressalta que, “Imagens assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular” Para Burke, os historiadores não devem fazer uso das imagens limitando-as como “evidências”, mas problematizar o impacto da imagem na imaginação histórica.

## 4 NARRATIVAS E TRAMAS DE CABELUDA

**Figura 23** - Entre o Rio e o Porto, 2017.



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

Navegando na memória,  
Percorrendo narrativas,  
Vou ancorando no porto...  
Experiências de vida.

Gleysa Teixeira, 2017.

### 4.1 A TRAJETÓRIA

A experiência – uma categoria que, por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento.

E.P.Thompson.

O indivíduo é um ser social dotado de experiências que se tornam níveis condutores de práticas sociais que se modificam e transformam a consciência social. O fluído das experiências está relacionado com o modo como as pessoas vivem e se relacionam, bem como, a forma como administram os vínculos de identidades e as pressões sociais que estão na investidura dos padrões de comportamentos e normas disciplinares. A sobrevivência de grupos e indivíduos são garantidos no ritmo contínuo e descontínuo dos saberes culturais.

Contar a História de Cabeluda, sua trajetória, tramas e narrativas, não apenas enriquece a história das mulheres a nível local e nacional, mas também inscreve a história da Cachoeira no palco do processo de marginalização das hierarquias de gênero, haja vista que, a cidade sempre teve como trama principal dos pesquisadores, as lutas de independência, a escravidão, os heróis e heroínas, a religiosidade, o catolicismo e os terreiros de candomblé, entre coisas mais.

Todas as tramas são importantes e dão o tom da sociedade cachoeirana, mas contar a história da prostituição através da trajetória de uma prostituta, corrobora para novas formas de pensar a história da cidade, de entender um espaço criminalizado, estigmatizado e prostituído, de compreender uma dinâmica portuária no jogo dos prazeres.

Esta é uma história das “minorias”, de pessoas que não aparecem na história, a não ser como meros figurantes. Dona Cabeluda, enquanto mulher é uma sobrevivente da sua própria história, que carrega consigo uma teia de significados e sentidos. Uma mulher que possui ousadia e alegria em viver, carrega em sua narrativa um grito de liberdade e um silêncio velado.

Para Michelle Perrot, “o silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento”. (PERROT, 2005, p. 9). Na história da humanidade, o silêncio das mulheres era a regra da sociedade, nos arquivos históricos quase nada se encontrava sobre elas. No entanto, a força motriz da dominação masculina não pôde silenciá-las e os estudos sobre Gênero na atualidade vieram desconstruir, desnaturalizar e politizar as mulheres, tornando-as sujeito de suas próprias decisões, “senhoras” do seu destino. Essas discussões surgiram para romper

paradigmas e desmantelar arquétipos conceituais que analisam o homem e a mulher numa relação binária e justaposta à natureza humana.

Teorias essas engessam o comportamento humano e pulverizam a construção da compreensão do sexo/gênero, sendo que ambos podem sofrer mudanças e transformações que perpassam pelas experiências, culturas e processos de formação de identidades e subjetividades.

Rita Laura Segato considera relevante o pensamento de Dumont sobre as estruturas hierárquicas e reconhece o gênero como uma categoria abstrata, porém, a autora aprimora o pensamento de Dumont e foca seus estudos na compreensão do gênero como uma experiência fundante que organiza o mundo e define as práticas sociais. Para Segato, o gênero pertence a uma categoria cultural particular, onde as relações de oposição são formadas pelo princípio básico da alteridade.

Apesar de ter sido deixada tradicionalmente nas mãos das mulheres, a reflexão sobre gênero, na verdade, trata de uma estrutura de relações e, portanto, diz respeito a todos, esclarecendo-nos sobre os meandros das estruturas de poder e os enigmas da subordinação voluntária em geral, além de originar um discurso elucidador sobre a implantação de outros arranjos hierárquicos na sociedade, ao nos permitir falar sobre outras formas de sujeição, sejam elas étnicas, raciais, regionais ou as que se instalam entre os impérios e as nações periféricas. (SEGATO, 1998, p. 2).

A personagem principal dessa trama histórica e sociológica faz parte deste universo feminino conceitual e controverso, plural e dinâmico, é por isso que a sua voz, suas experiências e memórias são tão importantes para mim. Não é um estudo de uma prostituta em si, mas para si, para os outros, e o fato de ter sido trabalhadora do sexo, atualmente cafetina e os sentidos que atribuiu a essa profissão é o que compõem a sua consciência social e norteia as minhas diretrizes teóricas.

O contato com o campo em suas dimensões fez emergir várias sensações que ultrapassaram as teorias acadêmicas e me fez pensar nas minhas próprias limitações enquanto pesquisadora. Eis como se deu essa aventura...

Numa manhã de terça-feira, 24 de novembro de 2009, eu e Dona Cabeluda nos olhamos e nos encontramos e a primeira conversa surgiu desse momento inusitado. Entretanto, não foi a primeira vez que entrei em sua casa.

Recordo-me que no Terno da Alvorada<sup>40</sup>, no ano de 1999, durante o embalo festivo, eu e uma turma de amigos, fomos no “brega” de Cabeluda tomar uma cervejinha, nesta época tinha quase 16 anos, lembro que o convite me causou certo desconforto, mas nesta fase o que eu mais queria era enfrentar meus medos, porém a visita ao espaço foi rápida, mas, mesmo assim, fiquei observando o lugar, olhando cada detalhe.

Neste primeiro contato que tive da casa de prostituição, Cabeluda não era nada importante para mim, nem ao menos conversamos, nem a encarei, muito menos olhei em seus olhos, para mim só me interessava o ambiente, o espaço físico, e o fato de eu está transgredindo uma norma que me foi dada na infância... Nunca passe pela rua do “brega”!. Tanto ao entrar como para sair, olhei para os quatros cantos da rua, e ainda com o “velho receio da infância”, fiquei preocupada, caso algum conhecido da cidade presenciasse a minha saída do brega. Tudo uma questão de adaptação e aos poucos, “medos e preconceitos” foram se despindo gradativamente.

Vamos retomar aquele primeiro momento de aventura enquanto pesquisadora que tive com Cabeluda em 2009. Sentindo aquele friozinho, sem ter noção do que estava por vir, fui ao encontro do meu objeto de estudo, adentrei no campo, um pouco tensa, pois era a primeira vez que estaria entrando num bordel com o objetivo acadêmico, sabendo que não era apenas uma visita rápida, mas que seriam visitas contínuas e laços que deveriam se estreitar.

Cheguei até a porta, olhei em direção ao corredor, percebi que tinha clientes na casa. Cabeluda veio em minha direção, sorrindo cumprimentou-me, retribui com simpatia e de antemão agradei por ela ter me cedido um pouquinho do seu tempo. Estava ansiosa para entrar na casa, mas ela não me convidou a entrar, sentamos no batente da porta, a máquina do som<sup>41</sup> estava muito alta, mas não podia perder essa oportunidade, ali mesmo iniciou a nossa primeira conversa.

---

<sup>40</sup> Embalo que sai às 5:00 horas da manhã. Esse é um momento profano que faz parte da Festa de Nossa Senhora da Ajuda, que acontece na primeira quinzena do mês de novembro.

<sup>41</sup> Termo utilizado por Cabeluda ao se dirigir ao aparelho de som.

**Figura 24 - Pais de Cabeluda, s/d** <sup>42</sup>



**Fonte:** Acervo da família

Dona Renildes Alcântara dos Santos, mais conhecida como Cabeluda, nasceu na cidade de Buerarema, município que já foi chamado de Macuco<sup>43</sup>, localizado no sul da Bahia, no dia 25 de dezembro de 1944<sup>44</sup>. Seus avós maternos, Pacheco<sup>45</sup> e Senhora nasceram na cidade de Guaraci, os seus pais, Pedro Alcântara e Firmina de Andrade viviam numa fazenda, lugar conhecido como Floresta Azul, depois de alguns anos se mudaram para Ibicaraí. Foi nesta fazenda que Cabeluda foi criada e educada por seus pais.

Cabeluda foi um apelido que a mesma ganhou quando veio pra Cachoeira. Com os cabelos compridos, pernas cabeludas e com bigode, homens e mulheres passaram a chamá-la a mulher do cabelo, e aí o termo Cabeluda disseminou. A mesma por vontade de seus pais nunca frequentou uma escola, Cabeluda viveu todo esse tempo sem ser escolarizada, não sabe ler nem escrever. Por várias vezes a mesma me contou que sentia muita falta da escola, que seus pais eram

---

<sup>42</sup> Pedro Alcântara dos Santos (17/08/1916-09/11/2006). Maria Firmina de Andrade 25/09/1918 - 13/08/2011).

<sup>43</sup> Nome dado devido ao grande número de Macucos, ave sul-americana de grande porte da família Tinamidae.

<sup>44</sup> Essa foi a data de nascimento dita por Cabeluda, mas, sua filha, chamada Natalícia, revelou numa entrevista realizada no dia 25 de janeiro de 2017, que Cabeluda nasceu no dia 03 de março de 1944.

<sup>45</sup> “Meu avô me dava cachaça e eu andava de quatro pé”. Trechos da entrevista realizada no dia 24 de novembro de 2009.

“ignorantes” não davam importância aos estudos, por isso, que Cabeluda sempre priorizou a escolarização de seus filhos e netos, porque, para ela, nenhum de seus filhos deveriam seguir o caminho dela, pois no seu dizer “foi uma vida muito sofrida” e “sem o estudo ninguém consegue nada”.

A infância narrada por Cabeluda refere-se a uma época em que a concepção de ser criança no mundo estava relacionada com os papéis e atribuições no convívio com a família, exemplificando o pensamento sobre o trabalho infantil e o modo como a sociedade lidava com essa questão.

No caso de Cabeluda, desde cedo o serviço doméstico sempre foi a regra dentro das relações estabelecidas em família, um trabalho que se estendia dos afazeres domésticos a serviços no campo, pois sendo a filha mais velha, era encarregada também de ajudar na criação dos irmãos ainda pequenos. Fora todo esse rigor de atribuições que Cabeluda possuía, havia também os castigos físicos e xingamentos por parte dos seus pais, quando o serviço não era bem feito.

Hoje quando nos deparamos com crianças trabalhando, seja dentro ou fora de casa, reagimos com indignação, mas todos nós sabemos que o trabalho infantil faz parte de um passado não tão distante da nossa realidade, principalmente nas sociedades ocidentais, que passaram por revoluções nos meios de produção, onde crianças foram inseridas como mão de obra barata em fábricas e indústrias para atenderem aos anseios do sistema capitalista.

Durante o período moderno, a maioria das famílias buscavam trabalho para seus filhos como uma questão de rotina. Na verdade, as autoridades estavam mais preocupadas com os pecados da “indolência e do ócio” entre os jovens do que com o trabalho em excesso. Foram o século XIX e o início do século XX que trouxeram transformações profundas no papel das crianças como trabalhadores. (HEYWOOD, 2004, p. 161).

Colin Heywood em seus estudos sobre a História da Infância, e, diga-se de passagem, ocidental, afirma que a entrada das crianças no mercado de trabalho foi realizada por muitos anos, seguindo circunstâncias pessoais e a disponibilidade de trabalho em cada localidade. O mesmo discute que existiam crianças que trabalhavam o dia inteiro fora de casa, mas que a maioria trabalhava em unidades familiares, em que assumiam pequenas tarefas, e uma delas era cuidar de irmãos

para que os adultos realizassem um trabalho produtivo. No entanto, as definições de “criança” no mercado de trabalho sofriam variações tendo em vista contextos nacionais diferentes. (HEYWOOD, 2004, p. 162-163).

Quando nos propomos a pensar sobre o trabalho, não podemos perder de vista a grande evolução do século XX, no que diz respeito ao ingresso do trabalho na esfera pública, que já não mais fica restrita a esfera privada. Ocorre neste sentido, um duplo movimento, um de separação; e, o outro, de especialização dos espaços. A intensidade desse movimento também seguiu a contextos históricos diferentes.

A especialização dos espaços construiu o processo de diferenciação nos papéis femininos e masculinos balizados através da classe social e o lugar do trabalho, pois o ideal para uma mulher jovem da classe média no começo do século XX, ao invés de trabalhar na casa dos outros, era preferível que trabalhasse em casa, costurando por exemplo. As jovens das camadas mais baixas, predominava a conveniência em trabalhar fora de casa, na fábrica ou na casa de um particular, como doméstica. (PROST, 2009)

Do relacionamento de Pedro e Filmina nasceram oito filhos: “o mais velho se chama Reinam, eu fui a segunda a nascer, depois veio Maria das Graças, Maria José, Edvaldo, Pedro Filho, Rivanildes, Ednalva”<sup>46</sup>. Do convívio com sua família biológica Cabeluda não traz boas recordações, fala de um tempo muito sofrido, de castigos e maus-tratos.

Ainda no início da adolescência, aos doze anos, os seus pais a casaram à força. O casamento<sup>47</sup> durou quatro anos, duas filhas nasceram dessa união. Ela afirma que o marido era muito violento, motivo que a fez fugir desse relacionamento e cair no mundo em busca de sua liberdade, abandonando família, marido e duas filhas. Saiu de casa, sem lenço e sem documento, nunca mais voltou, o seu pai colocou um detetive a sua procura, mas Cabeluda mudou o nome. Ela disse: “Sair

---

<sup>46</sup> Entrevista – 24 de novembro de 2009.

<sup>47</sup> Constituído originalmente como um contrato civil, o casamento tornou-se um instrumento de controle básico da transmissão do patrimônio e de acordos familiares, desde os primeiros tempos históricos. Somente no século XII a Igreja Católica transformou-o em sacramento cristão. A partir daí, a Igreja passou a controlar os princípios sociais basilares, de forma a coordenar o comportamento dos homens e das mulheres. (NADER, 2008, p. 91).

com a cara e a coragem, cai no mundo, ficando ali e aqui, trabalhei muito, só não quis conta com casa de família”.

Cabeluda narra a sua História levando em conta a atuação do grupo familiar sobre ela, uma atuação que a colocou como vítima de uma relação familiar pautada no sofrimento e na tentativa de fuga dessa situação de opressão, não há lembranças “positivas”, não há sentimento e emoção quando ela se recorda da família, em nenhum momento ela demonstrou arrependimento por ter deixado as filhas. Quando eu perguntei se ela tinha vontade de revê-las, Cabeluda disse que não, pois já havia se passado muito tempo e sabia que elas estavam bem.

As palavras de Cabeluda soam com dureza e firmeza de suas ações, sempre com um discurso direto e objetivo, sem rodeios, sem detalhes da sua privacidade, e com muita ênfase na violência doméstica sofrida. É, sem sombra de dúvida, uma narrativa que contém uma intencionalidade e cabe a mim resignificar essas lembranças, assim como cada leitor.

Como a violência doméstica foi um dos pontos tocados por Cabeluda, se tornou relevante discutir como a violência sobre as mulheres são praticadas no Brasil e os malefícios sociais dessa prática vivenciadas por elas. Grande parte das mulheres que vivenciaram a violência doméstica consideram mais difícil superar a violência psicológica – humilhações que reduzem a autoestima, do que certas agressões físicas como tapa e empurrão.

A maioria das mulheres não considera a progressão da violência doméstica dentro da relação constituída com o companheiro, por exemplo, ou seja, agressões de menor intensidade, como o empurrão e o tapa, considerado aparentemente infrações penais de menor poder ofensivo, pode-se chegar, a médio e longo tempo, no feminicídio<sup>48</sup>. Existe uma crença difundida pela sociedade que o marido ou companheiro deixará de ser violento, induzindo a mulher à decisão de lhe dar “mais uma oportunidade”, persistindo no relacionamento.

---

<sup>48</sup> “A violência contra a mulher não é um fato novo. Pelo contrário, é tão antigo quanto a humanidade. O que é novo, e muito recente, é a preocupação com a superação dessa violência como condição necessária para a construção de nossa humanidade. E mais novo ainda é a judicialização do problema, entendendo a judicialização como a criminalização da violência contra as mulheres, não só pela letra das normas ou leis, mas também, e fundamentalmente, pela consolidação de estruturas específicas, mediante as quais o aparelho policial e/ou jurídico pode ser mobilizado para proteger as vítimas e/ou punir os agressores” (WAISELFISZ, 2015, p. 7).

Julio Jacobo Waiselfisz apresenta em seu livro “Mapas da violência 2015 – Homicídio de Mulheres no Brasil” o perfil histórico e estatístico sobre o mapa da violência contra as mulheres. A partir dos dados apresentados por Waiselfisz percebemos como que a sociedade brasileira em se tratando da violência de gênero é praticada e a qual conclusão podemos chegar a respeito do trato com as mulheres brasileiras por dimensões amplas e específicas também, como por exemplo, taxas de homicídios por estados, capitais, municípios, incluindo dados a nível nacional e internacional sobre as múltiplas agressões sofridas por mulheres, classificadas por faixa etária, cor/etnia, tipos de violências e perfis dos agressores, isso dentro de uma escala que se propõe a analisar quantitativamente os anos anteriores e posteriores a Lei Maria da Penha (1980 a 2003; 2003 a 2014).

É de notório conhecimento que a Lei Maria da Penha – 11. 340, foi sancionada em 7 agosto de 2006, tem como objetivo destacar o rigor das punições para o crime de violência contra as mulheres. Na introdução do texto, no artigo 1º, encontramos a finalidade principal da Lei Maria da Penha:

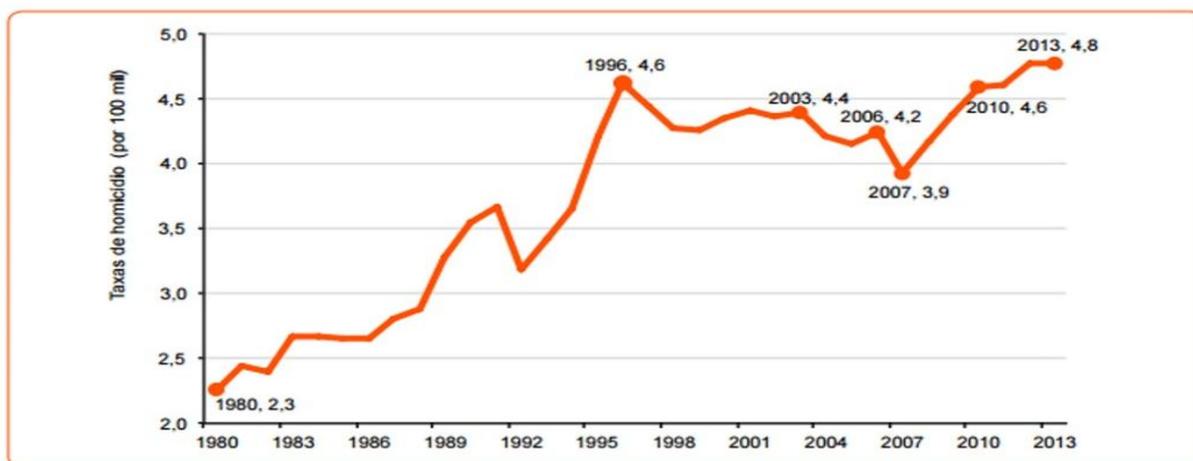
Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. (WAISELFISZ, 2015. p. 7)

As violências praticadas contra as mulheres fazem parte de um legado histórico-cultural que englobam estruturas de poder sedimentadas por meio da ameaça, coação ou força, com a finalidade de intimidar, punir, humilhar. Tanto na esfera pública como na privada, as mulheres são vítimas potenciais de sofrimentos físicos, sexuais e psicológicos que são personificados através das relações da dominação masculina, no geral legitimados socialmente.

Após 11 anos de Lei Maria da Penha, entendemos a sua importância no ganho das políticas afirmativas para as mulheres, por outro lado, percebemos os limites de sua atuação e proteção às vítimas, pois a violência doméstica, restringida ao âmbito privado e às relações afetivo-conjugais, está aquém da totalidade de

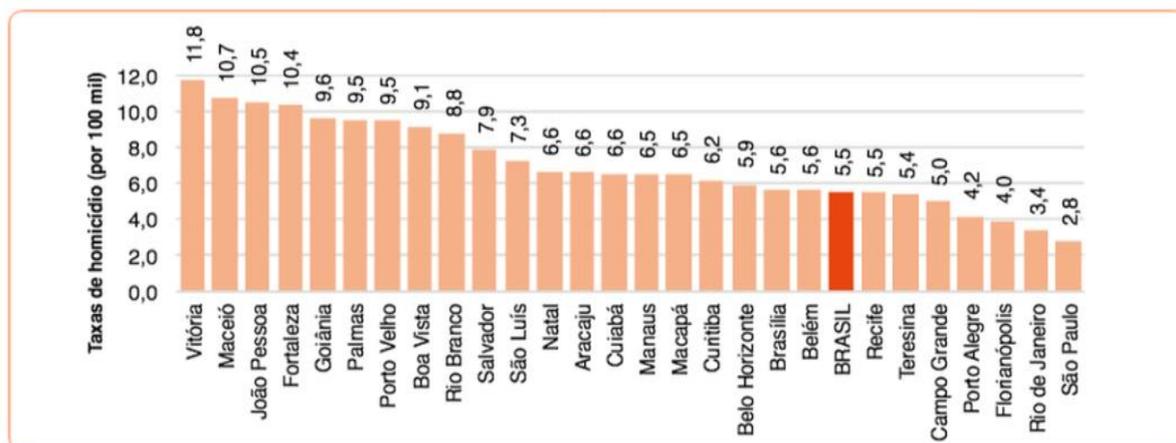
opressão às mulheres. Podemos dizer que, a violência contra a mulher é generalizada e regenerativa, apresenta níveis e formas multifacetadas, presente em toda e qualquer relação social, seja pública ou privada.

**Gráfico 1** – Taxa de homicídios (1980-2013).



Fonte: Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil.

**Gráfico 2** – Ordenamento das capitais segundo taxas de homicídio de mulheres (por 100 mil). Brasil, 2013.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil.

As inferências que podemos ter com a análise dos dados sobre a violência contra mulher é que, entre 2006 a 2007, período recente da Lei em vigor, o índice de homicídio feminino teve uma significativa queda, porém os anos posteriores sofreu uma ascensão, chegando a ultrapassar o pico mais alto, ocorrido em 1996, 4,6, para

4,8 em 2013. Esta informação é relevante, pois nos remete a pensar, o porquê desse aumento? E dadas a quais condições? Waiselfisz aponta que entre 2003 e 2013, o número de vítimas do sexo feminino passou de 3.937 para 4.762, acréscimo de 21,0% na década, representando em 2013, 13 homicídios femininos diários. O crescimento da população feminina que, nesse período, passou de 89,8 para 99,8 milhões (crescimento de 11,1%), vemos que a taxa nacional de homicídio, que em 2003 era de 4,4 por 100 mil mulheres, passando para 4,8 em 2013, crescimento de 8,8% na década.

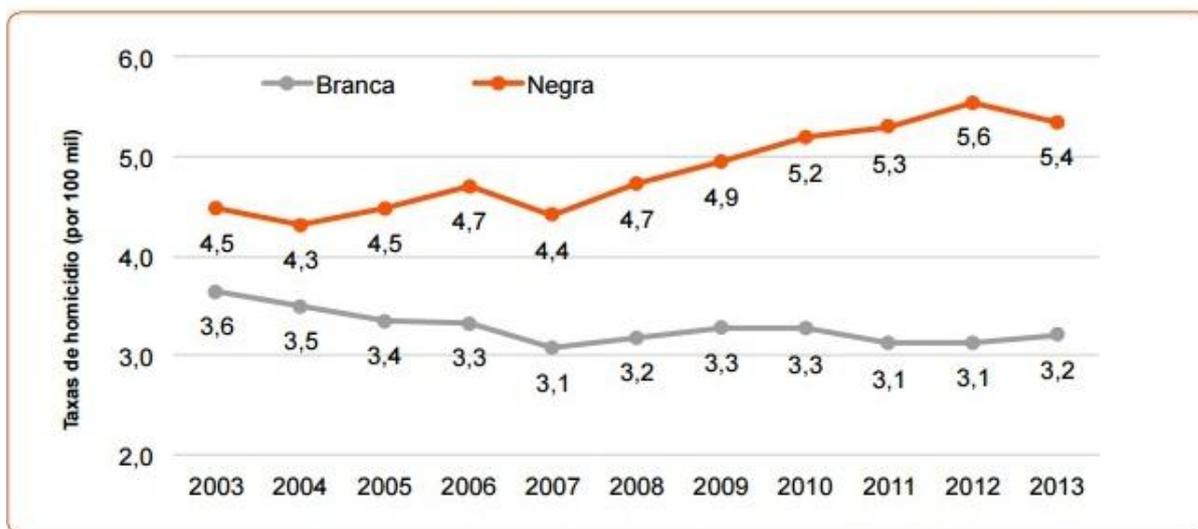
Os anos de 1980 a 1996 refere-se a um momento bastante acelerado dos homicídios se comparamos com os anos pós Lei Maria da Penha. Esse período revela que o assassinato de mulheres era bastante recorrente na sociedade brasileira e que suas taxas sofriam variações dependendo dos seus estados e capitais. Lembrando que a década de 90 corresponde a um contexto de “redemocratização”, que teve como período antecedente a ditadura militar (1964 a 1984) e a luta do movimento feminista no Brasil (1970) que se pautava na “liberdade” da mulher, igualdade política, jurídica e econômica.

Apesar das mulheres conquistarem alguns direitos nessas esferas, o direito penal ainda permanecia ineficaz sobre a proteção das mulheres, o sistema penal tratava com descaso a violência masculina sobre elas, “posto que transporta e reproduz os valores da sociedade, marcada pelo patriarcalismo, que as discrimina e as trata como objeto pertencente aos homens” (SILVA, 2012, p. 11-12).

Essa ineficácia se traduz na incapacidade do sistema de justiça criminal de prevenir novas violências, pois esse sistema viabiliza a própria impunidade quando trata a violência de gênero dentro de uma relação patriarcal e capitalista, bem como aponta Vera Regina Pereira de Andrade:

[...] a mulher torna-se vítima da violência institucional plurifacetada do sistema, que expressa e reproduz, por sua vez, dois grandes tipos de violência estrutural da sociedade: a violência das relações sociais capitalistas (a desigualdade de classe) e a violência das relações sociais patriarcais (traduzidas na desigualdade de gênero), recriando os estereótipos inerentes a essas duas formas de desigualdade [...] (ANDRADE, 2004, p. 265).

**Gráfico 3** – Evolução das taxas de homicídio de mulheres brancas e negras (100 mil) Brasil, 2003/2013.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil.

**Tabela 1** – Meios utilizados nos homicídios masculinos e femininos (em%). Brasil, 2010.

MEIO	Masc. %	Fem. %
Arma de fogo	72,4	49,2
Objeto cortante ou penetrante	15,1	25,8
Objeto contundente	5,3	8,5
Estrangulamento/sufocação	1,0	5,7
Outros meios	6,0	10,8
Total	100,0	100,0

Fonte: SIM/SVS/MS.

Outro dado importante é sobre a disparidade de homicídios entre as mulheres brancas e negras, neste aspecto podemos compreender que a questão étnica que engloba o racismo é um indicativo de um projeto de sociedade brasileira de extermínio do povo negro<sup>49</sup>, tendo em vista o caráter contínuo da escravidão social mesmo depois do processo abolicionista, e as mulheres por pertencerem a uma estrutura hierárquica culturalmente subalternizada e sendo negra, acabam

<sup>49</sup> Sobre essa questão da negritude e as atrocidades vivenciadas em forma de violência multifacetada sentida na pele do povo negro, podemos concluir que as várias formas de violência ocorrem de forma estrutural e gratuita, constituindo-se como fator determinante para a condição de morte social.

pertencendo ao último degrau da sociedade, tornando-se o ser humano mais vulnerável em espécie. (PINHO; VARGAS, 2016).

**Tabela 2 – % de atendimentos femininos por violência física segundo relação do agressor com a vítima e faixa etária. Brasil, 2011.**

Relação	<1	1-4	5-9	10-14	15-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60 e +	Total
Pai	26,9	29,1	23,3	13,8	8,8	1,8	0,8	0,4	0,5	0,4	7,2
Mãe	57,7	43,7	26,2	12,6	7,9	1,4	0,9	0,8	0,9	1,1	8,9
Padrasto	2,6	6,8	15,1	10,7	4,0	0,9	0,2	0,2	0,1	0,2	3,4
Madrasta	0,2	0,7	1,0	0,7	0,3	0,2	0,1	0,0	0,1	0,4	0,3
Cônjuge	0,0	0,0	0,0	2,0	14,0	39,1	49,3	47,2	40,2	17,8	27,6
Ex-cônjuge	0,0	0,0	0,0	0,5	4,9	14,3	14,8	12,2	8,4	2,5	8,5
Namorado	0,0	0,0	0,0	10,2	7,6	5,4	3,8	3,1	2,5	0,6	4,7
Ex-namorado	0,0	0,0	0,0	1,2	4,5	4,6	2,6	2,2	1,0	0,5	2,6
Filho	1,0	0,4	0,1	0,3	0,3	0,3	1,9	7,0	17,1	51,7	3,9
Irmão	1,7	2,3	3,5	3,2	4,4	3,9	3,4	3,3	4,3	4,0	3,6
Amigo/conhecido	5,2	11,9	23,5	30,6	20,7	12,3	10,8	11,5	13,0	10,2	15,6
Desconhecido	4,7	5,2	7,3	14,1	22,7	16,0	11,3	12,1	11,9	10,5	13,6
Total Parcial*	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Pais	87,4	80,3	65,5	37,9	21,0	4,2	2,1	1,5	1,5	2,1	19,8
Parceiros e ex.	0,0	0,0	0,0	13,9	30,9	63,3	70,6	64,7	52,1	21,5	43,4

Fonte: SINAN/SVS/MS

**Tabela 3 – Tipos de violência/Número e porcentagem.**

Tipo de violência	Número						%					
	Criança	Adolescente	Jovem	Adulta	Idosa	Total	Criança	Adolescente	Jovem	Adulta	Idosa	Total
Física	6,02	15.611	30.461	40.653	3.684	96.429	22	40,9	58,9	57,1	38,2	48,7
Psicológica	4.242	7.190	12.701	18.968	2.384	45.485	15,5	18,9	24,5	26,6	24,7	23
Tortura	402	779	1.177	1.704	202	4.264	1,5	2	2,3	2,4	2,1	2,2
Sexual	7.920	9.256	3.183	3.044	277	23.630	29	24,3	6,2	4,3	2,4	11,9
Tráfico seres	20	16	28	30	3	97	0,1	0	0,1	0	0	0
Econômica	115	122	477	1.118	601	2.433	0,4	0,3	0,9	1,6	6,2	1,2
Neglig./abandono	7.732	2.577	436	593	1.837	13.175	28,3	6,8	0,8	0,8	19	6,7
Trabalho Infantil	140	133				273	0,5	0,3	0	0	0	0,1
Interv. Legal	75	94	64	90	29	352	0,3	0,2	0,1	0,1	0,3	0,2
Outras	649	2.359	3.228	4.978	684	11.898	2,4	6,2	6,2	7	7,1	6
Total	27.315	38.137	51.755	71.178	9.651	198.036	100	100	100	100	100	100

Fonte: Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil.

Analisando os dados apresentados na Tabela nº 3, percebemos como a violência contra a mulher é praticada no grupo familiar e/ou doméstico a qual

pertence e das relações que mantém fora deste ambiente. A Tabela serve de reflexão sobre as nuances da violência física em relação ao agressor e evidencia que em todas as fases da vida, as mulheres são violentadas, desde a convivência com os pais (infância), nas relações de amizade (infância – adolescência) e com o cônjuge ou parceiros (vida adulta e velhice), o que difere é a intensidade das agressões (letal ou não), tipos e perfis dos agressores na trajetória de vida dessas mulheres.

Ao nos depararmos com essas estatísticas a princípio ficamos estarecidos com a situação e chegamos a pensar sobre a eficácia da Lei Maria da Penha, a Lei do Feminicídio 5013.104/201, a criação da Delegacia da Mulher, a ampliação dos meios de comunicação, etc. Se pensarmos no processo histórico de longa duração e a ausência de fontes oficiais, chega-se a questionar se, de fato, esse aumento configura uma situação drástica. Se pensarmos na quantidade de mulheres que no transcorrer da história, viveram em tempos e lugares diferentes, e foram assassinadas pelos mesmos motivos que caracterizam o feminicídio, e grande parte desses assassinatos não eram concebidos como violência de gênero e, também, sobre milhares de mulheres vítimas de agressões, por diversas vezes violentadas, não chegarem nem se quer na porta de uma delegacia.

Cabeluda diz não às agressões do marido, da vida submissa que levava e de um casamento infeliz. Livre da opressão doméstica tornou-se independente e autora de sua própria vida, escolhas e caminhos percorridos. No momento em que fugiu dessa realidade de violência e maus-tratos potencializou a sua condição feminina, pois, para Cabeluda o que importava era sua liberdade, não ser regulada pelos pais, nem tão pouco agredida pelo marido. A sua trajetória é um exemplo de empoderamento feminino, pois conseguiu modificar as relações de dominação que a oprimia. Sardenberg citando Sharma afirma que:

O empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as

---

<sup>50</sup> Lei sancionada em março de 2015, classificando como crime hediondo e com agravantes quando acontece em situações específicas de vulnerabilidade (gravidez, menor de idade, na presença de filhos, etc.). Ver o site: <http://www.planalto.gov.br>.

mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos (SHARMA, 1994, p. 130 **apud** SARDENBERG, 2006, p. 6).

Existe nas sociedades uma pedagogia da violência, em que o uso de tal prática é concebido como algo natural e normal, onde pais e mães podem usar do seu poder e autoritarismo para educar seus filhos. O que se percebe, ainda mais, é justamente a tolerância que a sociedade dá ao incentivo e perpetuação do uso da força-dominância dos homens sobre as mulheres, isso permite concluir que a violência é um fenômeno sexuado.

A normalidade da violência contra a mulher no horizonte cultural do patriarcalismo justifica, e mesmo “autoriza” que o homem pratique essa violência, com a finalidade de punir e corrigir comportamentos femininos que transgridam o papel esperado de mãe, de esposa e de dona de casa. (WAISELFISZ, 2015. p. 75).

Penso também que a atitude de Cabeluda, desprende-se de um modelo culturalmente “positivo” idealizado de mulher, que tinha como principal objetivo de vida, a concretização de um casamento, a vida no seio familiar e a dedicação exclusiva dos filhos e do lar. A violência é a maior prática de dominação masculina, é onde o poder do patriarcado com seus tentáculos institucionais, morais e coercitivos se alimentam e se reproduzem, lhe conferindo um poder que perpassa por muitas gerações.

Existem várias formas de violentar uma mulher, seja física, psicológica, sexual e moral, e nem sempre a resiliência que é considerado um fenômeno raro acompanha a vida de mulheres violentadas, ou seja, mulheres que vivenciam traumas e conseguem ter uma vida absolutamente normal. Saffioti afirma que:

A expressão violência doméstica costuma ser empregada como sinônimo de violência familiar e, não tão raramente, também de violência de gênero. Esta, teoricamente, engloba tanto a violência de homens contra mulheres quanto a de mulher contra homens, uma vez que o conceito de gênero é aberto, sendo este o grande argumento das críticas do conceito de patriarcado, que, como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens. (SAFFIOTI, 2015, p. 46).

Deste primeiro encontro com Dona Cabeluda, fiquei bastante impressionada com a sua história de vida, uma narrativa surpreendente, permeada por conflitos familiares, aventuras, sofrimentos, ressentimentos, conquistas, decepções e generosidades.

Antes de vir pra Cachoeira,<sup>51</sup> no seu dizer, correu o mundo todo, indo até a fronteira do Paraguai. “Eu levei cinco anos morando numa boré de caminhão... é o que a gente chama hoje de gabina”<sup>52</sup> Ela conta que chegou a Cachoeira aos 27 anos, sua primeira estadia situava-se no Sobrado Guarani, seu antigo dono era o finado Pororó. O primeiro ponto de prostituição de Cabeluda na cidade da Cachoeira foi na Travessa Tavares, número 5. Atualmente mora há quase 20 anos na Rua 7 de Setembro, número 12, casa que pertence a Santa Casa de Misericórdia.

Quando era perguntado sobre a sua relação com as mulheres do meretrício, Cabeluda dizia dar proteção, defendendo-as contra homens violentos.

Na Cachoeira, eu já criei vários meninos, todos me chamam de mãe, mas filha minha mesmo, só tenho uma – Natalícia, que nasceu em Candeias (filha de Alemão, dono de um bar no mercado central). Criei Jurema, Jaqueline que está casada agora... Nanoso, Juninho, Binho, Welinton<sup>53</sup>.

Segundo o vereador José Carlos Matos Sila (vulgo Bulau da Bahia), nascido em 1973, 44 anos, morador da cidade da Cachoeira, suspeita-se de que Welinton possa ser filho de seu tio Farailton Matos Silva, antigo caso de Cabeluda<sup>54</sup>.

Apesar de Cabeluda sinalizar alguns lugares já percorridos, a cidade da Cachoeira, sem dúvida, foi a sua morada permanente. Em Cachoeira ela decidiu ficar, pousou nesta terra e mesmo passando por adversidades, resistiu e consolidou um patrimônio que não se resume em bens materiais, mas um legado de história, de labor, de amor e família. Cabeluda não acumulou riquezas materiais e vive até hoje

---

<sup>51</sup> Na entrevista realizada no dia 17 de novembro de 2010, Cabeluda afirmou que veio para Cachoeira aos 27 anos, contrapondo a versão contida no livro de Sérgio Maggio ao dizer que veio aos 19 anos.

<sup>52</sup> Entrevista realizada no dia 24 de novembro de 2009.

<sup>53</sup> Entrevista realizada no dia 24 de novembro de 2009.

<sup>54</sup> Essa informação foi citada novamente por uma conterrânea da cidade que prefere não revelar o nome.

de forma muito simples, a sua maior riqueza se encontra no seu modo de viver, seus ensinamentos, gestos e palavras.

Por que Cabeluda escolheu Cachoeira para dar continuidade a sua trajetória? O que esta cidade representa pra ela? Numa conversa Cabeluda disse que veio por indicação de uma amiga e que conhecia a fama do lugar no ramo da prostituição. “Eu vim pra cá “fazer vida”, gostei muito daqui, achei um lugar sossegado, tranquilo pra se viver. Como o movimento era bom, resolvi ficar. Cachoeira sempre foi uma cidade muito bonita e era muita gente que vinha pra cá”.

Cabeluda relatou que sempre buscou dar a melhor educação para os filhos, queria que eles fossem independentes e não seguissem o caminho da prostituição. Houve uma época em que Cabeluda alugou uma casa na ladeira da cadeia para os filhos com o objetivo de afastá-los do convívio do bordel, para que pudessem ter mais privacidade. O motivo pelo qual deixou de se prostituir foi justamente por conta dos filhos que já criados e adultos, não cabia mais continuar em atividade sexual de sobrevivência, passando então a administrar a clientela, as prostitutas e o bar.

Os seus filhos foram sustentados pela prostituição e viveram dentro do sistema, como espectadores. Cabeluda configura-se num paradoxo social-feminino, pois simbolizando um “problema social” a partir de um viés cristão e moralista, construiu na educação dada a seus filhos o seu avesso, edificando nos filhos os mesmos valores que a condenava como prostituta.

Ela fez questão que seus filhos estudassem, queria vê-los bem empregados, independentes. Para Cabeluda os seus filhos deveriam ter tudo aquilo que ela não teve, como por exemplo, escola e oportunidades. Nas conversas que tive com Cabeluda, percebi que a sua trajetória como prostituta foi um caminho que jamais desejou para os filhos, o próprio termo “cafetina” não é de bom grado para ela, num bate papo ela disse: “não gosto desta palavra”.

A nossa protagonista sempre trabalhou para que seus filhos se tornassem no seu dizer “pessoas de bem”, e que a vida de prostituição não era nada fácil, uma vida muito sofrida e de humilhações. O seu sonho era ver suas filhas e filhos casados e, principalmente, que não adentrassem no “mundo das drogas”.

Apesar de tirar o seu sustento da prostituição e tratar bem as prostitutas que frequentam sua casa, respeitando-as, sempre buscou afastar o máximo o convívio dos filhos neste ambiente, por várias vezes ouvir Cabeluda falar: “aqui não é vida pra ninguém, eu vivo nessa vida pra vocês não viverem”. Do legado deixado pela prostituição em Cachoeira, a última cafetina resiste contra o tempo driblando a sociedade e o estigma social. Ela é a representação do fechamento de um ciclo, de um fenômeno histórico, que jamais será vivenciado na sociedade Cachoeirana. Outras formas de prostituição já se encontram na cidade e novas modalidades virão, mas o simbolismo do brega de Cabeluda marcou uma época e geração.

Durante muito tempo Cabeluda protagonizou um estilo de prostituição vivenciada na cidade da Cachoeira, autora do seu próprio caminho, hoje é reconhecida e respeitada por muitos da cidade. Numa conversa que tive com um de seus filhos de criação, Jeferson afirmou que o reconhecimento à sua mãe começou depois que ela se mudou para a Rua 7 de Setembro. A fama foi ocorrendo de forma processual, enquanto bregas da Travessa Tavares foram fechando as portas, Cabeluda foi sobrevivendo de maneira habilidosa.

O status de cafetina e permanência foram os fatores preponderantes para a garantia de sua respeitabilidade, assim como a sua própria forma de se relacionar com a sociedade, sempre reservada, evitando confusão na medida do possível disse Jeferson. Como o brega de Cabeluda era frequentado por autoridades, membros da elite da cidade e classe trabalhadora, foi possível construir laços de amizade, tolerância e respeito sobre a sua imagem.

Entre idas e vindas à casa de Cabeluda, alguns dias após a primeira conversa volto à sua casa, este dia foi muito significativo para mim, não houve conversa, aconteceu a minha entrada na casa, dessa vez não fiquei aguardando ela chegar até a porta, tomei coragem e entrei, cheguei até a sala, Cabeluda me recebeu bem-humorada. Um instante de tensão, pois eu não tinha noção de como agir naquele espaço, existia neste momento uma intencionalidade, um sentido para estar ali, com bastante curiosidade, resolvi agir com naturalidade, tentando esconder a minha própria insegurança. Neste dia o contato foi muito rápido, pois ela já estava de saída, mas a emoção de entrar na casa já tinha me deixado satisfeita.

Depois de algumas interrupções e contratempos volto a entrevistá-la no dia 17 de novembro de 2010, através de muita persistência, pois não é fácil encontrá-la disponível. Na cozinha do bordel, em meio a panelas, cervejas, refrigerantes e tomando um cafezinho foi possível conhecê-la um pouco mais. Neste dia, Cabeluda estava bastante preocupada com a situação em que se encontrava uma de suas filhas de criação Jurema (23 anos). A jovem estava sendo ameaçada pelo marido e por causa das agressões à sua filha, três queixas já haviam sido dadas na delegacia<sup>55</sup> da cidade e nada foi resolvido. A própria Cabeluda afirmou que já entrou no fórum armada para se proteger do agressor. Sobre essa questão do uso de armas, um cliente relatou que já viu Cabeluda com uma pistola dentro das calças, e que isso era uma forma de se proteger contra situações de perigo em sua casa.

Nélia Santana (1996) elaborou uma dissertação sobre a prostituição feminina em Salvador 1900-1940, aspectos importantes sobre o cotidiano das prostitutas, suas práticas, conflitos e representações foram demonstrados a partir de fontes históricas diversas, tendo a imprensa baiana e jornais da época, como fios condutores de análises. Em sua obra, a autora expõe fatos e evidências sobre a violência contra as prostitutas e a própria violência instaurada nas relações afetivo-sexuais no meio prostitucional, apontando casos de tensões e violências vivenciadas pelas meretrizes.

Sobre este aspecto, faço um paralelo com o cotidiano de Cabeluda referente às formas de segurança e defesa por parte das prostitutas que usavam meios de proteção contra homens bêbados e “malandros”. Cabeluda já usou arma de fogo para se proteger, e nos estudos de Nélia Santana aparecem casos semelhantes:

Edgar da Mota Bastos, com 21 anos, pardo, casado, recebeu dois ferimentos de navalha feitos pela horizontal. Arlinda Pereira da Silva, com 31 anos, residente à rua da Alfândega. Ele andava “perdido de amores” por ela e, por conta disso, após uma bebedeira andou a insultar a amada, prometendo-lhe dar uma resposta. Mas a rapariga não esperou para ver. Saindo para comprar carvão, na Ladeira da Montanha, deparou-se com o seu desafeto que, vendo-a, tentou agarrá-la. Ela reagiu provocando os ferimentos<sup>56</sup>. (SANTANA, 1996, p. 16).

---

<sup>55</sup> A primeira DDM (Delegacia de Defesa da Mulher) foi criada em São Paulo em 05/08/1985.

<sup>56</sup> Jornal Diário da Bahia e A Tarde, 4 nov. 1925.

Foi na segunda entrevista que fiz com Cabeluda que a mesma revelou o verdadeiro nome das filhas deixadas com seus pais após sua fuga, Gidalva e Maria da Conceição. Perguntei como foi viver esses anos todos sem notícia das filhas, ela respondeu:

“Para mim foi muito difícil, doloroso, mas era a minha vida que estava em risco, o meu marido me batia muito e eu não podia mais voltar atrás. Ele era bem mais velho do que eu, fui obrigada a casar com doze anos, depois de quatro anos de casada, não aguentava mais sofrer, por isso pulei fora”<sup>57</sup>.

Os avós maternos de Cabeluda eram comerciantes, tinham um armazém que vendia de tudo. A mesma mantinha uma convivência com o pai um tanto conflituosa. Hoje, relembando as vivências e experiências que teve durante a infância, Cabeluda acaba formulando um conceito acerca do tipo de educação que recebeu dos seus pais... “Meu pai era muito carrasco. Antigamente, aquele povo era tudo de ruim para os seus filhos, se os filhos tirassem esse pedacinho de chão e botasse aqui era de pau que batia”.<sup>58</sup>

A vida de Cabeluda como prostituta e os caminhos trilhados na prostituição são poucos sinalizados e verbalizados por ela, assim como os seus “casos amorosos”. Sobre os motivos que a levaram a prostituição e sua trajetória como prostituta, Cabeluda não gosta muito de falar, e apenas alguns indícios são relatados por ela, como por exemplo, no momento em que diz: “Eu sai de casa sem nada, nunca estudei, o jeito que tive pra sobreviver foi me prostituir, tentava sair, mas nunca conseguia, a necessidade era mais que tudo”.

As minhas entrevistas com Cabeluda foram acontecendo em espaços de tempos que foram sendo interrompidos e retomados adiante<sup>59</sup>, isso vale também

---

<sup>57</sup> Entrevista realizada no dia 24 de novembro de 2009.

<sup>58</sup> Entrevista realizada no dia 24 de novembro de 2009.

<sup>59</sup> O início da pesquisa com Cabeluda ocorreu em novembro de 2009, em processos finais da graduação em História (UFRB), no entanto, em janeiro de 2010 descobrir que estava grávida, e por causa de uma gestação complicada, tive que interromper as entrevistas. Em novembro de 2010, retorno mais uma vez a fim de concluir os estudos e como Trabalho de conclusão de curso, apresentei um projeto de pesquisa. No final de 2012 defendi uma monografia intitulada “Uma História de Cabeluda: uma prostituta em Cachoeira” no curso de Especialização em Teoria e Métodos em História (UFRB), desde então não tive mais contato com Cabeluda. Logo, a relação que estabeleci com ela durante os estudos iniciais entre final de 2009 a 2012 deixou não apenas uma escrita

para as resignificações que faço do seu discurso e das suas memórias, neste caso, considero esta pesquisa como um tecido social, em que fui costurando as informações, impressões, diálogos e sentidos, dando forma e acabamento a partir das experiências em campo e das incorporações de concepções teóricas.

Contudo, percebi que na narrativa de Cabeluda existem questões que são silenciadas, outras, reveladas em diferentes proporções. A convivência com os pais e com o marido na época da juventude são os discursos que mais se destacam em sua oralidade, e, no momento da sua velhice, novamente o âmbito familiar se sobressai, a dedicação aos filhos. É uma “Cabeluda Mãe” que define o significado de sua atual existência.

### **Vida por um fio e a revelação de um “segredo”.**

No ano de 2014, logo após os festejos juninos, estava passando um final de semana no sítio de familiares, quando chegou a notícia através de uma pessoa que trabalha no Hospital Santa Casa de Misericórdia da Cachoeira... a notícia era que Dona Cabeluda tinha sofrido um infarto. Nesse exato momento eu senti um frio na barriga e uma sensação estranha que não sei explicar ao certo, apenas me veio em mente a vontade de vê-la novamente, já havia um bom tempo que não a via. Só queria saber como estava, olhar nos seus olhos e sentir o seu abraço. No ano que soube dessa notícia, 2014, estava fora do mundo acadêmico. Hoje faço uma revisitação na memória e relato o estado de saúde de Cabeluda vivenciado naquele momento.

Cabeluda teve o seu primeiro infarto em casa, no mês de maio de 2014 e foi conduzida às pressas para o Hospital da cidade. Os primeiros atendimentos aconteceram na Santa Casa de Misericórdia, como o seu estado estava muito grave, foi encaminhada para o Hospital de São Félix, lugar que ficou durante alguns dias, na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). A pessoa que me relatou o ocorrido, além de narrar o mal súbito, disse também que havia em suas partes íntimas um rolo

---

acadêmica, mas acima de tudo um bem-querer, que não pode ser mensurado em título universitário. Quando comecei a fazer parte do Mestrado em Ciências Sociais em março de 2015, retornei os meus estudos sobre Cabeluda, porém de forma mais aprofundada.

de dinheiro, aproximadamente R\$ 3.000, e que deu entrada no hospital sem nenhum documento.

Em julho do mesmo ano fui à sua casa fazer uma visita e saber da sua recuperação. Chegando à Rua 7 de Setembro encontro Dona Cabeluda em pé na porta da rua. Neste momento estava um pouco receosa por pensar que ela não se recordava mais de mim, não sabia como seria recebida depois de tanto tempo. Aproximei-me e, de forma bem descontraída, perguntei como estava sua saúde e que soube do ocorrido, ela me disse que estava bem, que tinha sido um grande susto. Olhei nos seus olhos e dei-lhe um abraço e disse que estava feliz pela sua recuperação do mal súbito. Cabeluda falou que o cigarro tinha provocado tudo isso e que o médico recomendou parar de fumar e ela resolveu acatar.

Por causa desse mal súbito algo surpreendente aconteceu na vida de Cabeluda, um acontecimento que não estava em seus planos. Ao dar entrada no Hospital um documento de identidade era necessário, mas Cabeluda quando fugiu de casa, não levou consigo nada, a não ser a roupa do corpo, uns trocados e poucas roupas. Sem registro em mãos, viveu na clandestinidade, driblou o tempo e acontecimentos. Esse novo episódio lhe fez ir à busca de seus documentos e promoveu o contato com a sua família biológica, reencontrou com seus irmãos e suas filhas. Cabeluda disse “meus filhos foram até Itabuna e publicaram na rádio da cidade as informações sobre mim e minha família para poder encontrá-los, foi tudo muito rápido e logo eles tiveram informação”.

As duas filhas oriundas do casamento de Cabeluda vieram até Cachoeira reencontrar a mãe, foram recebidas não na casa de Cabeluda, mas na casa de sua filha Jurema, pois a própria me contou que não revelou às filhas a sua verdadeira profissão, principalmente por saber que sua família era muito conservadora e que tinha vergonha e medo da reação das filhas.

O contato não parou por aí, no mesmo ano, após se recuperar do infarto, Cabeluda regressou à sua cidade natal para ver os irmãos, seus pais já haviam falecido. Perguntei-lhe como foi esse momento de reencontro:

Passei quatro dias com eles, todos me trataram muito bem, também se não fosse assim sabiam que nunca mais ia voltar lá, minha sobrinha me deu um carro a minha disposição, ela que manda e

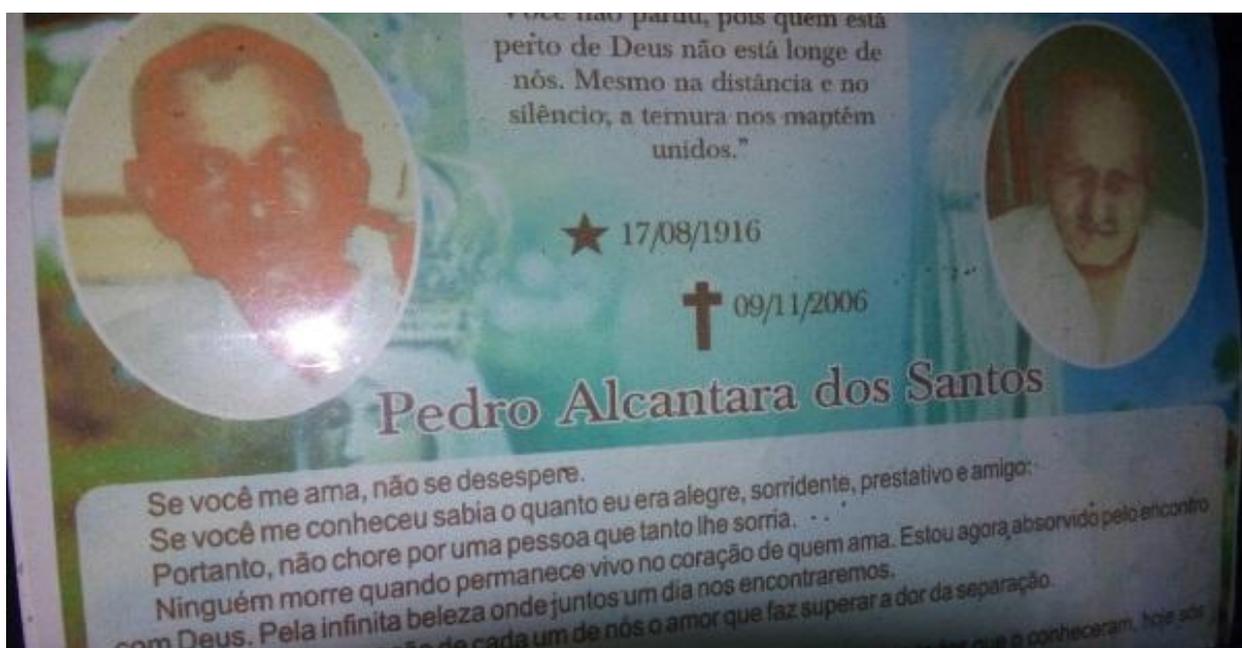
desmanda na prefeitura de Floresta Azul, eu não disse a meus irmãos que trabalhava num brega, disse que tinha um bar.<sup>60</sup>

**Figura 25** - Cabeluda com os irmãos (2014)<sup>61</sup>.



**Fonte:** Acervo da família.

**Figura 26** - Dedicatória ao Pai de Cabeluda (2006).



**Fonte:** Acervo da família.

<sup>60</sup> Trecho da entrevista realizada no dia 26 de out. 2016.

<sup>61</sup> Registro do reencontro de Cabeluda com a família biológica em 2014.

**Figura 27 - Dedicatória à Mãe de Cabeluda (2011).**



**Fonte:** Acervo da família.

Esse reencontro que tive com Cabeluda, após aproximadamente 2 anos, foi de muita importância para a nossa relação. Percebi como Cabeluda ficou contente em saber que pessoas que não fazem parte do seu círculo de familiares e amigos, se preocupam com o seu bem-estar.

O infarto sofrido por Cabeluda e o efeito que a notícia causou em mim, fomentou reflexões sobre o sentido da prática etnográfica e as ressonâncias da produção da subjetividade que permeiam as relações entre pesquisadora e “objeto” a partir das experiências no campo.

Eu posso ficar 10 anos sem ver Cabeluda, mas jamais irei apagar de minhas experiências e memórias o quanto que a relação que foi construída entre nós foi imprescindível para a formação do meu modo de pensar e agir no mundo. Para mim o que mais importa não é saber que quando estou fazendo pesquisa de campo estou fazendo uma leitura de primeira, segunda, ou terceira mão. Mas perceber o significado e o sentido dessas leituras na compreensão do sujeito, falo não só da realidade situacional que interpreto, mas enquanto eu-sujeito, lembrando que “não

existe sujeito ou subjetividade fora da história e da linguagem, fora da cultura e das relações de poder” (HARAWAY, 2009, p. 10).

Passado esse tempo, no final do mês de setembro de 2016, Dona Cabeluda novamente passa por um mal-estar e acaba ficando quase o dia inteiro no Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Dessa vez não foi o cigarro o fator preponderante, pois desde o último infarto que deixou de fumar e também não permite que ninguém fume em sua casa. O motivo real foi a preocupação com um de seus filhos que tinha sido preso. Eu soube do ocorrido por conterrâneos da cidade, mesmo assim fui vê-la para saber dela como as coisas aconteceram. Foram divulgados pelo celular as fotos dos envolvidos, todos de Cachoeira, e a ação da Polícia Civil dizendo que os rapazes foram presos em flagrante por crime de Receptação<sup>62</sup> por realizarem a compra de carros roubados.

Chegando à casa de Cabeluda, encontrei-a sentada como de costume na mesa de bar do seu estabelecimento, conversando com uma prostituta, havia também dois clientes sentados no canto, bebendo cerveja, era um dia de quarta-feira, por volta das 11h00min da manhã e o movimento do bordel estava um pouco fraco.

Sempre bem recebida com beijos e abraços, sentei junto a ela e começamos a conversar sobre várias coisas, sobre a chegada da primavera, sobre o preço dos alimentos, sobre as eleições municipais, havia uma foto bem grande do seu candidato na parede, Dr. Zé Luíz, um dos advogados da cidade e ex-secretário de Cultura do município.

No meio desse bate-papo descontraído, perguntei a Dona Cabeluda sobre a prisão de um de seus filhos e como isso aconteceu. E sem pestanejar me contou:

Eu estava aqui em casa, já era noite quando de repente chega um rapaz e me trás a notícia dizendo que Nanoso tinha sido preso e que estava em Feira de Santana. Fiquei como louca, não aguentei, passei mal e fui parar no hospital, fiquei quase o dia todo lá, só sai no final da tarde. Agora imagina só, a mãe no hospital e o filho preso. E

---

<sup>62</sup>Ver o site: <http://www.jusbrasil.com.br/> CP - Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940. Art. 180 - Adquirir, receber, transportar, conduzir ou ocultar, em proveito próprio ou alheio, coisa que sabe ser produto de crime, ou influir para que terceiro, de boa-fé, a adquira, receba ou oculte: (Redação dada pela Lei nº 9.426, de 1996).

tanta coisa pra resolver. Fui atrás de um advogado, Dr. Weliton, e disse a ele: Tira meu filho de lá pelo amor de Deus, tome aqui o dinheiro da fiança. Como é que pode? Meu filho trabalhador, homem honesto, pai de família, preso? Ele foi enganado, ele é inocente, ainda bem que foi tudo esclarecido. Fico sentida pelo prejuízo financeiro que ele teve. O patrão dele não saiu de perto um só minuto, ficou do seu lado e ajudou no que pode também<sup>63</sup>.

As sutilezas da vida de Cabeluda nos remetem a pensar nas dimensões que envolvem os adeptos desse tipo de abordagem acadêmica. Paulo Renato Guérios (2011, p. 9-24) sobre os estudos da trajetória de vida propõe uma retomada crítica das diversas reflexões sobre o lugar teórico-conceitual e metodológico desses estudos. O uso da metodologia da história de vida proporciona ganhos importantíssimos para a compreensão dos fenômenos sociais se forem analisados criticamente com as implicações da mudança de níveis de análises.

Utilizada para abordar redes sociais o estudo das trajetórias de vida constituiu-se num grande palco de discussões sobre os seus atributos metodológicos e sistemas valorativos no campo da pesquisa científica. Guérios traça um panorama dos usos e abusos da metodologia da história de vida e os dilemas da objetivação.

O surgimento dessa metodologia na década de 1920 pela Escola de Chicago tinha os seus estudos voltados para as entrevistas de caráter biográfico e com o passar dos anos o uso desse método sofreu um grande declínio, sendo retornado no final da década de 1970 na França, a partir do surgimento de pesquisa de Daniel Bertaux. (GUÉRIOS, 2011).

O método de Bertaux priorizava o “enfoque biográfico” a partir de relatos de vida, uma história contada pela própria pessoa que a viveu, dispensando a análise de fontes externas ao discurso do sujeito. Seu principal objetivo era alcançar um “ponto de saturação” obtido através dos informantes.

Bourdieu tece uma forte crítica sobre esse “enfoque biográfico”, para ele “a história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico” (BOURDIEU, 2006, 183), em outras palavras, entrou de forma clandestina no mundo acadêmico, tal crítica ficou conhecida como

---

<sup>63</sup> Trechos da entrevista realizada no dia 05 de outubro de 2016.

“ilusão biográfica”. Bourdieu desqualifica o método e o próprio objeto de estudo, conferindo à biografia um discurso falso, incoerente e meramente explicativo, pautado numa narrativa fictícia da realidade social. (GUÉRIOS, 2011).

Nathalie Heinich critica o que considera serem excessos do texto de Bourdieu: uma indistinção entre biografia como material empírico e biografia como método; uma pressuposição subjacente de que, por ser socialmente construído, o discurso biográfico seria falso; a desconsideração, como questão de pesquisa, do esforço de constituição de um relato coerente por parte do sujeito que fala; e um excesso explicativo, que deixaria de lado o esforço pela compreensão (nos termos de Weber) da fala daquele que relata sua história de vida. (GUÉRIOS, 2011, p. 12).

Bourdieu possui uma visão discriminatória e ortodoxa sobre o uso da História de vida enquanto método científico. O seu discurso é justamente voltado para desqualificar este recurso metodológico e demarcar as fronteiras de validade dos dados, confiabilidade satisfatória, a fim de obter uma completa objetivação externa dos dados. O mesmo possui uma perspectiva explicativa e objetivista, concebe o relato biográfico como uma mera ferramenta.

É neste sentido que defendo o pensamento de Heinich (**apud** GUÉRIOS, 2011, p. 12) quando ela propõe uma perspectiva não meramente explicativa, mas, acima de tudo, compreensiva, um estudo que não permita apenas compreender, mas também o que deve ser compreendido, ou seja, “ao invés de remeter os relatos de vida às condições concretas de existência, propõe remetê-lo a outros relatos e à compreensão que o sujeito tem do espaço de possibilidades em que suas vivências estão inscritas”

Essas discussões fazem parte de um arsenal teórico-intelectual que na tentativa de se explicar e compreender as trajetórias de indivíduos em uma sociedade desencadeia uma divisão clássica no campo dos estudos das Ciências Sociais: Objetivo e subjetivo; parte e todo; particularidades e generalidades; indivíduo e sociedade.

Por fim, concordo com as ideias defendidas por Heinich em prol da valorização do método de histórias de vida, pois, realizado de forma compreensiva e sistemática pode render excelentes frutos na produção do conhecimento. Entendo que para além do método, existem abordagens diferenciadas que determinam as

particularidades de cada realidade social, sujeito situado e caminhos a seres percorridos. A trajetória de uma pessoa nos ajuda a pensar as redes de sociabilidades que mantêm uma estreita interação entre indivíduo e sociedade, de que forma estes atuam nesses espaços e como são representados.

#### 4.2 O BREGA

**Figura 28** - A casa de Cabeluda, nº 12, (2016).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

A prática etnográfica é por excelência um método utilizado pela Antropologia e outras ciências, que busca estabelecer um diálogo intersubjetivo em meio a experiência de campo. O que o campo oferece servirá para a construção de análises e reflexões. Foram os momentos de observação participante que pude instrumentalizar os meus olhares e formular conceitos que estão vinculados com a vida cotidiana da personagem. Nas diversas vezes que fui à casa de Cabeluda conheci um pouco sobre sua rotina diária, seus costumes e formas de lidar com o público, familiares e com as prostitutas.

Cabeluda, em seu discurso, sempre afirmou que detestava trabalhar na casa de outras pessoas como doméstica, optou pela prostituição com o intuito de garantir um meio de sobrevivência enquanto ainda jovem, pois não sabia nem ler e nem escrever. No entanto, o trabalho doméstico sempre se fez presente na luta pela sobrevivência, era dentro de sua casa que recebia seus clientes, depois passou a vender bebidas. Hoje, como dona de uma casa de prostituição, continua sendo uma mulher que sobreviveu e sobrevive até o exato momento da vida doméstica.

**Figura 29** - Cabeluda preparando o almoço (2016).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

É justamente dentro da dinâmica social da sua vida privada que percebemos as dimensões da sua vida pública. A casa como espaço de trabalho se torna pública e provoca ressonâncias sociais fora dela. Diante dessa afirmava, onde situar a vida privada de Cabeluda? Como Cabeluda lida com os conflitos gerados pela abertura do espaço doméstico aos “estranhos”? “Os conflitos mais públicos podem ter como palco um local privado, de certo modo a pessoa, quando trabalha em casa, já não tem sua própria casa” (PROST, 2009, p. 21).

Na cidade da Cachoeira, Cabeluda é conhecida por muitos, principalmente quem compartilha da sua geração, nos quatro cantos da cidade quem a conhece sabe o que ela atualmente representa, ela é parte integrante da história local. A mesma declarou, que o vínculo com a cidade, a fez ser indicada por um antigo gestor municipal, Raimundo Leite (vulgo, Dinho Farofa) há alguns anos atrás, a receber o título de cidadã Cachoeirana, essa informação foi dada pela própria Cabeluda. Mas ela não quis receber o título, disse que não precisava dele, pois já se sentia Cachoeirana.

**Figura 30** - Cabeluda com filha, nora e neto (2016)<sup>64</sup>.



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

---

<sup>64</sup> Essa foto foi tirada no momento em que Cabeluda recebia a visita de sua filha Jurema, sua nora e netos. A frequência da família é bastante corriqueira em sua casa.

A casa de Cabeluda é um lugar em que o público e o privado convivem no mesmo espaço e possuem um duplo sentido, onde os conflitos são administrados e contornados pelo poder e respeito da dona da casa, que impõem suas regras e disciplinas. Neste espaço, Cabeluda recebe seus amigos, familiares, clientes, estudantes, pesquisadores, prostitutas.

A sua clientela é muito diversa, as variações estão relacionadas com pessoas de cidades diferentes, conterrâneos e idades. Ela é uma mulher muito ativa e disposta. Existe uma pessoa que faz a faxina de sua casa e cuida de suas unhas e das prostitutas há anos, como a própria disse: “É uma pessoa da minha confiança”. A cozinha somente ela administra, faz almoço e café da manhã todos os dias, ninguém mexe nas suas panelas, até o prato das refeições para as meninas que usam a sua casa como prostituição são feitos por Cabeluda.

No momento em que estive fazendo a observação participante na casa de Cabeluda, compreendi que aquele espaço fecundo de relações sociais coexiste a partir de um sistema de organização mútuo que deve ser seguido por todos que ali transitam. O poder autônomo que emana de Cabeluda é o que garante a sobrevivência da sua privacidade, o controle que ela exerce sobre o seu trabalho é o que legitima o seu lugar, o seu território, frente às similitudes da vida pública.

O espaço físico da casa é composto por um corredor, quatro quartos, sendo um de Cabeluda e três para uso de trabalho sexual, uma sala com mesas e cadeiras onde os clientes bebem, escutam músicas, conversam e buscam momentos de descontração e prazer.

Há apenas uma cozinha, dois banheiros que ficam localizados num pequeno pátio (que funciona como área de serviço). Dentro dos quartos das mulheres que fazem programas, as camas são de cimento, uma cômoda ou um guarda-roupa bem pequeno, um espelho simples, não existe nada colado nas paredes.

A casa um ambiente pequeno, simples, nada luxuoso, porém acolhedor no modo de dizer das prostitutas. O quarto de Dona Cabeluda contém muitas informações e detalhes, uma cama de casal, com guarda roupa e cômodas, TV e muitos acessórios (roupas dependuradas, folhetos, produtos de higiene pessoal, etc.). No seu quarto não foi permitido tirar foto, para ela seria muita exposição da

sua intimidade, principalmente por ser o espaço em que ela pode usufruir de certa privacidade.

**Figura 31** - Casa de Cabeluda, corredor, entrada da casa (2016).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

A casa de Dona Cabeluda é repleta de significados e sentidos que são atribuídos por ela e pelas pessoas que transitam em seu espaço. Todos os vãos fazem referência a um estilo de vida consagrada nas relações que são estabelecidas neste espaço. As cores, as paredes, os objetos, a divisão dos cômodos, as manchas de batons marcadas nas paredes dos quartos por infinitas digitais, a posição dos espelhos na sala, logo na entrada o quadro de São Jorge e a espada de Ogum<sup>65</sup>.

---

<sup>65</sup> Sobre o São Jorge e a espada de Ogum, dois elementos que compõem um mesmo espaço de forma dialógica, sendo uma representação sincrética da religiosidade expressada pela dona da casa.

O jarro sempre com flores para Santa Bárbara, um altar católico no centro da sala, dando sentido a cosmovisão da dona da casa.

Essas características pertencem às silhuetas da casa e representam um modo de viver, de pensar, de agir no mundo. Um lugar que inspira e transpira uma dinâmica social intensa, caracterizada por relações antagônicas, mas que não deixam de ser dialógicas: público/privado, singular/plural, efêmero/duradouro, conservador/liberal, arcaico/moderno, exótico/familiar.

**Figura 32** - Casa de Cabeluda, sala (2016).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

---

Cabeluda é uma mulher que demonstra o que pensa muito mais através de suas ações do que com palavras. Quando perguntei sobre sua religiosidade, Cabeluda de forma direta respondeu “Eu não pertencço a religião nenhuma, sigo Jesus e ponto final”. Percebi que falar de sua religião para mim ainda era uma barreira. Apesar dos anos de conversa com Cabeluda, questões sobre sua vida como prostituta e sobre sua religião, foram as principais resistências na fala. Mas o espaço fala por si mesmo e expressa àquilo que a voz cala.

**Figura 33** - Casa de Cabeluda, sala (2016).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

A arrumação do lugar segue um roteiro de representações e simbologias. Os espelhos pendurados não estão ali para refletir a beleza e as silhuetas das mulheres, muito menos fazer parte da decoração. A função social do espelho é servir aos olhos de Cabeluda e das prostitutas que usam para ver os “lances” dos seus clientes, ver por vários ângulos e ter uma visão do todo, é acima de tudo um recurso de segurança. Uma das prostitutas que conversei comigo, vulgo Carla, disse: “até se um homem tiver armado podemos ver algum lance dele pelo espelho, eu e as meninas nos comunicamos”.

**Figura 34** - Cozinha de Cabeluda (2016).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

**Figura 35** - Banheiro feminino (2016).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

**Figura 36** - Banheiro masculino (2016).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

**Figura 37** - Quarto das prostitutas, cama e guarda-roupa (2016).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

Todos os quartos seguem esse mesmo padrão de organização, camas de cimento, armário, penteadeira e um espelho simples. Nas paredes, Cabeluda não gosta que colem nada, nenhum cartaz com mulheres peladas. Os móveis são antigos e não possuem um bom estado de conservação. Como as fotos foram tiradas num dia em que não havia muitas mulheres na casa, encontrei o quarto vazio, mas, nos finais de semana, quando a casa enche de mulheres, uma das prostitutas contou-me que os quartos ficam amontoados de sacolas, roupas, acessórios, sapatos, sutiãs e calcinhas espalhadas por todo canto.

As camas antigamente eram de madeira, mas, devido às inúmeras vezes que se quebravam, Cabeluda resolveu fazer de cimento, a fim de evitar prejuízos. Essa informação foi coleta através de um morador da Rua 7 de Setembro, que também afirmou ter ido algumas vezes consertar as camas não só de Cabeluda, mas, também do Point das Morenas.

**Figura 38** - Quarto das prostitutas, espelho e penteadeira (2016).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

Sobre a rotatividade das mulheres, umas chegam para ficar uma semana, outras, dois a três dias, a quantidade varia entre três a oito mulheres por dia na casa, este número pode aumentar ou diminuir de acordo ao dia da semana. Fimas de semana, principalmente aos sábados, o fluxo de clientes é bem intenso, principalmente depois da feira.

Uma pessoa do sexo masculino que trabalha na Rua 7 de setembro contou-me que alguns feirantes quando terminam o trabalho tem o costume de frequentar assiduamente a casa de Cabeluda. A clientela do “brega” em sua maioria são mais de homens coroas<sup>66</sup>, apesar de muitos jovens frequentarem também. Uma prostituta habitual da casa, que prefere não revelar sua identidade, e que gostaria de ser

---

<sup>66</sup> Coroas é um termo bastante utilizado pelas prostitutas que frequentam a casa de Cabeluda.

chamada de Carla, num bate papo perguntei a ela quais eram os motivos que a atraem para vim trabalhar em Cabeluda. Ela disse:

Gosto de vim para cá porque aqui sou bem tratada, sou protegida, me sinto segura, gosto das regras que Cabeluda impõem, isso é bom para gente. E o fato dessas regras existirem é o que faz a sua casa permanecer viva até hoje. Todos respeitam ela e quem ousar querer ser mais do que ela, bate de cabo de vassoura, a gente só briga quando eu quero escutar rock e ela não deixa<sup>67</sup>.

Conversando com uma prostituta chamada Jane, novamente a importância das regras fazia parte do discurso, ela falou o seguinte:

Gostamos muito de vim para cá, apesar de não ter conforto, temos segurança, todas aqui seguem regras que não podem ser quebradas, Cabeluda não gosta de mulheres com roupas muito devassas, por exemplo,<sup>68</sup>.

A partir de um diálogo que foi possível construir com algumas prostitutas, notei que a existência das regras impostas por Cabeluda era fator determinante para a sobrevivência do “brega”, o sistema normativo instituído neste espaço estendem-se não só entre as prostitutas, mas também entre os clientes. Como a própria Cabeluda já me disse várias vezes: “todos aqui devem seguir a minha lei, não aceito bagunça, em troca dou apoio e segurança às meninas”.

Sérgio Maggio, jornalista formado pela Universidade Federal da Bahia, andou pelas ruas e ladeiras de Salvador e do interior baiano, a fim de escutar prostitutas no seu cotidiano. Os encontros que teve com as profissionais do sexo deram origem a um livro intitulado “Conversas de Cafetinas”, em que Cabeluda aparece como uma das personagens principais. No enredo da conversa ela afirma:

Sou deserdada de pai e mãe. Meu pai era muito valente. Fugi de casa aos 11 anos e 11 meses e cheguei a Feira de Santana. Trabalhei muito. Fui garçõete do famoso bar Porta Aberta, uma lanchonete que nunca fechava. Cheguei nesta cidade aos 19 anos. Ralei muito até ter a ideia de montar o negócio. Aluguei o sobrado, comprei uma geladeira – onde só cabia uma caixa de cerveja –, um

---

<sup>67</sup> Trecho da entrevista realizada em 26 de outubro de 2016.

<sup>68</sup> Trecho da entrevista realizada em 27 de outubro de 2016.

colchão e uma cama. Com uma, fiz duas. Assim, fui ampliando o cabaré. (MAGGIO, 2009, p. 95).

Como jornalista, Maggio descreveu minuciosamente alguns detalhes do cotidiano das meretrizes, das experiências passadas, do relacionamento com o seu entorno social, e enfatiza a dinâmica do sistema de prostituição no tempo presente. “Cabeluda cobra R\$ 5 pelo uso do quarto ou R\$ 10 pelo pernoite. As prostitutas não pagam estadia, nem as três refeições diárias. Em casa, as mulheres gozam de uma liberdade de horários para dormir, comer e relaxar”. (MAGGIO, 2009, p. 96).

Através da fala de Cabeluda percebemos o tipo de relacionamento que é estabelecido com as profissionais do sexo e como funciona o cabaré, os acordos e as regras que devem ser seguidas. Outra questão importante é sobre a concepção que a protagonista tem sobre os corpos femininos e a sua sexualidade.

Cabeluda não gerencia o valor do sexo, ou seja, as mulheres têm liberdade para cobrar o preço pelo seu serviço com bastante autonomia. “Não tenho nada a ver com a mercadoria delas. Só me interessa o dinheiro do quarto. Eu não posso dar valor à mercadoria dos outros”. O corpo enquanto mercadoria possui valor de uso que só cabe às prostitutas determinar no trânsito dos clientes.

Jeferson Afonso Bacelar em “A Família da Prostituta” (1982) analisa a prostituição de forma estrutural e hierárquica das relações de poder que perpassam pela interação dos indivíduos na sociedade e a regulação dos comportamentos humanos através da conduta social. O autor trata a família da prostituta como grupo doméstico e aponta elementos estruturantes da política organizacional que são de suma importância para a manutenção das relações entre os membros do grupo de forma coesa.

As relações primárias desenvolvidas entre os membros do grupo são institucionalizadas e mantidas por padrões de atividades e formas específicas de conduta, configurando a organização social do grupo. Desenvolvem-se, assim, relações hierárquicas e divisão de trabalho; obediência e disciplina; proteção e assistência; cooperação e solidariedade; gratificação e sanções; tensões e conflitos (BACELAR, 1982, p. 110).

São nessas relações que podemos compreender a legitimação do poder de Cabeluda, o seu espírito de liderança e autoridade sobre os membros que compõem seu grupo, uma mulher e mãe que exerce influência transformadora sobre a conduta dos seus liderados. Neste sentido, concordo com a definição de poder pensada por Giddens citada na obra de Bacelar:

Entendemos poder, no sentido amplo, como a capacidade transformadora da atuação humana, enquanto, no sentido mais estreito, relativo, é a capacidade de garantir os resultados quando a realização destes resultados depende da atuação dos outros (GIDDENS, 1978, **apud** BACELAR, 1982, p. 110).

Todas as vezes em que fui a sua casa, apenas duas vezes a encontrei em seu quarto, deitada, assistindo TV. Na maioria das visitas, Cabeluda estava na sala, sentada, conversando, atendendo os clientes ou na cozinha fazendo almoço. Eu percebi que durante algumas visitas, a minha presença provocou uma certa mudança de comportamento dos clientes que moram na cidade, por duas vezes, somente quando sai da sala e fui para a porta da rua, os clientes entraram no quarto acompanhado com as prostitutas.

Geralmente as mulheres ficam transitando de um lugar para o outro, sentam e bebem junto com os clientes, algumas se oferecem para que os homens lhe paguem uma bebida e outras esperam o convite para sentar e beber. Dos momentos que estava ali, não presenciei nenhum conflito, nem agressão, nem disputa por clientes entre as mulheres, apesar de ter ouvido da prostituta Carla que existem mulheres que sentem ciúmes se o homem que ela tem costume de ficar, procurar outra.

Entretanto houve um momento bastante significativo nessa relação que fui construindo com Cabeluda e das experiências compartilhadas, o dia em que almocei na Sexta-Feira Santa de 2016 em sua casa. Fui convidada por um de seus filhos Jefferson, apelido Nanoso. O mesmo me disse que esse era um dos dias em que a família se reunia e que eu iria adorar. Confesso que fiquei um pouco envergonhada por estar participando de um almoço em família e nem da família eu era, mas fui tão bem recebida por ela que desde que sai de lá neste dia, percebi que os nossos laços tinham se estreitado ainda mais.

Neste dia, Jefferson ficou de ir junto com a sua família, mas infelizmente não puderam fazer presença, alguns filhos, netos e amigos se encontravam. Quando cheguei todos já estavam almoçando, todos eram servidos por Cabeluda, o seu tempero é magnífico, a mesa estava cheia de pratos diversos: caruru, vatapá, arroz, moqueca de vários frutos do mar, vinho, cerveja e refrigerante para as crianças.

Cabeluda sem sombra de dúvidas é a “dona do pedaço”, cafetina de poder e mando dentro das relações constituídas através da prostituição, também exerce seu poder como matriarca, dona de casa, mãe e avó. Por algumas vezes a escutei falar grosso com alguns clientes, sem medo e com bastante altivez, jamais presenciei alguém contestar seu mando.

O lugar social que ela ocupa hoje – de status e poder, nem sempre foi assim, Cabeluda durante a sua trajetória enquanto prostituta sofreu muitas humilhações, preconceitos, e dissabores, principalmente quando teve a sua primeira filha, Natalícia, nascida no contexto de prostituição na qual vivia, haja vista que, como já citado, duas filhas ficaram para trás quando fugiu do seu casamento.

Apesar de ter percebido que Cabeluda não gosta muito de falar dos seus momentos íntimos, da vida amorosa, da época em que se prostituía, revelando uma personalidade muito reservada, algumas questões narradas por ela revelam que a base das suas relações de poder foi construída não só de flores, mas também de espinhos.

Eu tive que ralar muito para chegar até aqui, não foi fácil, a vida no “brega” tem seus altos e baixos, teve época que ganhava o suficiente para comer e pagar minhas dívidas, mas também teve momentos de muita procura que dava pra ganhar um bom dinheiro. O mais importante era garantir a educação de meus filhos, hoje, todos estão bem criados, trabalham dignamente, eu amo meus filhos, meus netinhos, ajudo até hoje no que precisarem<sup>69</sup>

Quando chegou a Cachoeira por volta da década de 70, do século XX, Cabeluda conta, “já sofri muito preconceito por ser prostituta, mas também muito desejada pelos homens, tive alguns relacionamentos, casos amorosos, mas havia

---

<sup>69</sup> Trecho da entrevista realizada em 27 de outubro de 2016

clientes que partiam com violência”<sup>70</sup>. Ela fala que ser prostituta é ficar vulnerável a muitas situações e que nem sempre a Justiça está do lado das prostitutas.

Neste sentido que recorro a Adriana Piscitelli (2002) quando afirma que as formas de opressão às mulheres se dão em suas experiências, no seu cotidiano, nos espaços sociais que ocupam, e mapear esse circuito da violência no tempo e no espaço proporciona uma compreensão dos níveis de relação entre homem e mulher que são moldadas numa prática política. É justamente nas experiências políticas vivenciadas por mulheres que as estruturas de poder do patriarcado sobrevivem como uma instituição autossuficiente e com grande poder de regeneração.

O cotidiano de Cabeluda registra sinais e sutilezas da sua experiência de vida, o modo como trata os clientes, recebe os amigos, brinca com os netos pequenos, a forma de lidar com as pessoas, deixam traços visíveis da sua atuação enquanto mulher e coloca em evidência os elementos constitutivos das suas identidades, que condiz com muitas realidades vividas, mas que mesmo assim, não deixa de ser singular.

Dona Cabeluda vive uma vida simples, dedicada apenas ao seu trabalho, filhos e netos. Uma mulher que trás no corpo e na fala uma vida de labor e sobrevivência, uma mãe generosa, afetiva e valente, uma cafetina símbolo de um modelo de resistência da prostituição na cidade da Cachoeira.

### 4.3 O IMAGINÁRIO

O imaginário é um conjunto de representações que se expressam qualitativamente no social. Através dele construímos relações interdisciplinares que se conectam com a História, Sociologia e Antropologia. Conexões estas que são articuladas com um sistema de simbologia e re-significações de sentidos. A definição de imaginário que mais se adequa aos pressupostos teóricos desta dissertação é de Sandra Pesavento:

---

<sup>70</sup> Trecho da entrevista realizada em 27 de outubro de 2016

O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer (PESAVENTO, 1995, p. 24).

Neste tópico iremos compor uma teia de significados e representações envolvendo: a protagonista desta trama; a rede de prostituição vivenciada na cidade; conhecimento das memórias individuais e experiências compartilhadas. Alguns questionamentos serão provocados a partir do imaginário individual e coletivo dos entrevistados, tais como: Qual a visão de Cabeluda sobre si mesmo? Quais são as representações sobre a história de Cabeluda? Quais os dilemas que envolvem sua trama? Como ela é percebida enquanto mãe, avô e cafetina? Quais são os reflexos de suas vivências ocultados por Cabeluda? Quais os caminhos trilhados da resistência ao reconhecimento social?

#### **4.3.1 Cacau nascimento**

As entrevistas com Luiz Claudio Dias do Nascimento<sup>71</sup> aconteceram em momentos distintos, em tempos diferentes. Na primeira entrevista que aconteceu no dia 27 de novembro de 2010, Cacau Nascimento faz uma discussão inicial sobre a importância histórica da cidade da Cachoeira, sua relação com a Baía de Todos os Santos e sua ligação com o sertão baiano. Nesse trânsito de pessoas e mercadorias a prostituição se tornou propícia a se desenvolver nesses espaços. Nas mediações do porto da cidade, isso por volta da década de 1960, eram lugar de vida “promiscua”, afirma Cacau. Neste local, “o fluxo era intenso, havia homens e

---

<sup>71</sup>Cacau Nascimento é filho de Cachoeira, nascido em 1955, morador da Rua 13 de Maio, servidor público do Estado, em que exerce a profissão de Professor na Escola Rômulo Galvão, situada na cidade de São Félix. Possui mestrado em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (2007), doutorando em Estudos Étnicos e Africanos, UFBA. Tem experiência na área de História, atuando principalmente nos seguintes temas: história da Bahia, Recôncavo baiano, religiosidade, cultura afrobrasileira, etnicidade.

mulheres que ganhavam a vida de várias formas, capoeiristas, ganhadeiras, prostitutas, feirantes, comerciantes, no serviço de hospedagem e hotelaria”.

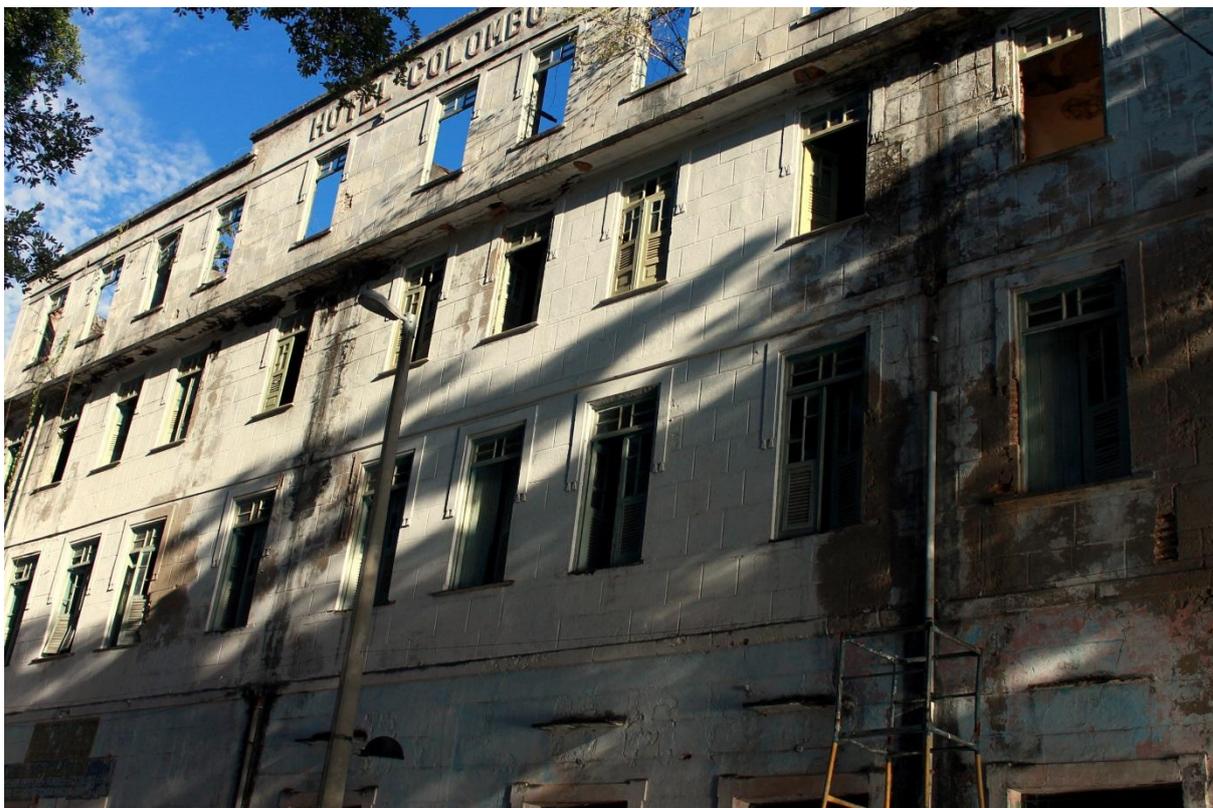
Em seu discurso podemos compreender os espaços de circulação de uma população flutuante neste período, principalmente nas proximidades do porto que, utilizava a estadia instável ou fixa na cidade para garantir meios de sobrevivência, estilos de vida e práticas de lazer.

**Figura 39** - Conjunto de hotelarias, bares e hospedagens, Praça 25 de Junho (2017).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

**Figura 40 - Hotel Colombo (2017).**



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

O conjunto de hotelaria da cidade, evidenciados nesses espaços, sugere pensar na existência de um fluxo intenso de pessoas transitando nesses lugares e construindo várias formas de sociabilidades, correspondendo à dinâmica social da época.

Fora o circuito de hotelaria, em Cachoeira, duas ruas serviram como locais de residência e pontos comerciais. A rua principal, conhecida como Rua Ana Nery, e a rua de baixo, conhecida como Rua 13 de Maio, espaços centrais da cidade da Cachoeira e artérias residenciais importantes da época.

**Figura 41 - Rua Ana Nery (2017).**



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

**Figura 42 - Rua 13 de Maio (2017).**



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

Cacau Nascimento afirma que, a maioria das prostitutas que chegavam, pertenciam à região sertaneja, Feira de Santana, outras vinham de Alagoas, Sergipe, Pernambuco. Ele narra sobre a década de 1980 e, afirma que, algumas prostitutas que se instalaram em Cachoeira chegaram através do circo, isso sugere a função social desta prática de diversão e lazer durante a sua estadia na cidade.

O circo era uma das formas de divertimento da cidade, manifestação artística e teatral que através de seus equipamentos itinerantes traziam consigo não apenas o espetáculo e a performance como forma de entretenimento, mas também mulheres lindas e sedutoras que faziam uso da prostituição nos lugares onde chegavam<sup>72</sup>.

**Figura 43** - Circo Nerino s/d.



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

O historiador cita o nome de algumas mulheres que viviam da vida circense e da prostituição ao mesmo tempo. A que mais teve destaque na narrativa de Cacau foi uma mulher chamada Ninheta que veio nos anos 60 para a cidade da Cachoeira com o Circo Nerino. Essa mulher, que faleceu com 80 anos por volta do ano de 2002, foi expulsa de casa por ter “perdido” a virgindade muito cedo e acabou por questões de estratégias de sobrevivência entrar na vida circense e na prostituição.

---

<sup>72</sup> Trecho da entrevista realizada em 27 de novembro de 2010.

Esta mulher morava numa casa que foi doada pela Santa Casa de Misericórdia, localizada na Rua Manuel Vieira Lopes, mais conhecida popularmente como Rua do Alambique. Muito sedutora, bonita, Ninheta construiu uma relação social na cidade e, depois, que deixou a prostituição, já com certa idade, resolveu trabalhar em casa de família<sup>73</sup>.

Cacau Nascimento conta esses casos que pertencem a aspectos da vida cotidiana da cidade não apenas como um pesquisador, mas acima de tudo como parte integrante da sociedade cachoeirana, sujeito-ativo dessas relações que permeiam a história local, e muito do que é narrado por ele, resultada da memória das suas experiências nesta terra.

Na década de 60, o cabaré eram conhecido também como a “casa da luz vermelha”, pois tinha na frente da casa uma lâmpada vermelha que ficava acesa durante toda a noite. Os clientes geralmente eram homens casados, com dinheiro, com posses, donos de açougue, babalorixás, dono de posto de gasolina, médicos, advogados, grandes comerciantes, ou seja, homens pertencentes à elite cachoeirana<sup>74</sup>.

Cacau Nascimento declarou que os homens realizavam suas fantasias sexuais com as prostitutas e deixavam as suas esposas em casa, pois estes diziam que a mulher de casa é a pra se respeitar e tudo aquilo que não faziam com suas esposas, tinha liberdade de fazer com as meretrizes.

Sobre os babalorixás relatou a seguinte lembrança:

Eu lembro muito bem disso, tinha um cara chamado Martinho, que era dono de açougue, esses caras não eram ricos, mas nas mãos deles circulavam muito dinheiro, eles negociavam com gado, e não era um boi, dois bois, eram muitos gados que chegavam do sertão, eles arrematavam uma classe de um trem que traziam bois, para poder vender para vários açougueiros aqui, era um meio de vida. Esses caras, nos anos 60, anos 70, eles vestiam roupas de linho puro, camisas folgadas de manga comprida de linho, calças de linho e sandálias, eles arregaçavam as calças de linho, e deixavam as camisas entre aberta, ou seja, não abotoavam totalmente, eles se vestiam caros, como malandros, então eles iam para o brega com o bolso cheio de dinheiro, dava pra ver o volume de dinheiro, e naquela época não era moda, não existia o hábito de tomar cerveja, eles tomavam bebidas quentes, conhaque, quando ia pagar a dose de

---

<sup>73</sup> Trecho da entrevista realizada em 27 novembro de 2010.

<sup>74</sup> Trecho da entrevista realizada em 27 de novembro de 2010.

conhaque, eles tiravam o bolo de dinheiro do bolso, eles assediavam essas mulheres, eles eram os clientes dessas mulheres<sup>75</sup>.

Sobre o tempo da sua juventude Cacau relembra:

A iniciação sexual de qualquer adolescente era no meretrício, eu fui um desses garotos, o meu pai me levou para o “brega” para conhecer uma mulher, daí surgiu a minha primeira relação sexual, com uma prostituta, ela se chamava Índia<sup>76</sup>.

As contemporâneas de Cabeluda hoje se tornaram evangélicas, trabalham em casa de família, estão doentes e envelhecidas. “Cabeluda foi a única que sobreviveu como cafetina, uma forma de produção econômica sofisticada, ao seu redor só mora famílias”. “Existe o “Point das Morenas”, mas esta casa de prostituição pertence a uma configuração atual no ramo da prostituição”. Quando perguntei a Cacau sobre qual era a sua opinião sobre as motivações que levam uma mulher a se prostituir, ele respondeu que essas “meninas possuem motivações variadas, quem explicaria isso seria um psicólogo, sociólogo, existem fatores domésticos, orientação sexual”.

Com base nos relatos que obtive de Cabeluda, através de clientes, vizinhos, prostitutas e conterrâneos, umas das questões que estão interligadas com o vínculo afetivo de Cabeluda com a cidade e o reconhecimento social presente nas relações que foram constituídas por ela, tive o interesse também de saber qual era a opinião de Cacau Nascimento sobre a autoridade e o respeito construído por Cabeluda durante a sua permanência em Cachoeira. Cacau diz o seguinte:

Cabeluda era vista e reconhecida como uma prostituta, mas ela se impunha de forma respeitável perante a sociedade, ela não afrontava a sociedade com trajes e com uma linguagem desrespeitosa, como outras prostitutas que eram ladras, traficantes de drogas, usavam drogas, andavam bêbadas, e que no final da vida terminou eventualmente como homicida, tinham problemas com a polícia por brigas e arruaças na rua<sup>77</sup>.

---

<sup>75</sup> Trecho da entrevista realizada no dia 22 de Janeiro de 2017.

<sup>76</sup> Trecho da entrevista realizada em 22 de Janeiro de 2017.

<sup>77</sup> Trecho da entrevista realizada no dia 22 de Janeiro de 2017.

O imaginário de Cacau é o reflexo de uma visão masculina que reproduz os valores morais da época sobre os comportamentos doutrinadores do corpo feminino. Ser respeitável para Cacau é estar de acordo a esses sistemas normativos de “ser mulher no mundo”, com critérios de diferenciação. Os critérios de “respeitabilidades” estavam presentes entre as prostitutas, e caso tivessem um “mau comportamento”, não eram “bem vistas” pela sociedade. As mulheres podem assumir diversos papéis e identidades, mas em todos os momentos elas serão analisadas por um viés machista e moralista, não importa a época ou o lugar.

Referente à maternidade de Cabeluda, afirma: “Uma de suas filhas, Natalícia, foi noiva de um comerciante da cidade, pseudônimo Marcos, mas a família por uma questão de preconceito social impediu o casamento, “o casamento seria uma mancha na família”“. A prática dessa família é bastante corriqueira na sociedade brasileira, até hoje vivenciamos estigmas que são projetados nas pessoas por elas pertencerem a uma classe social inferior ou fazer parte da prostituição ou de grupos subalternizados.

No caso de Cabeluda, a mesma teve o cuidado de não permitir que suas filhas se tornassem prostitutas e nem que seus filhos se envolvessem em drogas. Os filhos foram educados para não viverem no mundo da prostituição.

Eu vejo a resistência de Cabeluda de uma forma positiva, o fato dela se colocar como um paradoxo social, viver num mundo prostituído e mesmo assim sustentar uma forma de sobrevivência. Cabeluda é um alerta para a sociedade, neste sentido ela pode está fazendo um protesto à sociedade, pois ela vai de encontro à sociedade...eu mostro pra você que a promiscuidade não está no fato de eu ter uma casa de tolerância, um brega, um meretrício, e nem porque eu vivi a minha vida e construir a minha vida dentro de uma prostituição. A prostituição é institucionalizada numa forma generalizada, e eu mostro isso pra sociedade tendo a minha casa de tolerância, meu brega é a síntese dessa prostituição generalizada<sup>78</sup>.

Cacau evidencia essa função, essa força simbólica e sociológica de demonstrar para a sociedade cachoeirana que a vida de Cabeluda é uma forma de

---

<sup>78</sup> Trecho a Entrevista realizada em 27 de Novembro de 2010.

resistência a um modelo de sociedade preconceituosa, que através da prostituição garantiu a sua sobrevivência, de seus filhos e filhas.

### **Um episódio trágico na casa de Cabeluda**

Era um dia de quarta-feira, por volta das 16h00min, uma tarde de 22 de janeiro de 2017, quando eu e Cacau Nascimento, sentados na Praça Goes Calmon (conhecida como Praça do Faquir), de frente para o Rio Paraguaçu, iniciamos a nossa segunda entrevista. Este dia foi muito prazeroso e significativo, no banco da praça conversamos, em seguida realizamos uma excursão histórica, percorremos a margem do rio, becos e ruelas, na tentativa de historicizar o circuito da zona de prostituição de Cachoeira em tempos remotos.

A narrativa do entrevistado trouxe elementos importantes para a compreensão da rede de prostituição vivenciada em Cachoeira na década de 70. No momento da filtragem, um episódio relatado por ele, se destacou entre os demais, principalmente por estar vinculado à casa de Cabeluda. Assim foi relatado o caso por Cacau Nascimento...

Um homem apelidado de Umbigão, a mãe dele, chamada Bela, também era dona de um bordel, uma senhora que usava muitas joias, colares, argolas, anéis de ouro, com pedras. Essa senhora tinha outro filho chamado Raimundo e outra filha que morava com ela. Bela tinha certa condição financeira, tinha uma casa no “brega”, mas ela morava na rua principal da cidade, conhecida como rua da Matriz. Ela vivia como uma pessoa normal, apesar de ter sido uma pessoa socialmente discriminada, vista como uma dona de prostíbulo. Umbigão era amigável, amigo de todo mundo, jogava bola com todos, só que ele entrou na polícia, e quando ele entrou na polícia, teve problema de comportamento, eu acho que aflorou traumas de infância, traumas sociais pelo fato da mãe ter sido prostituta, depois uma dona de bordel, de modo que ele se tornou um cara violento, quando ele chegava aqui, ele se valia da condição de soldado pra poder fazer arruaça dentro do “brega”, provocava muitas brigas, e certa feita, ele, teve uma discussão com um cara dentro da casa de Cabeluda. Essa briga se tornou uma coisa forte porque foi briga de violência física, depois teve arma branca, o cara pegou uma peixeira, como a casa de Cabeluda era pequena, teve muita correria, e teve participação de outras pessoas que acalmaram a briga dos

dois. Então, quando as pessoas achavam que estavam tudo acabado, acalmado, que tinha terminado a briga, esse cara que havia brigado com Umbigão foi para um sobrado, que também era um prostíbulo<sup>79</sup>.

O sobrado era um local onde tinha jogos de aposta, baralho, dama, dados, era considerada uma zona extremamente perigosa, pois era frequentado por muita gente violenta, afirma Cacau Nascimento.

**Figura 44** - Sobrado da Rua 7 de setembro, local onde ocorreu o assassinato (2017).



**Fonte:** autoria de Gleysa Teixeira.

Cacau relata que, o rapaz ao sair de dentro do sobrado, quando já se encontrava na rua, foi abordado por Umbigão que estava armado com um revólver, o homem saiu correndo, entrou novamente no sobrado na tentativa de fugir de Umbigão, quando chegou ao meio da escada o homem tomou um tiro e veio a cair morto como uma cena cinematográfica, descendo, embolando pela escada. Esse fato aconteceu no ano de 1975 ou 1976, afirmou Cacau Nascimento. Quando eu perguntei sobre o atual paradeiro de Umbigão, Cacau disse o seguinte: “soube que

---

<sup>79</sup> Trecho da entrevista realizada em 27 de novembro de 2010.

ele estava morando no bairro da Liberdade em Salvador, que estava cego, há mais ou menos 15 anos atrás, encontrei com ele na Liberdade, hoje certamente ele deve está morto”.

Perguntei a Cacau qual foi o motivo da briga seguida de assassinato, ele respondeu que esse motivo foi desencadeado por ciúmes de uma prostituta. O mesmo afirma categoricamente que era comum, os clientes sentirem ciúmes das prostitutas. Tinha casos de homens que tinham suas prostitutas como amantes, ou seja, as mulheres ficavam o dia todo trabalhando como prostituta e quando terminava a jornada, elas iam ficar com seu amante, chamados de “xodó”, “nego”. Era um namoro sexual, pois eles gostavam do desempenho sexual dessas mulheres, se construía uma relação de freguesia, uma relação afetiva entre cliente e prostituta.

Para essas prostitutas esses homens eram seus parceiros sexuais “mores”, elas podiam transar com todos, mas era com seu amante que sentia orgasmo. Havia também homens que proibiam as prostitutas de saírem com clientes, alguns faziam questão de bancar financeiramente a mulher, pagando a sua permanência no bordel<sup>80</sup>.

Nascimento afirma que conhece casos de homens que tiraram mulheres do “brega” e construíram famílias com elas na cidade da Cachoeira, alguns nomes foram citados, mas por uma questão de ética, esses nomes não serão revelados nesta narrativa.

Casas, sobrados, ruas e praças, evidenciam a confirmação da transitoriedade de identidades subjetivas que circulavam nesses espaços, revelando-se num projeto de sociedade que incorporou elementos constitutivos da territorialidade cultural. Através do imaginário de Cacau foi possível fazer uma viagem no tempo, trocar conhecimentos e experiências, Cacau como fonte de saber vivo, eu como aprendiz das minhas próprias lembranças e concepções teóricas. Tanto um como o outro, partes integrantes da história da cidade.

---

<sup>80</sup> Trecho da entrevista realizada em 27 de novembro de 2010.

### 4.3.2 Clientes e amigos

Conterrâneos da cidade afirmam que quando o vapor de Cachoeira apontava nas águas do Paraguaçu, as mulheres iam embelezar os seus cabelos. As mulheres que ganhavam a vida como meretrizes eram chamadas na época de “ganhadeiras”, afirma José Carlos dos Santos<sup>81</sup>, (vulgo Zé Mole), 54 anos, proprietário do antigo “Bar Regina”, atualmente chamado de Palácio Cultural.

Numa entrevista informal, José Carlos dos Santos que conviveu com uma ex-prostituta da cidade por 15 anos, relatou algumas lembranças que guarda na memória sobre a prostituição em Cachoeira. Sobre as meretrizes ele disse:

Antigamente as “mulheres de ganho” tinham respeito, não saiam na rua, não era permitido crianças e adolescentes na frente do bordel, não existia esse negócio de drogas como têm muito hoje em dia, as cafetinas tinha credibilidade com autoridades da cidade, como juízes etc.<sup>82</sup>.

As lembranças evidenciam o caráter cultural atribuído ao bordel e às dimensões relacionadas às condições de poder que o lugar transbordava, deixando explícito que entre os frequentadores do mundo da noite e as prostitutas existiam “laços de solidariedade” que se mantinham num processo de negociação mútua entre o cliente e a meretriz, uma espécie de dominação clientelista e paternalista dos poderosos sobre os seus dependentes.

As permanências e as continuidades do sistema de prostituição em Cachoeira encontram-se na memória de conterrâneos. Neste caso, a fala de José Carlos evidencia o sistema valorativo atribuído às prostitutas naquele tempo em que era frequentador e espectador do bordel. A tentativa de romantizar as suas experiências e memórias sobre as relações que permeiam a prostituição por parte de José Carlos, não dispensa a reflexão sobre os conflitos inerentes que coexistem nessas relações.

---

<sup>81</sup> Entrevista realizada no dia 16 de novembro de 2010, que no tempo da entrevista tinha 54 anos, atualmente se encontra com 61 anos.

<sup>82</sup> Trecho da entrevista realizada em 16 de novembro de 2010.

Um cliente assíduo da casa de Cabeluda, nome fictício Raimundo, conversou comigo e disse que ele tem um caso amoroso com uma prostituta que frequenta a casa de Cabeluda. Ele declarou que, quando entra no quarto com a sua “amada”, só paga o uso do quarto a Cabeluda, pois não existe cobrança pelo sexo, haja vista que eles mantêm um relacionamento afetivo, neste caso, Raimundo disse que ajuda a sua “amada” quando pode. Sobre Cabeluda ele relata as suas impressões:

Ela é uma pessoa ótima, como amiga é nota dez. Ela é uma pessoa muito importante para mim e pra todos, esses trinta anos que ando na casa dela, ela sempre foi uma pessoa 100% com todo mundo e mais comigo, e já me ajudou bastante. Já fui casado, não deu certo, me envolvi com muitas mulheres na casa de Cabeluda, mas hoje eu tenho uma pessoa muito importante que fica na casa de Cabeluda, que eu fico<sup>83</sup>.

Esta conversa aconteceu no dia 03 de março de 2017 e foi registrada em áudio e autorizada pelo entrevistado, que só pediu para não revelar seu verdadeiro nome. Raimundo tem 47 anos e frequenta a casa de Cabeluda há trinta anos, ele trabalha com venda de bebida. Eu perguntei a Raimundo se durante esses trinta anos de frequência na casa de Cabeluda, se já presenciou algum conflito. Ele respondeu: “Não! Cabeluda é uma pessoa muito boa, só que alguém que às vezes machuca ela, aí ela se retira e bota pra fora, se abusar ela”.

Raimundo disse que Cabeluda ajuda as pessoas. Perguntei de que forma isso acontece:

Alguém que chega lá e está numa situação difícil, está sem um rango, ela chega e bota comida pra essa pessoa, quem tá com fome, ela não deixa com fome, eu acho isso muito importante, ela ajuda as pessoas até mesmo sem conhecer<sup>84</sup>.

O Dr. José Luiz Anunciação Bernado, nascido em 196185, 49 anos, advogado que mora na cidade da Cachoeira também fala um pouco sobre as suas lembranças

---

<sup>83</sup> Trecho da entrevista realizada no dia 03 de março de 2017.

<sup>84</sup> Trecho da entrevista realizada no dia 03 de março de 2017.

<sup>85</sup> Entrevista realizada no dia 16 de novembro de 2010.

referente à rede de prostituição na cidade: “O cabaré era ponto de cultura, músicos da Lira e da Minerva frequentavam o local, tocavam todo ritmo de músicas”.

O cabaré, um mundo historicamente criminalizado pela sociedade, na cidade de Cachoeira configura-se num espaço de socialização de saberes que ultrapassam os prazeres sexuais. A rede de sociabilidade presente na casa de Cabeluda no sentido atribuído pelos interlocutores, José Carlos, Dr. José Luiz e Raimundo é o lugar onde a representação social se dá na produção e troca de sentidos entre os membros de uma sociedade ou grupo.

Flavio Cruz Lenz Cesar utiliza o conceito de representação social definido por Staurt Hall, defensor da ideia de que a noção de sentido produzido e não “achado” é fundamental para compreender a representação social. Para Hall, a cultura é construída na produção de sentidos e nas relações de trocas que são interpretados por seus participantes, sendo que os “sentidos culturais que organizam e regulam as práticas sociais, influenciam nosso comportamento e conseqüentemente têm efeitos reais, práticos” (HALL, 1997, p. 5 **apud** CESAR, 2014, p. 30).

O pensamento de Hall nos faz refletir sobre as memórias compartilhadas pelos entrevistados e os sentidos que são produzidos a partir das experiências vividas por estes em cada interação pessoal e social da qual fazem parte, só alimenta o conceito de que o uso que fazemos das coisas, pelo que falamos, pensamos e sentimos, é o que confere a representação que fazemos dela.

### 4.3.3 Dona Cristina

Cristina dos Santos Bispo nasceu em Itabuna, no dia 23 de outubro de 1958, veio a falecer aos 58 anos no dia 27 de fevereiro de 2017. A nossa conversa aconteceu no dia 20 de outubro de 2015<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> Inexplicavelmente havia deixado a sua entrevista em *stand by*, na madrugada de 28 de fevereiro deste ano, sonhei com Dona Cristina e acordei pensando na entrevista dela que tinha que transcrever, ao pegar o celular percebi que tudo tinha sido apagado, certamente foi meu filho de 6 anos que mexendo no aparelho, deletou. O que me intriga, é que por diversas vezes tentei enviar a sua entrevista para o meu computador, consegui com todas, menos a dela. Como tinha ganhado um celular novo, resolvi deixar o celular com as entrevistas em casa. Sentindo uma tremenda angústia por ter perdido o áudio de Dona Cristina, no dia 02 de março fui à sua casa com o objetivo de

O que será relatado serão frutos da minha lembrança sobre a nossa conversa e as anotações que fiz no meu diário de campo. Sei que existiu muita riqueza em detalhes sobre a sua vivência como moradora naquele espaço, mas minha memória não dará conta das minúcias narradas por ela.

Dona Cristina morou na Rua 07 de Setembro por 27 anos. A sua narrativa foi repleta de detalhes sobre a dinâmica da prostituição em sua rua, desde quando passou a fazer parte da vizinha até os dias atuais, situações relacionadas à sua vida particular, conjugal, familiar, estado de saúde, também foi narrada por ela, mas que não cabe descrever. Era uma mulher guerreira, batalhadora, vivia para família e trabalhava como merendeira no Colégio Estadual da Cachoeira.

A nossa conversa aconteceu numa casa ao lado da sua, casa esta que o proprietário deixou sob seus cuidados, Dona Cristina era uma espécie de caseira do imóvel, prática bastante comum em Cachoeira, assim foi relato por ela. Ela conta que foi morar na Rua 07 de setembro logo após seu casamento, o seu marido realizou a compra do imóvel através de um leilão e foi justamente ali que Cristina presenciou vários acontecimentos ocorridos naquele espaço.

Os anos 90 foi a época em que Cristina começou a fazer parte da vizinhança do “brega”. Neste período, ela relata que mulheres assentavam o seu tabuleiro, vendendo acarajé, quitutes, etc., existia restaurantes, bares, hospedagens, famílias. Era um lugar ainda movimentado, havia circulação de pessoas, tanto da cidade como de fora.

Cristina listou o nome de muitos proprietários atuais de imóveis da rua e de antigos proprietários também, em sua maioria eram proprietários que alugavam suas casas para mulheres praticarem prostituição. Ela falou do finado “Vermelho”, ele não era apenas proprietário do imóvel, mas também era um grande cafetão e pai de Jeferson, Jurema e Binho, filhos criados por Cabeluda. Cristina me contou que a

---

entrevistá-la novamente. Quando cheguei à Rua 07 de Setembro, logo encontrei o marido e o filho saindo de casa. Fui ao seu encontro e perguntei por Dona Cristina, disse que gostaria de vê-la, o marido respondeu com tristeza: “A senhora não soube? Cristina faleceu na segunda feira”. Fiquei muito abalada e triste com a notícia, lágrimas caíram do meu rosto. Eu e Dona Cristina éramos mais que “conhecidas”, durante dois anos (2011 e 2012), ela, o marido e o filho, foram meus alunos na Escola Montezuma no EJA. Dona Cristina era formada, mas estudava junto com o marido e o filho todos os dias para não perderem a motivação.

mãe biológica desses filhos se chamava Cessa e era uma prostituta que veio de Sergipe junto com Vermelho. Cabeluda morou um tempo na casa de Vermelho. Cessa voltou pra Sergipe e deixou os filhos sobre os cuidados de Cabeluda. Dona Cristina disse que seu filho, Bruno, hoje com 22 anos, era filho de uma prostituta. Ela contou-me que, com um dia de nascido, a mãe deu o menino pra ela criar, foi o único filho que Dona Cristina teve.

Dona Cristina foi uma das testemunhas que vivenciou o processo de decadência da zona de prostituição. Fala que aos poucos as casas foram fechando dando espaço para a morada de famílias, os antigos proprietários foram colocando as casas à venda, que por sinal eram baratas em relação a imóveis que ficavam fora da zona de prostituição. Nem todo mundo queria morar na rua do brega, as pessoas tinham receio, mas aos poucos essa mentalidade foi se dissipando com o tempo. Ela conta também, que existiu prostitutas que foram tiradas do brega por homens que tinham a pretensão de constituir uma família com elas, outras envelheceram e saíram do ramo, outras já morreram, Cabeluda foi a única que ficou, diz Cristina.

Quando perguntei a dona Cristina sobre quem é Cabeluda e como foi e vem sendo sua prática na prostituição, lembro que ela me respondeu com a maior naturalidade, sem rodeios disse que Cabeluda era muito conhecida na cidade, que muitos estudantes frequentam sua casa, fazem entrevista com ela, com as mulheres que frequentam sua casa, e é uma mulher muito respeitada por todos, nunca viu envolvida com alguma confusão, criou muitos filhos dos outros, ajuda muita gente, não abusa ninguém. Na narrativa de Cristina ela conta como foi o infarto que Cabeluda teve e que devido a isso sua família do Sul da Bahia tinha vindo visitá-la, fato este, que causou um burburinho na rua e muita gente ficou comentando.

A instalação de Cristina na rua do brega, evidencia que aquele espaço não era só de prostituição como muitos conterrâneos chegaram a afirmar, generalizando e reduzindo o ambiente como lugar de “promiscuidade”. O discurso de Cristina veio pra fortalecer a ideia de que ali era um espaço de sociabilidade diversa. O seu imaginário representa a dinâmica do brega no início dos anos 90, porém a convivência naquele espaço se constituiu num lugar de aprendizagem sobre a história do local.

#### 4.3.4 Dona Josefa

Josefa Rodrigues Pereira<sup>87</sup> nasceu em 02 de fevereiro de 1942 na cidade de Itabuna, no ano da entrevista tinha 68 anos, era uma senhora que tirava o sustento da sua família vendendo coco numa barraquinha na praça Dr. Milton em Cachoeira. Era amiga e conterrânea de Cabeluda, ambas vieram para Cachoeira com o objetivo de ganhar a vida com a prostituição. Elas possuem muitas coisas em comum, mas a trajetória de vida de cada uma delas seguem rumos e significados distintos.

Josefa veio a falecer dois anos após essa entrevista, conterrâneos falam que ela contraiu uma doença e que sempre tomava muitos medicamentos por dia. Essa entrevista é o único registro acadêmico da sua existência. Que outras pesquisas possam existir e dar visibilidade a uma trajetória de uma mulher que lutou pra sobreviver até os últimos dias de sua vida, mesmo idosa, com a saúde debilitada, descia a ladeira do Orobó todos os dias, no sol ou na chuva, para vender água de coco.

O encontro com Dona Josefa aconteceu no seu local de trabalho, era final de tarde. Enquanto realizava a entrevista, não deixava de atender os clientes, e foi nessas circunstâncias que uma fração de sua trajetória de vida foi contada a mim. Lembro como foi esse momento, quando me apresentei, Josefa demonstrou que tinha muito interesse em falar, em contar a sua história, apresentou até o seu RG, eu olhei, anotei o nome completo, a data de nascimento. Apesar de a entrevista acontecer num local adverso, com bastante barulho dos carros, do alto falante, das pessoas, das pausas para atender os clientes, sem sombra de dúvida, foi a narrativa que não queria ser contida, era uma voz que rompia o silêncio e que expressava o desejo de contar, de desabafar.

Com uma voz mansa, rouca e cansada, Josefa falou:

Eu me criei na roça, não tive mãe pra me educar, fui criada com os meus irmãos. Quando foi com 15 anos eu me “perdi”. Fui viver com o pai dos meus filhos, tive três filhos, Daniel, José Rodrigues e João Sérgio, depois o meu marido arrumou uma vizinha, aí foi começando a desunião, ele veio me bater, aí eu peguei e meti a tesoura nele, furei a mão dele, só que depois ele foi atrás de mim de novo. Aí eu

---

<sup>87</sup> Entrevista realizada em 05 de novembro de 2010.

decidi ir pra casa, dar as despesas de meus filhos, aí ele não aceitou. Comecei a trabalhar em bar, lavar roupa de ganho, depois chegou uma colega minha e disse que tinha um emprego pra mim, aí foi quando comecei a me prostituir. Eu pensei que era outro tipo de trabalho, quando vi era outro lugar. Essa colega era uma camarada, amiga de infância, chegou dizendo que tinha um emprego melhor pra mim<sup>88</sup>.

A primeira frase da sua fala demarca sua origem, ausência da mãe e a “perda” da virgindade. Essas lembranças revelam subjetivamente um elo entre passado e presente, de maneira substantiva traduz elementos de Gênero e poder, compreendida através dos conceitos de classe (condição social), maternidade e sexualidade. Pensar esses conceitos a partir das memórias de Josefa nos permite refletir a condição feminina de forma existencial, empírica e epistemológica. De origem humilde, enganada e agredida pelo marido, a prostituição foi o meio que se apresentou para garantir o seu sustento e de seus filhos.

A tentativa de elucidar o seu lugar na história, os caminhos, e as linhas do seu sofrimento, evidencia o caráter seletivo da memória e os nexos temporais que servem para validar a existência humana. A fala de Dona Josefa pertence a um lugar, a uma história de luta e sobrevivência. O seu relato, apesar de particular, individualizado, está ancorado numa realidade macrossocial sobre a condição da mulher sob as malhas de poder do patriarcado. Uma história marcada principalmente pela violência. Uma mulher que passou por situações que até hoje são vivenciadas por milhares de mulheres no Brasil e no mundo, em que, a violência doméstica enquanto fenômeno histórico-social se tornou a regra dentro das relações afetivas e conjugais.

A cada relacionamento que Josefa vivenciava, a autoridade masculina empunhava a violência sobre sua mente e corpo.

Na época eu não conhecia quase nada, era uma pessoa que não viajava, não saía, deixei uma pessoa no meu lugar, aí eu vim pra Ubatã, não me dei bem, pelo meu patrão eu ficava, mas a mulher não queria sair. Eu só sei que eu cheguei, voltei de dono, arrumei um coroa, montei uma casa, comecei a viver e dá alimentação aos meus

---

<sup>88</sup> Trecho da entrevista realizada em 05 de novembro de 2010.

filhos. Depois não deu certo com esse coroa, eu voltei e arrumei um policial, só que ele me machucava muito, eu estava com uma barraca na praia em Itacaré, mas ele era casado também, era tirado a apaixonado por mim, a gente brigava muito, ele tinha muito ciúmes de mim, aí ele chegou dentro de casa, me bateu, eu joguei ele no chão, eu era forte, joguei ele dentro do esgoto, pulei o muro da vizinha e cair fora, fui pra debaixo de uma ponte. Aí um colega dele foi passando, chamou o superior dele e disse vai, vai, ele queria tocar fogo na casa<sup>89</sup>.

O discurso de Josefa evidencia traços do seu comportamento e as formas de lidar com as adversidades da vida, apesar de sofrer agressões de seus parceiros, tinha coragem de enfrentá-los, colocando a própria vida em risco. Essa característica fez dela uma sobrevivente, nem todas as mulheres conseguem escapar de um feminicídio.

Perguntei a Josefa se os seus filhos tinham presenciado a cena de violência sofrida, ela respondeu que não, os filhos moravam com o tio, chamado cabo Antônio. Ainda sobre o “coroa” ela disse:

Quando eu cheguei lá em casa ele estava dormindo, aí ele foi preso, levaram ele, saiu da farda. Eu ainda fui passear com ele, e ele mandou recado que era pra tirar ele da justiça, só que já tinha feito o corpo delito, já tinha feito tudo e eu não ia tirar, eu não ia ser tão covarde para voltar a viver com ele de novo, uma que ele tinha a família dele e outra que eu tinha medo dele<sup>90</sup>.

Josefa contou que esse episódio triste ocorreu quando ela tinha “vinte e poucos anos” e que já vivia da prostituição na cidade de Ubatã. O “coroa” era um cliente que se tornou amante. Sobre a prostituição em Ubatã relata:

Eu tinha uma casa de mulheres, meu ramo de negócio. Eu morava numa ruma e meus filhos em outra rua, lá em Ubatã, depois que eu coloquei uma barraca de praia em Itacaré. Eu nasci na fazenda Buerarema, interior de Ilhéus, depois eu fui pra Ubatã me prostituir. A casa em Ubatã tinha cinco quartos, cada quarto morava uma pessoa, era lá que ele vinha me ver, eu vendia bebidas também e a responsável pela casa era eu. Quando aconteceu o problema com esse policial, eu vim pra Cachoeira em 72. Vim em 02 de maio de 1972, saí fugida com medo dele, ele queria me matar. Teve uma vez

---

<sup>89</sup> Trecho da entrevista realizada em 05 de novembro de 2010.

<sup>90</sup> Trecho da entrevista realizada em 05 de novembro de 2010.

que ele arreventou seis caixas de cervejas, quatro de guaraná Antártica e as bebidas alcóolicas que tinha lá, Whisky, Campari, Drea, aí foi quando a polícia chegou e levou ele preso<sup>91</sup>.

Com medo de ser morta, Josefa foge pra Cachoeira e a sua chegada foi narrada da seguinte maneira:

Tinha uma colega que morava aqui, chamada Dete, a gente chamava ela de Dete de Pavão, porque Pavão morava aqui, pai de Bebeto da Pitanga<sup>92</sup>. Pavão disse vem morar aqui com a gente, você fica com Dete lá, aí veio eu, veio Raquel, e veio outra menina, mas ela já é falecida, na época eu só tinha 60 mirres. Eu fiquei uns dias me prostituindo, fui morar com um cara em Muritiba, só que não deu certo, voltei pra Cachoeira. Em 1974 tive a primeira filha aqui, Sandrinha. Vivi com o pai dela um bom tempo, finado Badinho, tive três filhos com ele, depois não deu certo, separei dele, fiquei com outro, tive mais um filho, aí encerrou<sup>93</sup>.

A sua morada em Cachoeira era a narrativa que eu mais esperava ouvir, queria muito saber como foi a sua vivência em Cachoeira e principalmente o relacionamento que teve com Cabeluda. Do tempo em que eram amigas relata as seguintes lembranças:

Vivia todo mundo legal, graças a Deus. Eu não tenho o que dizer dela, se ela tem o que dizer de mim, não sei, a gente se dá até hoje. Sempre quando uma precisava de outra, a outra servia, como até hoje, se eu chegar lá e dizer...Cabeluda me empresta aí \$50,00, ela chega e me empresta, nunca nós discutimos. Hoje eu sou uma pessoa adoentada, faço tratamento até hoje, em 2001 fui mordida com um mosquito da leishmaniose, aí eu fiquei muito abatida, depois que eu me internei não me alimentava direito. Eu que sempre gostei de comer do meu jeito, comida com sal, só me alimentava com suco, banana, frutas e pão. Cabeluda vivia com um cara, Farailton, o cara não dava nada, batia muito nela, judiava muito dela. Ela não teve filho com ele e nem com ninguém.

---

<sup>91</sup> Trecho da entrevista realizada em 05 de novembro de 2010.

<sup>92</sup> Bebeto foi casado com minha tia Maria Júlia, teve dois filhos com ele, Patrícia e Márcio. Durante muito tempo viveram casados, lembro-me quando eu ia tomar banho no rio Pitanga com meu primo Márcio e quando Bebeto descobria, ele pegava uma palmatória de madeira e dava vários “bolos” na nossa mão.

<sup>93</sup> Trecho da entrevista realizada em 05 de novembro de 2010.

A questão da maternidade de Natalícia sempre foi uma incógnita. Apesar de Cabeluda defender que é mãe biológica, a maioria dos entrevistados nega essa informação. Esse é um mistério que não cabe minha investigação, o fato é que caso Natalícia não seja filha biológica, Cabeluda deve ter os seus motivos para sustentar essa maternidade.

Lidar com a trajetória de uma pessoa implica compreender e respeitar os silêncios e oclusões, e até mesmo “inverdades”, mas não devemos deixar de problematizar os seus sentidos. Às vezes um silêncio pode dizer mil coisas e as oclusões podem ser a tentativa de preservar particularidades e intimidades que só dizem respeito ao sujeito. Apesar de também está fazendo uma “investigação”, uma busca por dados, informações e fontes, para mim, a validade do meu estudo está na capacidade de interpretar e recriar histórias. O processo de “investigação” histórica seja com fontes oficiais, orais, impressas, etc., transmitem uma intencionalidade e uma carga subjetiva, porque são construídos e reconstruídos por seres inventivos, com capacidades de criação de alto nível, os seres humanos.

Josefa afirma que quando chegou a Cachoeira, Natalícia já era nascida, tinha uns 3 anos pra 5 anos e que perguntou a Cabeluda se era filha biológica, ela disse que sim. Em seguida perguntei sobre como era o relacionamento de Cabeluda com Farailton, Josefa respondeu:

Farailton, ele maltratava muito ela, ela se preocupava muito com ele, aí teve um dia que Cabeluda me disse que estava a fim de alugar uma casa, aí eu disse: Você aluga que eu podendo ti ajudo. Aí eu arrumei uma cama velha pra ela, um colchão velho, pedi a Pavão uma caixa de cerveja e uns litros de bebida pra Cabeluda vender, quando ela vender vai pagando a você. Dei uns panos pra fazer cortina também”. Essa é a casa que ela mora até hoje. Aquela casa é da Santa Casa, ouvi dizer que está até na justiça. Só sei que depois ela se mudou pra casa de Flora, essa Flora também vivia do Ramo de prostituição. Depois que ela retornou pra essa casa de novo. Eu morava na 16, tinha a 14 e ela morava adiante<sup>94</sup>.

O tempo de Josefa quando a sua atividade de prostituição em Cachoeira era intensa, foi vivenciado por mulheres que também faziam uso dessa prática. O legado

---

<sup>94</sup> Trecho da entrevista realizada em 05 de novembro de 2010.

e a luta cotidiana dessas mulheres estão presentes na memória de Josefa e dos demais entrevistados. Mas por onde anda as prostitutas do seu tempo? “Já morreram quase todas, só ficou Cabeluda, Rosinha, Iraci, Anatália, eu e Melissa que está morando em Salvador. Todas já saíram do ramo, só tem Cabeluda”.

A vida no brega de Cachoeira apesar de ser palco de muita boemia, em que a diversão e o prazer era a principal regra do jogo, o seu cotidiano também foi vivenciado por conflitos e casos que envolviam a polícia, assim como foi relatado por Josefa:

Já existiu caso de mulheres que se envolviam em brigas e chegavam a ser presas. Eu mesmo já tentei tirar algumas da cadeia. Uma vez aconteceu dentro da casa. Surgiam essas brigas por causa de bebida, ciúmes, essas coisas assim. As duas brigavam lá, depois iam presas. Tinha briga entre mulheres, entre mulher e homem, homem que batia em mulher, mulher que batia em homem. Eu mesmo não levava liberdade, eu dizia na cara, se vinha me agredir eu metia a garrafa. Derradeiro foi Santinho. Santinho veio pra cá tirar onde de me bater, porque ele não queria pagar a cerveja, ficou pirraçando<sup>95</sup>.

As brigas dentro das casas de prostituição ocorriam com certa frequência, a violência física e verbal no discurso de Josefa era motivada principalmente pelo uso do álcool e ciúmes excessivos. O fato é que algumas mulheres asseguravam uma relação de força diante das agressões masculinas. Nem todas as mulheres que são submetidas a uma violência possuem a coragem de revidar e se sobrepor numa luta corporal. Josefa evidenciou mais uma vez, uma das formas de sobreviver no mundo da prostituição e nas próprias relações afetivas conjugais e extras conjugais, evidenciando maneiras da resistência feminina.

A conversa com Josefa possibilita pensar várias questões sobre a prostituição na cidade, principalmente sobre a sua própria trajetória individual que é bastante instigante, reveladora de um contexto histórico situado e imbricado com as problemáticas de gênero no Brasil.

Ciente de que fui ao seu encontro para poder obter informações sobre Cabeluda e refletir sobre as memórias de uma época, a história de Josefa se impôs de tal maneira, que daria por si só um excelente caminho a ser trilhado na pesquisa.

---

<sup>95</sup> Trecho da entrevista realizada em 05 de novembro de 2010.

Porém a minha sede de pesquisa no ano em que realizei a entrevista, era de fato o protagonismo da cafetina da história, e por algumas vezes tive que interromper o desabafo de Josefa para que a protagonista desta trama ganhasse presença na sua fala. Sobre Cabeluda, Josefa falou:

A gente é até conterrânea. A vida dela é mesma da minha. Não tinha filho, depois que ela pegou os filhos dos outros pra criar, graças a Deus que tem um que tá trabalhando no Banco como segurança, Nanoso, ninguém tem o que dizer. Teve também Binho, Xuxa, é por que eu não sei o nome dela. As mães desses meninos os abandonaram, era a mulher de finado Vermelho, ela foi viver a vida como queria viver. A mãe que eles reconhecem é Cabeluda, ela fez de um tudo, criou, deu educação. O outro ela tomou, ela ganhou neném em minha casa, e a mãe deu a Cabeluda o filho dela pra criar, Weliton. A mãe de Weliton se chama Ana<sup>96</sup>.

Os filhos nascidos e criados dentro do brega evidencia os vínculos maternos edificados através de laços de solidariedade entre as prostitutas. Sobre esse aspecto, ouse-me a falar, não apenas como pesquisadora, mas também como nativa da cidade que Cachoeira conhecida pelos “filhos ilustres”, na sua essência também, “filhos do brega”, por quê não? Eu particularmente conheço muitas histórias de prostitutas que se casaram com nativos da cidade, tiveram filhos, prostitutas amantes que entregara seus filhos aos cuidados do pai, etc. Essa é uma história abafada por muitos, mas que não deixa de ser transmitida de geração para geração.

Novamente perguntei a Josefa sobre Natalícia, queria saber como era a Cabeluda mãe, e o que sabia da história da sua família que deixou em Itabuna, já que as duas eram conterrâneas. Josefa não sabe o motivo da saída de Cabeluda do convívio de sua família, mas lembra de alguns detalhes:

Sobre Natalícia, eu não sei dizer. Ela nunca me contou o segredo dela, eu também nunca perguntei. Só sei que Cabeluda alugava a casa pra Natalícia morar junto com uma moça. A família de Cabeluda, diz ela, e pelo que eu alcancei, é uma família de bem, que mora perto da Igreja Santo Antônio, em Itabuna, perto da rodoviária.

---

<sup>96</sup> Trecho da entrevista realizada em 05 de novembro de 2010

Eu trabalhava perto da casa do pai dela, na Rua Santo Antônio. Mas eu só vim conhecer ela aqui em Cachoeira<sup>97</sup>.

Sobre Cabeluda notei que Josefa não tinha mais o que falar ou o verdadeiro interesse dela era contar a sua própria história. Então fiz novas perguntas direcionadas à sua vida como prostituta, com o objetivo de compreender a partir da sua fala, a dinâmica do brega e do significado da sua condição no ramo da prostituição.

Josefa que afirmou não ser alfabetizada, que só aprendeu a assinar o próprio nome, fala sobre as suas motivações e os caminhos que a levaram à prostituição:

Eu acho que eu me prostituir por não saber, por inocência minha, porque quando eu vim cair na real mesmo, eu já estava afundada. No Sul eu só fumava, comecei a beber mesmo quando vim pra Cachoeira e foi onde eu comecei minha prostituição abertamente. Mas já trabalhei lavando roupa de ganho, nas cozinhas dos outros. Aqui em Cachoeira só trabalhei em uma casa de família, lá nas três casinhas, de um cara que tem lá que dizem que é pai de Santo, parente de Teresinha Suzar, foi gente boa pra mim, não tenho o que dizer. Eu me prostituir pra sustentar meus filhos, não tive conhecimento, instrução, não sabia ler e nem escrever, quando eu vim sair da adolescência eu já estava com 40 anos. Aí foi que eu senti o que era a adolescência, tudo isso eu fiz na minha adolescência, talvez se não fosse a adolescência e a influência de amigas eu não tinha me prostituído. Eu nunca fui amante a me prostituir, eu ia ganhar aquele dinheiro pra me alimentar, minha família morava longe e eu não queria aborrecer minha família, eu tinha vergonha. Então pra eu sustentar meus filhos eu ia com a cara calçada de vergonha. Então e não vou mentir, pra quê mentir? Eu já contei meu testemunho até pra Deus, porque não adianta morrer no pecado. Eu vou dizer a você que eu nunca me prostituir? Que eu sou a boa? Não! Você está me vendo, está me escutando, mas Jesus já me ouviu antes de eu falar. Eu nunca gostei de viver me abrindo pra um e pra outro, eu já me arrependi. Quando eu estava com 40 e poucos anos eu não vestia mais nenhuma bermuda, eu me achava velha, inferior<sup>98</sup>.

A fala de Josefa coloca em evidência que a prostituição nunca foi motivo de orgulho para ela. Nota-se que tanto ela como Cabeluda não foram alfabetizadas, ambas tiveram suas vidas gerenciadas pela necessidade de criar seus filhos. A antiga frase fez a hora e não esperou acontecer, “quem pariu e bateu que balance”,

---

<sup>97</sup> Trecho da entrevista realizada em 05 de novembro de 2010.

<sup>98</sup> Trecho da entrevista realizada em 05 de novembro de 2010.

pensamento que dialoga no tempo e no espaço em que a ausência da paternidade e a responsabilidade social da criança compartilhavam com o machismo e o mito da maternidade.

Hoje, Josefa é evangélica, pertence à Igreja Missão Nacional há 10 anos, e com um tom comprometido com Deus fala em arrependimento. “Mais a primeira vez que Deus me chamou foi em 1962, eu aceitei Jesus, vivia com meu primeiro marido, já tinha meu segundo filho, depois eu pequei e cair nessa provação”.

Ela afirmou que saiu do ramo da prostituição há 20 anos e conta as suas razões:

Sai porque não dava mais certo, comecei a botar barraca na feira, barraquinha nas festas, fui gostando e achei que eu poderia criar meus filhos sem depender de lá de baixo, graças a Deus. A derradeira enchente de 89, eu já morava em minha casa aqui, meu filho caçula nasceu nesta casa, hoje ele vai fazer 27 anos. Eu deixei a casa de lá de baixo porque também começou a aparecer muita sujeira, muita droga, mulher drogada, a barra ficou pesada, não dava mais pra mim. Teve uma época em que eu bebia muito, só ia dormir depois de beber todas, era muito revoltada com minha vida, mas Deus me curou. Jesus me tirou de fumar, de beber, da prostituição, graças a Deus não tive mais relação com homem.

Josefa faz uma comparação entre a prostituição do seu tempo e a atual, lembranças que revelam suas impressões de mundo.

A prostituição mudou muito, hoje existe muita droga, muita mulher, mulher sapatona, viado, muito desrespeito, antes todo mundo respeitava todo mundo. Quem fez aquele movimento ali foi eu, era a casa de mais movimento. Tinha o pessoal do Sul que chegava, a Odrebech estava aqui<sup>99</sup>.

A comparação que Josefa faz da prostituição antiga e atual está ancorada num pensamento marcado por juízos de valor compartilhados com as suas experiências vivenciadas dentro e fora do brega. O seu significado de “respeito” dentro dessas relações são balizadas pela sexualidade, que para ela devem ser enquadradas e ajustadas pelos critérios moralistas e cristãos.

---

<sup>99</sup> Trecho da entrevista realizada em 05 de novembro de 2010.

#### 4.3.5 Dona Natalícia

A entrevista aconteceu no dia 25 de janeiro de 2017, na própria residência de Natalícia, no Capoeiruçu<sup>100</sup>, Cabeluda tinha acabado de sair, diz Natalícia que ela passou pra deixar o dinheiro da escola dos netos.

Natalícia nasceu em 25 de Dezembro de 1969, atualmente com 48 anos, é a filha de Cabeluda que mais sabe ao seu respeito. Confesso que foi um encontro muito esperado por mim, pois Natalícia nunca gostou de dar entrevista a ninguém, principalmente pra falar de sua mãe. Chegando à casa de Natalícia, encontrei-a realizando os fazeres domésticos, com muita simplicidade me atendeu. Sentamos no sofá da sala, pedir que ela falasse um pouco sobre a sua história enquanto filha de Cabeluda. Prontamente respondeu:

Eu sou dona de bar, sou filha de Cabeluda, fui criada por algumas tias para não ser criada ali dentro, ela nunca aceitou. Não tenho filho, crio dois sobrinhos, Reinam e Adriele, cuido deles, vivo um pouco dona de casa, um pouco dona de bar. Estudei, conclui o Colegial no Colégio Estadual da Cachoeira. Fiz o primeiro semestre de Medicina na UFBA, mas, mãe não teve condições de me manter, porque aí vieram outros irmãos, adotivos, ou eu fazia faculdade ou ela sustentava os filhos, então tranquei minha carreira na faculdade, comecei a trabalhar, trabalhei em vários lugares no comércio, como no Vale Ouro, Gruta Azul, em Salvador trabalhei também, trabalhei como secretária, CTE, na Caloi como vendedora, na montagem, aí como eu via que não ia prosseguir a faculdade, aí eu vim embora, voltei pra Cachoeira, trabalhei como balconista em vários lugares em Cachoeira, hoje eu moro no Capoeiruçu.

Natalícia, por ser a filha mais velha, criada por Cabeluda, acompanhou a mãe sendo prostituta até se tornar cafetina. Mesmo não morando no brega de Cabeluda, quando ainda criança, foi sustentada através da prostituição. Sustento este, que se estende na educação de todos os seus filhos e netos. Natalícia, teve que abdicar do sonho em ser Médica para garantir o sustento dos seus irmãos, seria uma despesa muito alta. Sobre a sua passagem na UFBA afirmou:

---

<sup>100</sup> Distrito da cidade de Cachoeira

Na realidade eu tentei vários vestibulares, Jornalismo e Filosofia, passei em Filosofia, não quis Filosofia, tentei mais uma vez, passei em outra coisa lá, mas também não queria, aí foi quando eu passei em Medicina, mas não tinha condições de estudar, eu fiquei só um semestre, porque tinha que ter aula num canto e depois em outro, eu nem podia trabalhar e para me locomover ficava difícil. A vida não brilhou pra mim, tenho vários outros cursos, você entendeu? A maioria das coisas de casa de mãe sou eu que resolvo. Eu me formei com 18 anos no Estadual, e com 18 já estava prestando vestibular, que não era fácil, não é como hoje com o ENEM.

Quando Natalícia afirma que a vida não brilhou pra ela, na sua expressão facial pude perceber que a sua fala traduz ressentimento, de um projeto de vida que não deu certo. As suas lembranças revelam um contexto histórico vivido e expressam a realidade de uma época em que pertencer à classe trabalhadora, ser Mulher e filha de uma prostituta, seria incompatível ao perfil universitário da época, haja vista que não era necessário apenas ser aprovada no curso, mas acima de tudo, conseguir sobreviver ao ritmo acadêmico, pois a dinâmica da vida universitária na época não dava condições para que a estudante trabalhasse, a não ser que fosse um trabalho que pudesse ser articulado com os estudos, situação muito rara para quem pertencia aos grupos menos favorecidos. Depois de passado todo esse tempo, perguntei se Natalícia ainda tinha interesse em retomar os estudos, ela disse:

Não tenho mais, porque tem muito tempo. E agora fica difícil, ou eu pago o IAENE dos meninos ou eu vou fazer faculdade, e agora pra se locomover, se bem que o prefeito dá o ônibus, mas se agora eu fosse fazer faculdade, eu não iria fazer Medicina, eu ia fazer Direito, em Feira de Santana. Como é que vai pra feira, vem e volta, cuida de menino, eu não posso deixar meus filhos ao léu. Olha cheguei! Almoço tá pronto, a casa tá pronta! Mas o mundo de hoje não é como antigamente. Se você não cria seu filho, o mundo cria. Então se eu tenho a responsabilidade dos dois, eu tenho que cumprir com o papel de mãe, né? Saber o que acontece, o que acontece na Escola, não posso deixar ao léu, Adriele mesmo já está na adolescência, vai fazer 13 anos. Reinam é filho de Jurema e Adriele filho de meu irmão que mora em São Paulo, Juninho, irmão de Nanoso. Eu tenho mais duas irmãs, Maria Conceição que mora em São Paulo e Gidalva que mora em Itabuna. Gidalva e Maria Conceição são as duas filhas de Cabeluda deixadas para trás quando fugiu de casa.

O compromisso com seus sobrinhos, criados como filhos, estão em primeiro plano, ver os filhos crescer com uma boa educação é o que mais importa afirmou Natalícia. Depois dessas afirmações, perguntei sobre a sua paternidade e como foi a sua infância e adolescência, ela respondeu:

Eu não conheci meu pai, tenho no meu registro, mas eu não o conhecia, quando eu tinha 13 ou 14 anos um homem se apresentou como meu pai, aí eu falei assim, esse aí não é meu pai, aí minha mãe falou: esse aí é seu pai, o outro só fez lhe registrar, o nome dele é Alemão, ali da venda do mercado. Alemão é meu pai biológico, o outro como morava com minha mãe só fez me registrar, era um rapaz de Candeias, até hoje eu procuro, mas nunca achei. Foi um relacionamento de minha mãe, não deu certo, mas ele me fez esse favor de me registrar. Minha mãe não foi o tempo todo dona de casa, minha mãe também foi mulher da vida, então, quando eu era criança, eu morava em Candeias, quando ela me trouxe, ainda muito criança pra Cachoeira, e tinha uma senhora chamada Benin, morava ali no Faquir, aí ela pagava pra essa moça tomar conta de mim. Aí eu fiquei um bom tempo morando com ela, e o filho dela veio pra Feira de Santana, passou na polícia, e hoje ele é tenente-coronel, aí ela foi embora pra Feira e me levou também, eu sempre chamava ela de tia e o filho dela de tio. Nessa época fui criada em Feira, depois a filha dela foi pra São Paulo, a Zilda, que era minha madrinha, ela foi, depois veio me buscar, aí eu fiquei um bom tempo em São Paulo, quando eu voltei, foi que vim morar com minha mãe, aí eu já tinha 16 anos. Minha mãe alugou uma casa, ela sempre alugava uma casa, pra gente morar separado, ela ia de dia, fazia almoço, eu estudava, aí quando apareceu Welliton, a gente começou a criar, ele é um dos filhos adotivos, depois de Welliton, passado um bom tempo, eu já estava adulta, veio a Jurema, aí minha mãe ajudou a criar também, Nanoso, Binho, Juninho, Jaqueline, só quem ela não criou dos irmãos de Nanoso, foi a Patrícia, até Jandaíra morou um tempo com a gente. Ela é uma mulher que criou os filhos dos outros com dedicação, não tem aquela história de...eu vou comprar uma roupa boa pra minha filha e os outros eu compro inferior, ela compra igual pra todo mundo.

A partir do que Natalícia contou, uma pergunta não se calou. Por que Cabeluda quis adotar tantos filhos? Será que o fato de ter abandonado duas filhas antes de se tornar prostituta, seria a forma de preencher um espaço que foi deixado para trás? Natalícia confirmou minha hipótese:

Eu acho que foi proveniente das duas filhas que ela deixou, ficou com a mãe dela, mas não sabe como criou, e minha irmã Gidalva quando teve aqui, ela disse que foi criada pela tia, e que a tia não

havia colocado ela na escola, e se criou analfabeta, ela trabalhava muito, enquanto as filhas de minhas tias foram estudar, fizeram Faculdade e tudo. Acredito que Maria da Conceição, também não frequentou a escola, ela me mandou até umas fotos, conversei com as filhas dela, as duas filhas dela fazem medicina em São Paulo, moram em Guarulhos.

Natalícia fala sobre o acontecimento ocorrido na vida de Cabeluda, quando por motivo de saúde teve que entrar em contato com sua família biológica, fato este narrado anteriormente. Em seu discurso podemos perceber como foi a criação dada às filhas de Cabeluda, nota-se que a irmã de Cabeluda garantiu uma educação desigual, Gidalva e Maria da Conceição não tiveram acesso as mesmas oportunidades que tiveram as filhas de sua tia. Criadas para servir, cresceram sem saber do paradeiro de sua mãe, mal sabiam que depois de muitos anos, iriam reencontrá-la.

Eu fui a Itabuna, procurei na rádio e tudo, mas minha irmã tem problema de coração, aí ficaram ligando, perguntando quando a gente ia ou não ia. Primeiro veio uma sobrinha de minha mãe, que é assistente social em Itabela, nome Zana, trouxe os documentos de minha mãe, e com duas semanas veio minha irmã Gidalva, mas assim, ela é aquele tipo de mulher carente, tratou minha mãe muito bem, sempre liga pra minha mãe. Gidalva é a filha mais nova, não sei a idade, a mais velha é Maria da Conceição, têm uns 58 anos. A Maria Conceição não aceitou, eu acho que ela tem mágoa de minha mãe por ter ido embora, deixado ela com os avós, e naquele tempo tinha aquele negócio de retirante, de mandar os filhos pra São Paulo pra trabalhar, pra estudar, e foi isso que fizeram com Maria Conceição.

Sobre o pai das filhas de Cabeluda, Natalícia disse, “minha mãe foi casada em Itabuna, mas um dia o marido disse que ia matar ela, aí ela foi embora, largou as filhas”. A Família obrigou Cabeluda a casar com 12 anos, o marido era muito mais velho do que ela, conta Natalícia.

Por diversas vezes Natalícia tinha que frequentar o brega, pois além de ser local de trabalho de sua mãe, também era moradia. A sua presença causava mudança de comportamento entre as prostitutas e seus clientes, as performances de carícias e desejos eram contidas quando a filha da dona da casa chegava:

Minha mãe nunca permitiu que eu e meus irmãos morássemos dentro da casa, a gente frequentava às vezes, agora é até mais fácil ir pra lá, mas antigamente quando era criança era difícil. Tinha a Odebrech, era muito movimentado, então a gente chamava ela na esquina, principalmente eu, os meninos não, eu não entrava na casa, chamava ela bem alto, aí os vizinhos falavam a ela que eu estava chamando. Ela ia até mim, perguntava o que era, e me levava até lá, aí eu entrava, e tinha uma coisa, se uma mulher estivesse sentada no colo de um homem e eu entrasse, as meninas falavam: “a filha da dona da casa está aí, vamos nos comportar”. Na minha frente elas evitavam sentar no colo dos homens e não deixavam os homens ficarem agarrando elas. As meninas procuravam se respeitar na minha presença, não tinha devassidão. Se eu estivesse de almoçar, eu almoçava, pegava dinheiro ou alguma coisa e ia embora pra casa. Eu já morei no Caquende, Ladeira da Cadeia.

Com a chegada de Natalícia no brega, os prazeres da noite ficavam paralisados, respeitar a sua presença era uma das regras da casa. Cabeluda vivia da prostituição, mas nunca quis que seus filhos seguissem o mesmo caminho, os seus ensinamentos e valores eram contrários às experiências de uma prostituta. Natalícia falou:

Ela sempre dizia a mim assim e depois a Jurema e os outros... “eu vivo nessa vida pra vocês não viver, vão procurar estudar, trabalhar, ganhar o seu dinheiro com o suor do rosto de vocês, isso aqui não é vida pra ninguém, aqui é uma escola, se aprende o que é bom, o que é ruim, o caminho que vocês devem tomar, eu enfrento tudo que é bom e o que é ruim, mas vocês devem procurar ser alguém na vida e valorizar o que eu estou dando pra vocês”. Perante a gente ela não tinha vergonha de ser prostituta, porque já encontramos mãe trabalhando, mas eu nunca vi minha mãe se agarrando com homem nenhum. Eu tive um padrasto que ela morou 18 anos, o nome dele era Farailton. Minha mãe ficou pouco tempo fazendo isso, ela passou logo a ser dona da casa.

Cabeluda fez de tudo para dar uma vida diferente da sua aos seus filhos. A oportunidade de frequentar uma escola foi tirada da sua infância e adolescência pelos seus pais, mas na educação dada a seus filhos, a prioridade foi garantir o acesso a escolarização, não os privando do direito de estudar. Porém o esforço de Cabeluda em construir novos caminhos para seus filhos, não conteve o preconceito social e institucional pelo qual sofreu a própria Natalícia, que através de suas memórias, desabafou:

Eu lembro quando estudava na Paroquial e estava fazendo a catequese pra fazer a primeira comunhão, aí a irmã da Sacramentina me falou que eu tinha que ir pra missa a noite, aí eu fui, eu tinha uma colega chamada Gracinha, colega de sala, eu encontrei ela na igreja, ficamos sentadas juntas, quando acabou a missa ela me chamou pra dar uma volta, eu disse que não ia, ela insistiu aí eu disse vamos. Nós descemos, subimos ali a Rua da Matriz, passou pelo jardim da praça Dr. Milton, quando a gente chegou ali na porta da Gotchal, a mãe dela já vinha e perguntou: “Gracinha você vai pra onde? Já não disse que não quero ver você com a filha da prostituta”? Aí eu recuei, Gracinha me abraçou e disse: “Não fique assim não Natalícia”. Eu disse: eu vou pra casa...desse dia em diante eu não quis mais conta com ela”. Até hoje eu guardo a mágoa da professora Marta<sup>101</sup>. Eu estava na Paroquial também, todo dia mãe dizia assim: “Oh minha filha como é perto, três horas você vem merendar”. Aí eu disse tá bom. Um dia eu fui merendar aí Gracinha perguntou: Vai pra onde? Eu disse: Vou pra casa merendar. Ela disse: Eu vou também! Chegando lá, minha mãe deu bolacha, bolo, guaraná. Quando a gente voltou todo mundo já estava na sala, sentei na cadeira, aí a professora Marta perguntou bem assim: “você estava a onde Gracinha”? Ela respondeu: “Eu fui merendar com Natalícia”. A professora falou: “Oh deixa eu ti dizer, não vá para aquele lugar ali não, ali é lugar de gente ruim, só cabe ela mesmo”. Quando ela disse isso, eu abaixei a cabeça e as lágrimas desceram. Quando a diretora viu eu chorando, eu contei o que a professora tinha falado, a diretora disse que ia passar essa situação a padre Fernando, Marta ficou atordoada e disse: “não é por causa de você não”. Aí a diretora me tirou da sala de aula, padre Fernando mandou me chamar. Eu contei a ele, em seguida mandou chamar a professora Marta”. Desse dia em diante nunca mais perdoei ela. Mas olha como a vida dá mil e uma volta, por isso que eu acredito no espiritismo, eu não sabia quem era a família de Marta, aí eu fui estudar no Estadual, aí tinha aqueles meninos que eram “filhos de papai”, tinha Anselmo, Dinjonson que era dono da Inspiração, Robertinho que parece que era filho do prefeito de Muritiba ou de São Félix, eu só sei que esses meninos faziam horrores. Quando eu fui morar no Capoeiruçu, aí eu disse assim: Aquele é Mauro<sup>102</sup>!. O rapaz disse: “É sim”. Mauro, sobrinho de Marta, era um traficante, já foi preso e tudo, aí eu fico pensando na época em que ela falava que minha mãe era isso e aquilo. Teve uma coisa que aconteceu quando era 8ª série à noite com o professor Eduardo<sup>103</sup>, eu lembro que o professor estava revoltado na sala de aula com uma menina que estava mal vestida na sala, parece que estava com a roupa muito curta, não lembro direito, só sei que ele se virou e disse: “As mundanas da minha Terra se vestem melhor do que as moças da sociedade”. Aí todo mundo olhou pra mim, eu baixei a cabeça, como se a criminosa fosse eu. Eu não esqueço isso do professor Eduardo. Eu tive uma professora da 4ª série que só me botou pra cima, se chama Ceinha, esposa de Massau (apelido - Massa Bruta), era na escola onde é o Tiro de

---

<sup>101</sup> Por uma questão de preservar a identidade da professora, optei em colocar um nome fictício.

<sup>102</sup> Nome fictício.

<sup>103</sup> Com o intuito de preservar a identidade do professor, optei em colocar um nome fictício.

Guerra hoje. Tinha um menino chamado Edgar, não sei qual foi a brincadeira que fez e eu respondi a ele, só sei que ele falou assim comigo: “Ah, deixe de conversa, sua mãe está lá no brega esperando um e outro pra ficar”. Aí eu comecei a chorar. Ceinha ouviu aquilo e disse: “Não chore não, porque sua mãe faz e todo mundo sabe o que faz, mas sua mãe não escondeu homem nenhum debaixo da cama quando seu pai chegou”. Aí Edgar ficou sem graça e nunca mais Edgar mexeu comigo. Ceinha me disse que tinha sido criada ali, que a mãe dela se chama Lurdes e o pai Domingão Charéu. Outro preconceito que passei da sociedade foi quando eu namorava com Paulo da família Vale Ouro, fui noiva dele, mas a família não aceitou o casamento porque eu era filha de uma prostituta. Namorei com Edson filho da professora Ilda, só que ela também não aceitou.

O depoimento de Natalícia foi tão significativo e revelador que fiz questão de colocá-lo na íntegra, pois está inserido num contexto bastante íntimo e peculiar. Ao narrar esses acontecimentos, pude perceber a expressão facial e o olhar de Natalícia, era uma feição de tristeza, mágoa, ressentimento, um olhar que se conteve a chorar. Um desabafo que traduz a moralidade de uma época, definidor do comportamento feminino esperado e aceito socialmente. Este tipo de pensamento, ainda persiste na sociedade nos dias atuais, ainda existem aqueles que são considerados uma espécie de “inquisidores da contemporaneidade”, que não podendo mais lançar as mulheres na fogueira, apedrejar os “hereges” e condenar as condutas “imorais”, utilizam o dom da palavra para menosprezar o indivíduo ou grupo social. O seu relato evidencia que para muitos ela era considerada uma ameaça a “moral” e “bons costumes”, não era digna de ser uma “boa companhia”, muito menos a mulher ideal para casar, ser mãe de família. Esse é o retrato do que é ser vítima do preconceito.

Outras questões também apareceram na narrativa de Natalícia, situações que enfatizam experiências compartilhadas no brega, relações de intimidades e conflitos. Eis o olhar de Natalícia sobre as mulheres que se prostituem na casa de sua mãe e como é a sua forma de administrar o recinto, quando era necessário:

Muitas estão ali para sustentar suas famílias, ou vêm de um relacionamento desgraçado, de um estupro, outras são trabalhadoras da roça, enfim, se lascam ali dentro, viajam e depois, muita das vezes é pra sustentar um homem. Ali é de se lascar, as mulheres ficam com todo e qualquer tipo de homem, educados, sensatos, cheirosos, suados, mal educados. Teve uma vez que minha mãe

caiu doente, eu tive que tomar conta da casa pra ela, toda vez que ela fica doente sou eu que assumo. Na segunda vez que eu tinha assumido a casa, tinha uma menina chamada Raimunda, aí ela foi pro quarto com um homem, não demorou muito vem a briga, a confusão, aí eu disse: Meus Deus o que é isso? Ela disse: “Eu vou chamar a polícia”. Eu falei: Raimunda, vamos conversar aqui, vamos ver o que aconteceu. Aí ela disse assim: “Ora, ele não quer pagar meu dinheiro”. Eu perguntei a ela por que ele não queria pagar o dinheiro. Minha mãe adoentada se levantou e disse: É o que Raimunda? Eu disse a mãe pra ir se deitar que eu iria resolver. Perguntei novamente o que foi que aconteceu a Raimunda, ela respondeu: “Eu fui pro quarto com ele e ele queria o que não devia, queria fazer sexo anal. Eu perguntei ao cliente o que havia acontecido, o rapaz ficou todo sem graça e disse a ele: Raimunda disse que você queria sexo anal com ela. Ele disse: “Pelo amor de Deus senhora, isso é mentira, eu fui pro quarto com Raimunda, abracei ela, beijei, ela não gostou e disse que queria logo o sexo e que não estava ali pra fazer romance”. “Como minha senhora eu vou pro quarto com uma mulher? Ela é um bicho? Um vaso sanitário?” Depois da conversa que tive com o rapaz, fui novamente falar com ela e pedi que ela ficasse calma, que o rapaz contou outra versão. Ela retada disse: “Ora, vem pra cá pra fazer linha de romance, eu não aceitei, eu quero meu dinheiro, senão vou chamar a polícia”. O rapaz disse: “Deixa ela chamar a polícia porque eu sou tenente aqui e em qualquer canto e a polícia militar da Bahia e só polícia na Bahia”. E Raimunda gritando quero meu dinheiro, toda escandalosa, parecendo que era aquela mulher de porta de esquina, beira de pista. Aí eu já chateada com o comportamento de Raimunda disse a ela: Olha Raimunda quando Deus dá o saco de farinha o diabo rasga e Nossa Senhora costura, deixa isso pra lá, outra hora você consegue.

Natalícia fala sobre as regras que Cabeluda impõe em sua casa:

Sim, demais. Quando dá 18h00min horas minha mãe não aceita nenhum homem entrar sem camisa, não aceita a mulher fazer certas coisas no salão, por exemplo, antes tinha uma luz negra que mãe acendia no salão, agora não tem mais porque mãe ficou com medo desse negócio de mata-mata, alguém entrar lá e atirar. É uma luz que a roupa fica bonita, a mulher fica bonita, é uma luz parecendo lilás, algumas discotecas têm. Mãe não aceita que as mulheres fiquem se agarrando com os homens no salão, o que tiver de ser feito tem que ser no quarto. Teve um dia que uma mulher tirou o peito para o homem chupar, quando a luz acendeu mãe gritou: “Você é alguma vaca da Alimba minha irmã? Não existe o quarto não?”. Ali no salão é só pra beber a cerveja, nada de ficar passando a mão em ninguém.

Cabeluda foi convidada a receber o título de cidadã Cachoeirana quando o prefeito era Raimundo Leite, mas ela não quis receber, pois não sabia discursar e já se sentia Cachoeirana independente do título, disse Natalícia. Sobre a perseguição que Cabeluda sofreu por parte do Delegado Laurindo afirmou:

Na época do Delegado Laurindo, mãe sofreu muito, foi uma polêmica com ela, ele não deixava ela em paz, queria fechar a casa de qualquer jeito, o prefeito Tato que não deixou, defendeu ela e disse que não vai demorar dela ser tombada como patrimônio de Cachoeira.

Para Natalícia, a permanência de Cabeluda no brega está relacionada com o sustento que dar à sua família e também porque “ela sempre andou na linha com a polícia, ela não gosta de droga, se a mulher começar a usar droga, se envolver com vagabundo ela manda embora”.

Nas narrativas sobre Cabeluda, a palavra trabalho e o sustento da família aparecem com muita frequência, por isso resolvi perguntar a Natalícia se Cabeluda tinha outras formas de lazer fora do brega, ela respondeu:

Às vezes ela vai ver o neto em Candeias, vem aqui em casa ou então vai ver a mulher de Weliton. Hoje em dia ela não sai muito, fica mais em casa, trabalhando, mas quando ela era nova saía muito, adorava um embalo d’Ajuda, bebia e fumava muito, mas a bebida dela era Whisky e Conhaque. Só que ela não bebia pra ficar quebrando podre na rua não.

Ao final da entrevista, Natalícia fala como é a personalidade de Cabeluda enquanto mãe e mulher:

Uma personalidade muito forte. O que uma pessoa faz com ela, releva a primeira, a segunda, a terceira, mas quando diz basta, é basta mesmo, ela não quer mais conta, mas ela é uma pessoa boa, para os netos ela é tudo, acho que no dia que ela faltar, esses netos vão enlouquecer, é uma mulher que gosta de ajudar as pessoas, trata todo mundo bem, acho que se ela tivesse muito dinheiro, ela ajudava todo mundo, teve uma mulher aqui em Cachoeira que ela ajudava muito, depois que essa mulher se aposentou ficou de mal com mãe. Como mãe, é muito rigorosa, eu apanho, Weliton apanha, Jurema apanha, Nanoso apanha, se ela achar que está errada, parte pra cima, diz desaforo. Teve uma vez que Weliton respondeu a ela mal dizendo: “A vida é minha eu faço o que eu quero”. Minha mãe deu um murro em Weliton, ele se bateu comigo, caiu no chão e eu caí junto, abriu o supercílio.

Uma mãe caridosa e valente, mulher de batalha, com punhos de aço, que com muito trabalho garantiu a sobrevivência de todos que dependiam dela. Uma trajetória que merece o seu lugar na história.

#### 4.3.6 Dona Margarida

Dona Margarida<sup>104</sup> é uma senhora simpática e bastante comunicativa, cheia de vida. Aos 69 anos demonstra sabedoria das experiências vividas durante a sua trajetória individual. Atualmente moradora da Rua 7 de setembro localizada na cidade da Cachoeira, foi protagonista e espectadora da rede de prostituição implementada nesta cidade. Oriunda da cidade de Rui Barbosa, não conheceu o pai, pois quando nasceu ele já havia falecido. Sua mãe a entregou ainda pequena a uma família para ser criada e educada. Na convivência com esta família, sofreu assédio sexual por parte do padrasto, resolvendo sair dessa situação, tentou voltar para a sua antiga família. Neste percurso, aos 12 anos de idade, uma de suas irmãs a coloca num “esquema” com um senhor chamado Humberto. Margarida é levada a uma casa e sem saber de nada é estuprada por este senhor.

Este fato a deixou muito triste, arrasada. Ainda jovem Margarida constrói uma amizade com umas colegas da cidade onde morava e juntas pegam estrada rumo à Cachoeira. Nesta cidade Margarida começou a fazer parte do sistema de prostituição, alugando quartos para meninas receberem seus clientes, logo mais se torna dona de um restaurante próximo à sua casa. A própria afirmou que já utilizou de vários meios para sobreviver, mas que nunca foi prostituta. Desta época, detêm na memória, lembranças de um período de fluxo intenso de casas de prostituição e narra situações que ela mesma vivenciou. “Aqui nunca foi um brega totalmente, existiam algumas casas que eram o lugar para receber os clientes, ganhar a vida<sup>105</sup> e, existiam casas de família também, e mulheres que armavam seu tabuleiro”.

---

<sup>104</sup> Entrevista realizada no dia 07 de Janeiro de 2015. Dona Margarida (fictício) não permitiu gravar a entrevista, logo, fui fazendo anotações no meu diário de campo.

<sup>105</sup> O termo ganhar a vida é muito utilizado por essas mulheres que fizeram parte do sistema de prostituição. “As ganhadeiras” era o nome de referência dessas mulheres.

Outro fato importante narrado por Margarida refere-se a uma antiga prostituta chamada Meru, hoje falecida. Esta chegou à casa de Margarida e contou-lhe uma experiência, já na velhice, vivenciada no momento da missa realizada na Igreja da Matriz pelo Padre da cidade. Durante a missa, o padre no seu sermão condena as prostitutas, indignada com aquela situação, ficou um bom tempo sem ir à missa. Só retornou por causa da insistência das amigas.

Meru relatou para Margarida o que sentiu no momento do sermão do padre, “sentir a dor de todas as prostitutas”. Margarida expressa uma sensibilidade referente à situação em que se encontra as prostitutas atualmente e em tempos remotos, em se tratando dos direitos e conquistas na esfera jurídica e social dessas mulheres. Ela afirma que a Lei Maria da Penha não é suficiente para atender as necessidades femininas e todas as suas especificidades. O seu sonho é que existisse um lugar de proteção e amparo só para as profissionais do sexo. Uma lei que garantissem todos os seus direitos.

Das experiências narradas por Margarida, podemos compreender os anseios e angústias que fazem parte do ônus da prostituição. As mulheres que conviveram com a rotina do brega e os “prazeres da noite” possuem um olhar humanizado sobre as meretrizes, porque dividiam com elas as suas aflições, segredos e vontades.

#### **4.3.7 Dona Jacira**

Dona Jacira<sup>106</sup> é uma senhora de 67 anos, nascida em 1949, moradora da Travessa Tavares desde a sua juventude, nasceu na cidade de Rui Barbosa, a mesma contou-me que veio junto com o marido para Cachoeira, mas que foi abandonada por ele ainda muito nova. Jacira narra informações interessantes sobre a rede de prostituição em Cachoeira, fala com certa propriedade sobre aspectos da vida cotidiana das mulheres do brega e revela detalhes que somente em sua narrativa foi encontrada.

---

<sup>106</sup> Entrevista realizada no dia 03 de março de 2017. Jacira é um nome fictício, pois a mesma não autorizou revelar seu verdadeiro nome. Por conterrâneos da cidade, soube que ela também já foi prostituta na Travessa Tavares, mas, em nenhum momento foi confirmado por ela.

A fala de Jacira produziu um discurso não apenas como observadora do ambiente, mas como um sujeito integrante da rede de prostituição, expressada através de uma familiaridade com as vivências do brega, relatando situações particulares e rotineiras do local. Neste sentido, pedi que me contasse sobre as experiências vivenciadas por ela e compartilhadas com as pessoas que moravam na Travessa Tavares, principalmente experiências vinculadas à dinâmica da prostituição.

Jacira conta que as mulheres que “ganhavam a vida” com a prostituição foram embora. Todas as casas da rua eram alugadas por mulheres que comercializavam o sexo, os proprietários eram em sua maioria homens da cidade, afirmou:

Seu João Casais era proprietário de algumas casas no beco Tavares, ele alugava as casas para as mulheres, quando ele veio a falecer, o seu filho Josílio disse que não ia mais alugar a casa para mulheres do brega, porque as mulheres não pagavam, não pagavam o aluguel para ele. Agora que essa rua tá movimentada, mesmo com esse mulherio aí. As mulheres funcionavam os negócios delas de noite, de dia. Tinha também a casa de Vermelho que fica do outro lado. Ele vendeu a Sérgio a casa. Mataram Vermelho na roça, na banca de jogo. Na verdade a casa não era de Vermelho, era de Cessa, a mulher dele, ela comprou a casa na mão de finado Carlito Muquibão, ele era dono do hotel Colombo. Carlito comprou a casa na mão de finada Rosinha, que comprou na mão de Isaura, a primeira dona. Cessa foi embora e largou ele com os filhos. Quando Vermelho morreu, Cessa veio e vendeu a casa a Sérgio pastor. Sérgio transformou tudo em quitinete. Quem tirou Cessa do brega foi Vermelho, mas ele continuou com a casa de brega”. Os filhos de Cessa com Vermelho se chamam: Nanoso, Binho, que hoje é pastor em São Paulo, Patrícia, Jandaíra, teve um bocado. Hoje os filhos tá tudo lá com a mãe e a metade em São Paulo. Cessa mora em Sergipe, quando a mãe dela caiu doente, morreu, ela foi embora cuidar da mãe, ficou com a casa, Cessa é viva até hoje.

Jacira apresenta um histórico dos antigos proprietários das casas de prostituição na Travessa Tavares, local em que foi o lugar mais próspero no ramo, em seguida a Rua 07 de setembro. Muitas informações se repetem sobre personagens que aparecem na trama, mas que não deixa de carregar a subjetividade daqueles que compõem a narrativa. Cada relato está entrelaçado em pontos de divergências e convergências de um mesmo tecido social.

No caso de Jacira, outra Cabeluda é representada de maneira substantiva. Em todos os outros relatos, a Cabeluda, generosa, cuidadosa, amiga e respeitável

forma um conjunto de sentidos saturados sobre a construção do seu próprio enredo subjetivado através de releituras individuais e coletivas. Grande parte das leituras que fazemos de sujeitos histórico-situados são reflexos da interatividade que mantemos uns com os outros. Sobre Cabeluda, Jacira enfatiza as suas impressões e sentidos:

Pois bem, Cabeluda morava nessa casa verde aí. Ela que fazia muita zoadada aí, de radiola, som. Eu conheci ela sempre sendo dona de casa, antes dela ser dona de casa, ela vivia naquele sobrado da esquina ali, morava em baixo. Ela tomou os meninos de Cessa pra criar, tomava conta uns dois dias e depois já queria se apossar dos meninos. Ela tem esses meninos tudo aí, Natalícia, Nanoso, Weliton, Jurema, tudo ela criou, mas tudo ela que tomava. Desde quando ela tem duas filhas, ela ficou doente, não tinha documento, não tinha endereço, não tinha nada, a filha de criação de Cabeluda, Natalícia, fez uma busca na cidade que ela morava. A filha veio buscar ela aí, ela que não quis ir. Cabeluda tem filha, cria os filhos dos outros e deu os dela. Ela tomava a pulso. Aqui tem uns dois que ela devolveu, disse que a mãe ia dar uma queixa dela, ai ela devolveu. Lembro o nome de um, filho da finada Creuza, Sinho. Pra tomar os filhos que Cabeluda pega pra criar tem que colocar na justiça, senão ela não devolve. A mãe de Weliton que foi prostituta, mesmo, quando teve ele, teve problemas no parto, ficou em coma, então ela pegou lá pra criar. Quando a mãe ficou boa, ela não quis mais devolver o menino. A mãe dele mora no Caquende. A finada Creuza também foi assim, como ela ficou doente, Cabeluda ficou com Sinho e não quis mais devolver.

A maternidade construída por Cabeluda no discurso de Jacira foi exercida de forma autoritária, uma espécie de “mandonismo” materno, na tentativa de construir vínculos familiares. Novamente a questão da maternidade de Natalícia ganha outro sentido quando Jacira afirmou:

Natalícia não é filha de sangue dela. Natalícia é filha do finado Alemão com uma mulher do brega que se chamava Ripe. A mulher do brega foi embora e largou a filha aí. Cabeluda deu tudo do bom e do melhor para Natalícia. Ela estudou nas melhores escolas daqui de Cachoeira. Ela só não teve a sorte de casar nenhuma dessas filhas que ela criou.

Jacira relembra como era o cotidiano do brega no tempo da sua juventude: “Antigamente aqui era um silêncio, agora é uma zoadeira danada, toda hora passa carro, e antes os carros não passavam aqui, só algumas pessoas que iam pro jogo, ou vinham ver as mulheres”. As memórias de Jacira estão repletas de detalhes, nota-se a proximidade e intimidade que a mesma detém sobre o local, e num momento de nostalgia foi possível revisitar os hábitos e costumes do brega através do seu imaginário. Era como se as coisas estivessem acontecendo na nossa frente, no fechar dos olhos, usando a imaginação para compor o cenário de representação da fala:

Mulher de brega tem outras coisas que muitas pelas ruas, moças de família não têm. A mulher de brega não persegue tanto assim, elas estão lá, mas não ficam chamando homem de ninguém pra lá não, eles vão porque querem. Tinha mulheres que vinham buscar seus maridos dentro do brega, eu acho elas erradas, tinha mulheres que batiam na cara deles e xingavam as mulheres do brega. Isso acontecia na casa de Cabeluda. Ela era muito procurada e a fama dela corria a região inteira, mesmo se o homem não estivesse na casa de Cabeluda, elas diziam que estavam. Existiam meninos que faziam serviços para as mulheres do brega, era Carlinho, Toinho, Zé Mole e o finado Valnei. As mulheres do brega naquela época não saiam muito de dentro de casa, não iam pra rua, porque elas tinham medo das esposas dos maridos que frequentavam as casas delas. As esposas ficavam atocaiando na esquina, quando saiam, xingavam as mulheres do brega, porque elas saiam com seus maridos. Elas viviam presa aqui em baixo, saiam, tinham liberdade, mas pra evitar, as mulheres do brega mandavam os meninos comprar coisas pra ela, ir na feira, no mercado, na padaria, eram vários serviços. Hoje se alguém for ali tirar satisfação com a mulher do brega, ela vai aos tapas, a mulher do brega mete a desgrama nela. Mas antigamente era assim, as mulheres do brega corriam das madames dos homens, era finado Dr. Carlos, finado Dr. Antônio, Dr. José Pereira, tudo isso era doutor, médico, teve Dr. José Ranuco também. Esse Dr. José Ranuco tirou uma menina daqui do brega, filha de uma menina que era drogada, tomou pra criar, essa menina ainda está viva. Dr. José Ranuco morreu, mas a menina quem cria é a mãe, a mulher de Dr. Ranuco, criou como filha.

A vida privada das mulheres do brega e os serviços que eram prestados a elas evidenciam a rede de sobrevivência e funcionamento da prostituição, que está além do comércio do sexo. Luxo e fartura na mesa também faziam parte do jogo da sedução, relatou Jacira:

Se a mulher do brega tivesse um caso com um açougueiro, a mulher ia lá e pedia pros meninos ir buscar a carne da semana. O que elas quisessem comer elas mandavam buscar, Zé Mole e Toinho fazia muito isso. O dono do açougue já sabia que foi a amante dele do brega que mandou buscar. Cada dia era uma coisa, os homens sustentavam elas, os homens de bem. Um dia era carne, o outro dia era galinha, bacalhau, peixe, o que elas quisessem comer. Mulher do brega não congelava comida não, comia comida do dia. Mulher do brega vivia cheia de joias, cheia de mordomias, só vivia de salto. Aqui antigamente, não sei se ele já morreu, seu Zeca do Coco, morava lá do lado do Tororó, ele vinha doze horas da noite, trazendo coco seco, coco verde, batata, abóbora, manga, goiaba, cana, tudo que a mulher quisesse, ele chegava com dois jegues carregados, esse homem só saía de lá de manhã e levava os caçoar puro. Ele levava dinheiro no bolso e pagava tudo para as mulheres. E tinha homem casado que dormia com a mulher do brega, aí quando chegava em casa aí é que elas tomavam raiva das mulheres do brega, por isso, só sei que no outro dia elas sabiam, não sei como, mas sabiam que seu marido tinha dormido no brega e olha que a cidade tinha poucos habitantes, hoje Cachoeira aumentou muito de população.

Jacira disse que as mulheres do brega tinham domínio sobre alguns homens. Quando perguntei se Cabeluda quando jovem atraía a atenção dos homens, Jacira respondeu: “Ela sempre foi assim, com esse mesmo corpo, sempre dura pra caminhar, toda machão, o povo pensava que ela era sapatão, porque ela tinha bigode, e até hoje ela ainda tem, por isso que ela se chama Cabeluda”. Sobre os amores de Cabeluda, ela disse:

Ela era muito procurada como mulher de brega, dona de brega, mas já deu boa vida a muitos homens. Fará era homem dela. Era, e é a paixão da vida dela, depois ela mudou pra aquele da oficina ali, que bebe, que é irmão de Jorge de Belinha, um altão. Fará que não quis mais ela. Cabeluda fazia feitiço adoidado pra Fará, ela morava ali de baixo do sobrado, e ainda fazia vida, depois dali que ela largou Fará, que o colchão dela pegou fogo, e quem deu foi o irmão do finado Betinho Ali, que morava ali no pé da ladeira. Aí ela fazia macumba pra Fará. Um dia, o irmão do finado Betinho Ali, que já é falecido também, deu o colchão a ela, que ela não tinha uma cama pra dormir, logo quando ela chegou aqui.

Aspectos da vida religiosa de Cabeluda também faz parte do imaginário de Jacira, que descreve sua versão dos fatos:

Tudo dela é na macumba, ela queima qualquer casa lá em baixo, a vizinha que tiver mais movimento que a dela, ela queima outra para o movimento vim pra casa dela, uma feiticeira da desgrama. Ela não tem pai de Santo certo, uma vez ela fez uma macumba na Lagoa Encantada com um pai de Santo lá, aí só o sangue e as outras coisas tirou pra dar ao escravo lá. O Pai de Santo mandou entregar a galinha a ela, abatida, só aproveitou outras coisas pra dar para os escravos, chegou lá, a mulher errou onde era a casa, e acabou batendo aqui na minha casa. Como eu conheço a mulher, fui lá e abri a porta, aí a mulher disse: Oh Jacira é tu que mora aqui? Não é Cabeluda não? Eu disse: O que é que tem Cabeluda Maria? Aí Maria disse: é que o pai de Santo da Lagoa Encantada fez a macumba lá pra Cabeluda, que ela mandou fazer pra ter movimento na casa dela e chegar mulher na casa dela, então o pai de Santo filho da finada Baratinha mandou a receita pra ela aqui, tem essas galinhas aqui que Cabeluda comprou, é pra ela tratar e botar pra cozinhar pra todo mundo comer, as mulheres. Isso ela fez pra chegar mais mulheres. Eu disse a Maria que Cabeluda não morava mais aqui, morava lá embaixo, aí ela foi e entregou a ela. Tem dia que Cabeluda se reta e no dia que as mulheres não se interessam pra beber, ela não dar comida, é assim.

Macumbeira e feiticeira são as palavras que dão sentido às visões de Jacira sobre Cabeluda:

A história de Cabeluda até onde eu sei, eu sei toda, eu conto toda. Aí sim, como ela fez a feitiçaria debaixo do colchão, que foi dado a ela pelo irmão do finado Betinho Ali, o colchão pegou fogo, como ela tinha feito macumba pra Fará, quase pegava fogo no sobrado também, porque o forro era de tábua. O povo dizia... apaga, apaga, apaga. Aí foram perguntar: O que foi isso Cabeluda? Não era surpresa pra ninguém, todo mundo viu a vela embaixo da cama. Depois que ela largou Fará, ela não teve mais homem não, aliás, teve um aí, mas o homem só quis usufruir do dinheiro dela, assim como todos. O irmão de Jorge de Belinha só queria tomar a cachaça dela e chegava bêbado.

Jacira também fala sobre o Point das Morenas e os antigos proprietários:

Ali era do finado Domingão. Ele morreu e ficou pros filhos dele, Regis e Agnaldo. As casas aqui foram vendendo e famílias foram morando. Quem primeiro comprou uma casa de brega lá embaixo, foi o advogado Lilito, dali Lilito comprou e acabou todo mundo vindo comprar também, depois Lilito vendeu e outra pessoa comprou, só sobrou Cabeluda ali, se ela sair dali e o point das morenas os donos desapropriar acaba tudo, aí só vai ficar família, na realidade já vivem muitas famílias aqui.

Ainda sobre Cabeluda, enfatiza a relação que a mesma mantém com as prostitutas que frequentam a sua casa, relatando a imposição e os acordos mantidos entre elas, afirmando que:

Mulher da casa dos outros podem ir beber na sua casa, mas as mulheres de sua casa não podem ir beber na casa de ninguém. Ali a mulher tem que pedi bebidas, Whisky, Conhaque, cerveja, e têm vezes que a mulher que não pode beber, chega na mesa, pede um Conhaque a um homem, o homem dar, só que ali Cabeluda já tem preparado uma garrafa de suco, pro homem pensar que é Conhaque, aí ele pensa que a mulher tá bebendo Conhaque, ali vai muitas doses, aí o homem pensa, ué essa mulher não embebedada não?

Por fim, Jacira formula uma síntese pessoal sobre as vivências de mulheres que se prostituíram no brega:

Foi uma vida muito sofrida, mas também muito amada, cheia de confortos. Hoje em dia as mulheres do brega não têm gosto nem por elas mesmo. Mas as mulheres do brega antigamente viviam de calça ou vestido, esses shortinhos metidos na bunda aqui, não existia. Elas viviam cobertas de joias, viviam do bom e do melhor, as unhas grandes, sempre bem arrumadas, com pulseiras no braço que se chamava escravo antigamente, que abre duas bandas. Hoje em dia não se ver mais aquilo.

As vidas das mulheres apresentadas acima foram marcadas pela prostituição, umas de forma mais intensa, outras nem tanto, porém cada uma possui seu modo de ser e agir no mundo, suas lembranças apesar de individuais se cruzam no tempo e no espaço, dando forma e consistência a uma memória múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. (HALBWACHS, 2006)

Como a trama da história gira em torno de Cabeluda, diante das narrativas de Josefa, Cristina, Margarida, Natalícia, Jacira, foi possível conhecer um pouco mais sobre a trajetória de Cabeluda, versões e visões sobre ela foram apresentadas num jogo de significados temporal, que nos remete a pensar no processo de construção das subjetividades dessas mulheres ao responderem sobre espaços e histórias subjetivas vivenciadas por elas. Além do mais, conhecer sobre aspectos da trajetória dessas mulheres, seus enredos, sugere refletir sobre as problemáticas que fizeram parte de suas tramas, tendo como pano de fundo a prostituição da cidade.

Trata-se de perceber, os diferentes modos de subjetivação e de sujeito, entendendo-as não como meros polos opostos, mas que se confluem e se alternam o tempo todo em meio aos modos de constituição de si mesmas. Cada uma tem um modo peculiar de narrar a sua própria existência, e por mais que existam divergências e confluências de saberes, o que importa é saber como a “maneira de viver” influencia no valor moral que atribuímos às condutas alheias. Sobre o conceito de subjetivação, Foucault, numa entrevista de 1984, intitulada “O retorno da moral”, destaca:

Eu chamaria de subjetivação o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si. (FOUCAULT, 2010).

Falar de subjetividades no devir da memória é uma forma de compreender as contradições, os sabores e dissabores da existência humana, e refletir sobre a grandeza de suas incongruências e ambiguidades, pois o processo de produção de subjetividade não acontece de forma contínua e homogênea, mas por meio de momentos de rupturas, contradições e ondulações que compõem as trajetórias individuais.

Pierre Nora (1993) num debate entre história e memória concebe a memória com um fenômeno sempre atual que sobrevive do diálogo permanente entre presente e passado, “que se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1993, p. 9). A concepção do autor sobre memória, sem dúvida, suscita vários questionamentos. O fato de está em permanente transformação, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, a memória, está vulnerável a usos de manipulações e problemáticas.

Portanto, percorrer os caminhos do imaginário social, permitiu transcender ao convencional e a inerte do pensamento sobre a história da prostituição em Cachoeira, uma viagem no tempo através da memória. Cabeluda como bússola dessa embarcação, direcionou a minha chegada em vários portos, possibilitando estabelecer conexões dialógicas e simbólicas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: EMPODERAMENTO E PATRIARCADO NA DANÇA DAS CADEIRAS.

O poder é essencialmente repressivo. O poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe. (FOUCAULT, 2012, p. 175).

Ciente de que a história da humanidade foi escrita a partir de um viés machista, assim como a história encontra espaço para todos os indivíduos e grupos sociais, Cabeluda, mulher integrante da história local e pertencente a um grupo social culturalmente discriminado, também tem o seu lugar na história. Um lugar não apenas reservado ao papel de prostituta, mas, principalmente à sua condição feminina, sua trama enquanto indivíduo, particularidades do seu entorno social, e na qualidade de Mulher produziu ressonâncias no território de poder constituído no brega e no imaginário da sociedade Cachoeirana.

A condição social de Cabeluda e o papel de prostituta a inseri num grupo de saberes considerados “inferiores” nas relações de poder hierarquicamente constituídas. No entanto, a trajetória de Cabeluda, trata-se da insurreição de um saber dito “inferior” contra os efeitos de poderes centralizadores ligados à instituição e funcionamento de um discurso científico organizado no seio da sociedade.

Por conta da disseminação da “verdade” dos saberes “eruditos” frente aos saberes “desqualificados”, a dominação masculina prevaleceu sobre os corpos femininos, condutas e ideais. Mulheres ao longo da história foram silenciadas, queimadas na fogueira, apedrejadas, condenadas, violentadas, assediadas, estupradas, enfim, condicionadas a uma “subespécie humana”, sem direito de exercer a própria cidadania. Hoje a maior parte dessas práticas ainda recai sobre as mulheres, mesmo diante das conquistas políticas e sociais adquiridas. Portanto, nada mais satisfatório do que dar sentido a voz de uma mulher, percebê-la de forma substantiva e subjetiva.

A prática da prostituição apesar de ser muito antiga, sempre foi alvo de preconceitos e marginalização tendo em vista o tipo ideal de mulher preconizada pela sociedade, e neste caso, o estado brasileiro enquanto aparelho burocrático e

político, juntamente com determinados setores da sociedade colocaram-se como instrumento de repressão e controle dos corpos femininos e masculinos.

Vale lembrar que o fundador da Antropologia Criminal, o italiano Cesare Lombroso, contribuiu para a disseminação de antigos estereótipos e estigmas projetados sobre a figura da prostituta. A mulher neste contexto sofria represálias e punições a partir da sua distinção sexual. O trato com a sexualidade estava restrito a uma concepção moralista e cristã, e a sociedade brasileira dentro do seu processo formativo, concebia o sexo como tabu.

Atualmente a questão da sexualidade ganhou novas formas de autonomia e liberdade, apesar de ainda permanecer nos quadros mentais de determinados grupos e indivíduos, um pensamento conservador e tradicional em se tratando deste aspecto. As leis que antes puniam mulheres por conta de regras e condutas sociais legitimando a própria violência psíquica e física dessas mulheres, hoje as protegem contra esses antigos valores morais. Isso indica que houve conquistas significativas no campo jurídico e político a favor do empoderamento feminino, porém existem lutas diárias que são travadas no cotidiano das relações públicas e privadas, lutas estas, reguladas pelo poder hierárquico do patriarcado.

O conceito de empoderamento surgiu da “práxis” para a “teoria”, sendo primeiro utilizado por ativistas feministas e por movimentos de base, para depois se tornar objeto de teorização (AITHAL, 1999 **apud** SARDENBERG, 2006, p. 1).

Apesar de existir divergências teóricas e metodológicas sobre o conceito de empoderamento nas perspectivas de agências políticas e nos movimentos feministas que não cabe o debate neste espaço, busco compreender tal conceito como processo de autonomia e construção da autodeterminação de mulheres que de forma prática e consciente buscam liberta-se da opressão de gênero e do patriarcalismo. Essas ideias fazem parte de um princípio base do conceito de empoderamento, mas pode ser internalizado e expressado no seu cotidiano de forma diferenciada, dependendo do contexto vivenciado pelas mulheres, seu processo de conscientização, estratégias e escolhas, levando em conta, sobretudo, seu caráter individual e coletivo, contínuo e descontínuo.

Cabeluda durante a sua trajetória de vida pôde num dado momento assumir o controle de sua própria vida, tomando decisões de peso, saindo de uma condição

desempoderada em relação aos outros e a si mesmo. Mesmo Cabeluda não utilizando a palavra empoderada nas suas ações, percebi através dos nossos diálogos que, ela tem consciência da dominação-exploração vivida quando era agredida pelo marido e pelos pais. Foi a partir daí que os tipos de “poder” foram se alternando no decorrer de sua vida. Primeiro o “poder de dentro”, ganhando autoestima e autoconfiança; depois o “poder para”, através da luta diária pela sobrevivência, definir estratégias e correndo atrás de seus objetivos; em seguida o “poder com”, sendo solidária com amigos, ajudando pessoas, educando filhos, agregando valores sociais.

Sobre Patriarcado compartilho do pensamento de Heleieth Saffioti (2015), quando afirma que a dominação masculina sobre as mulheres é regulada através de um pacto original que surgiu da junção entre o contrato social mais o contrato sexual. A sujeição da mulher e liberdade do homem deriva dessa relação mútua, garantindo e perpetuando na sociedade civil a “lei do direito sexual masculino”. As estruturas de poder do patriarcado e suas relações hierárquicas contaminam não apenas a sociedade civil, mas também o Estado, logo, os direitos e deveres femininos, bem como sua conduta corpórea e sexual são regulados pelo direito patriarcal.

O patriarcalismo não se constitui somente no plano ideológico, mas sim num materialismo dialético, pois o uso da dominação sobre as mulheres invade todos os espaços da sociedade, seja público e privado, possui uma base material e corporifica-se: nas relações de classe e etnia; nas relações sexuais; na divisão do trabalho; nas suas variadas formas de violências.

Antes de existir a “luta de classe” existiu a “luta pelo sexo”. Nas sociedades de caça e coleta, embora não fossem detentoras de mais poder do que os homens, as mulheres eram consideradas como seres poderosos em virtude de sua capacidade de conceber e dar à luz, porém a divisão sexual do trabalho garantiu desde os primórdios da humanidade a dominação-exploração das mulheres:

Todavia, a divisão sexual do trabalho nessas sociedades não se explica pela maior força física do homem, pois existiram sociedades em que mulheres também faziam uso da caça. A hipótese mais convincente para justificar tal divisão está relacionada com o aleitamento obrigatório que era dado ao seu bebê, muitas

mulheres realizaram o seu trabalho com o seu bebê nas costas, a fim de alimentá-lo facilmente toda vez que sentisse fome.

Sobre os elementos constitutivos que englobam a estrutura do poder, os indivíduos são capazes de romper com os sistemas de normas e repressão oriundos deste poder, porém não de forma completa, ou que venha atingir todas as dimensões sociais de identidades e valores, mas em parte, dentro de uma escala processual. A teoria da verdade e seus discursos por terem uma acumulação histórica e circundante, possui uma força soberana tão fortificada, que por mais que grupos e indivíduos compreendam as suas dimensões, objetivos e metas, preferem ser subordinados em prol do reconhecimento social.

A trajetória de Cabeluda é marcada por situações que ora potencializa sua condição feminina de forma empoderada, ora subordinada pelo sistema patriarcal dominante nas relações de gênero. Eu elaborei três fases distintas que englobam momentos de ruptura e continuidades vinculados à sua trama, e analisei como que essas fases se articulam com características de resistência e subordinação feminina.

A primeira fase refere-se a um momento de ruptura e resistência à subordinação, pois este período representa o desejo de não ser o sujeito esperado pela norma. Cabeluda foge de casa, abandonando marido e filhas, momento este em que não se sujeitou a uma vida de maus-tratos e violência; a segunda fase relaciona-se com a sua inserção no mundo da prostituição, garantindo uma liberdade de ser, porém pautada numa autonomia limitada pela sociedade, que não a via com “bons olhos”, sendo estigmatizada e violentada por seus parceiros, neste caso, a violência sobre o seu corpo e sobre o que ela representava fortalecia o pensamento e a prática do poder patriarcal sobre as mulheres.

A terceira fase constitui-se num momento de consagração e reconhecimento social quando Cabeluda se torna cafetina e o seu nome ganha fama. Nesta fase ela constituiu sua família, e inicia-se um processo de resignificação da sua condição feminina perante parte da sociedade, que reconhece seu status de poder como referência no brega da cidade. Processo este, que ocorre até hoje, haja vista que ainda persistem na sociedade visões estereotipadas e preconceituosas sobre casas de prostituição.

Com a liberdade para ser o que quiser ser no mundo, acaba sendo o avesso da mulher “recatada”, “honesta”, “de família”, torna-se prostituta, mas nunca deixou de ser recata, honesta e mulher de família dentro dos seus processos formativos de identidades subjetivas. O seu reconhecimento social andou na contra mão dos saberes ditos “inferiores” e “desqualificados” pelos fundamentos do direito e da verdade, sustentados pela soberania do poder.

Neste sentido, este estudo contribui para a construção de uma nova ótica referente às relações de gênero e desconstrói visões estereotipadas e deterministas no tocante à sexualidade feminina. Considero este trabalho como uma atitude política, pois inseri a concepção de sexo feminino dentro de um caráter histórico e cultural, rejeitando o determinismo biológico nas relações entre homens e mulheres. Conceber a prostituição como fenômeno histórico e cultural é compreender que a prostituta é um produto do meio que produz ressonâncias nos padrões de comportamento.

Atualmente a cidade da Cachoeira vivencia uma prática de prostituição nos moldes do pensamento moderno, no que diz respeito à liberdade sexual e feminina, e no que se remete às estratégias cotidianas da prostituição. Muitas prostitutas, nos dias atuais, atuam de forma independente no que se refere ao uso e abuso do seu próprio corpo, tornando-o este um instrumento de prazer e sobrevivência dentro de um mundo que inspira e transpira elementos da modernidade e do conservadorismo.

Tendo em vista o modelo de prostituição posto na sociedade moderna, Cabeluda pode ser concebida como uma referência na continuidade e permanência de uma das práticas da prostituição mais tradicionais vivenciada na cidade da Cachoeira, haja vista que a atual cafetina possui um imóvel típico dessa atividade, com prostitutas que usam o ambiente para comercializar o corpo.

A condição social da prostituta também se modifica nos quadros mentais da sociedade, o status e o seu sistema valorativo se transformam, as dimensões do seu poder e influência na sociedade também. Esse fato pode ser observado no imaginário social dos entrevistados quando fazem uso de uma análise comparativa entre as prostitutas do passado com as prostitutas de hoje.

No tempo em que Cabeluda estava no auge da sua atividade sexual comercializada, a mesma detinha um poder de barganha no seio da elite e das

autoridades masculinas de Cachoeira, haja vista que o bordel da meretriz era frequentado por indivíduos pertencentes a diversas classes sociais, em que homens dos mais variados segmentos da estirpe cachoeirana se tornaram clientes assíduos do famoso bordel.

O processo de visibilidade das prostitutas nos meios acadêmicos me fez pensar em Cabeluda no campo das representações simbólicas e sociais, tendo em vista as relações de poder que estão vinculados à sua trajetória de vida e aos valores morais-cristãos predominantes na sociedade brasileira e cachoeirana.

Pensar a história local, de forma qualitativa, histórica, etnográfica, inclusiva, através da trajetória de uma cafetina, insere este estudo no processo de visibilidade feminina nos meios acadêmicos no âmbito das representações simbólicas e sociais frente aos valores morais-cristãos predominantes na sociedade brasileira. Por isso, conhecer parte da história e da dinâmica de Cachoeira através do enredo de Cabeluda se tornou tão fecundo. A protagonista é uma mulher importante não apenas na sua trajetória de vida em si, mas também, como símbolo de resistência da forma de prostituição mais antiga da cidade. Sua história de vida configura-se numa colcha de retalhos repleta de mistérios, silêncios e ocultações.

O conceito de prostituição deve ser visto por um olhar enviesado, retorcido, fora do eixo, nada de olhar rígido, fechado e/ou cunhado por tipos ideais. Pensar sobre esse conceito implica uma reflexão mais ampla, que nos remete a questionamentos que perpassam sobre o crivo da condição humana. Logo, até que ponto pode-se definir a prostituição dentro de suas múltiplas relações social?

Vivemos numa sociedade prostituída dentro dos próprios valores morais-cristãos. O casamento juridicamente instituído na sociedade brasileira surgiu com o objetivo primeiro de perpetuação do poder e ascensão social. Um contrato entre famílias, que além de selar um compromisso com a cristandade, ganhavam subterfúgios para a promoção social.

No livro de Engels (1884) “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado” contém uma explicação básica sobre o processo de declínio da estrutura familiar “primitiva” frente ao processo de formação das sociedades “modernas”. Nesta obra, Engels evidencia as feições do casamento burguês, seus sistemas normativos e relações conjugais. O heterismo e a monogamia protestante faziam

parte do jogo das aparências nas relações afetivo-conjugais, e o amor poderia não ser até certo ponto a base do matrimônio e sim os interesses dos arranjos de conveniência da classe burguesa, que interpreta uma felicidade familiar sustentada pela hipocrisia.

A prostituição não está presente apenas em determinados grupos marginalizados, mas também nas variadas relações sociais e econômicas, e as conjugais é apenas uma delas. Ela está presente no desenvolvimento dos valores de troca e nas relações monetárias, caracterizando um tipo de corrupção universal.

O próprio sistema capitalista dentro de suas hierarquias sociais nos impõe uma promiscuidade humana, somos prostitutas e prostituídos na sutileza das relações de poder, no fetiche do consumismo e na luta diária pela sobrevivência.

## FONTES CONSULTADAS

### Fontes Orais:

#### Entrevistas com Cabeluda:

- 24 de novembro de 2009;
- 17 de novembro de 2010;
- 26 de outubro de 2016;
- 27 de outubro de 2016;
- 25 de janeiro de 2017.

#### Entrevistas com prostitutas da casa de Cabeluda:

- Carla, 35 anos (fictício) – 26 de outubro de 2016;
- Jane, 32 anos – 27 de outubro de 2016.

#### Entrevistas com amigos e clientes antigos:

- José Carlos dos Santos, 54 anos – 16 de novembro de 2010;
- Dr. José Luiz Anunciação Bernado, 49 anos – 16 de novembro de 2010;
- Luiz Claudio Dias do Nascimento, 62 anos – 27 de novembro de 2010; 22 de janeiro de 2017.

#### Entrevista com cliente atual:

- Raimundo (fictício), 47 anos, 03 de março de 2017.

#### Entrevistas com antigas prostitutas:

- Joseja, 68 anos, 05 de novembro de 2010;
- Jacira (fictício), 67 anos, 03 de março de 2017;
- Margarida (fictício), 69 anos, 07 de janeiro de 2015.

#### Entrevista com vizinha:

- Cristina, 57 anos, 20 de outubro de 2015.

#### Entrevista com familiares:

- Natalícia, (filha), 48 anos, 25 de janeiro de 2017;

- Jeferson (filho), 32 anos, 2015 e 2016 (sem data precisa); 30 de maio de 2017.

**Fontes oficiais:**

- Ata da Câmara Municipal. Cachoeira, 09 de agosto de 1873. Arquivo Público Municipal da Cachoeira. Documento não catalogado.

- Ata da Câmara Municipal. Cachoeira, 24 de fevereiro de 1881. Arquivo Público Municipal da Cachoeira. Documento não catalogado.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 44-47.

ANDRADE, Vera Regina Pereira de. Da mulher como vítima à mulher como sujeito. In: CAMPOS, Carmen Hein de (Org.) **Criminologia e Feminismo**. Porto Alegre: Sulina, 1999. p.112.

\_\_\_\_\_. Soberania patriarcal: o sistema de justiça criminal no tratamento da violência sexual contra a mulher. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, n. 48. maio/jun., 2004. p. 260-290.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade na Colônia. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

ARAÚJO, Maria Paula; FERNANDES, Tania Maria. O diálogo da história oral com a historiografia contemporânea. In: VISCARDI, Cláudia M. R. **História Oral: teoria, educação e sociedade**. Juíz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

ARISTÓTELES. **Política**. Porto Alegre: Martin Claret, 2004, 272 p.

BACELAR, Jeferson Afonso. **A Família da prostituta**. São Paulo: Ática; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

BARATTA, Alessandro. O paradigma de gênero: da questão criminal à questão humana. In: CAMPOS, Carmen Hein de (Org.). **Criminologia e feminismo**. Porto Alegre: Sulina, 1999. p. 19-80.

\_\_\_\_\_. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal**. Introdução à sociologia do direito penal. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

BARICKMAN, Bert Jude. **Um contraponto baiano: açúcar, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BARROS, José D' Assunção. **O projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (Orgs). **Desafios da Imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais. Campinas: Papyrus, 1998, p. 200.

BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: NAXARA, Márcia; BRESCIANI, Stella. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

BRANDÃO, Maria de Azevedo et al. **Recôncavo da Bahia**: sociedade e economia em transição. Salvador, BA: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998. 260 p.

BRANDÃO, Maria de Azevedo. **Recôncavo da Bahia**: sociedade e economia em transição. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.

BRASIL. Decreto-lei no 68.045, de 13 de janeiro de 1971. Converte em Monumento Nacional a cidade baiana de Cachoeira e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Seção 1 - 13/1/1971. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-68045-13-janeiro-1971-409924-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Decreto-lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940-412868-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Lei no 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher [...]. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)>. Acesso em: 20 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. Lei 9.426, de 24 de dezembro de 1996. Altera dispositivos do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal - Parte Especial. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9426.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9426.htm)>. Acesso em: 20 jan. 2016.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004, p. 17.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 141.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 402.

CARDOSO, Lucileide Costa. Dimensões da memória na prática historiográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. (Orgs). **História Regional e Local: discussões e práticas**. Salvador: Quarteto, 2010.

CASTRO, Hebe. História Social. In: Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CESAR, Flavio Cruz Lenz. O Estado da Saúde e a “doença” das prostitutas: uma análise das representações da prostituição nos discursos do SUS e do Terceiro Setor. In: SIMÕES, SORAYA Silveira; SILVA, Hélio R. S. ; MORAES, Aparecida Fonseca (Orgs). **Prostituição e outras formas de amor**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

CLIFFORD, James. Sobre Alegoria Etnográfica. In: CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011, p. 59.

COHN, Gabriel (Org.). In: \_\_\_\_\_. Weber. São Paulo: Ática, 1999. Introdução.

CYFER, Ingrid. Reconhecimento, Crítica Social e Feminismo. In: El Far, Alessandra; BARBOSA, Andrea; AMADO, Xavier. **Pensamento político e social, estado e ação coletiva**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014. (Ciências sociais em diálogo).

D'ÁVILA NETO, Maria Inácia. **O autoritarismo e a mulher: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil**. Rio de Janeiro: Artes & Contos, 1994.

DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla Silva Beozzo. **Historia das mulheres no Brasil**. 3. ed. Sao Paulo: Contexto, 2000. 678 p.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1884.

EPPLÉ, Angelika. Gênero e a espécie da história. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2009.

ESCOLA MONTEZUMA. Disponível em: <<http://montezumaescola.blogspot.com.br>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

ESQUIAVEL, Laura. **Malinche**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. Disponível em:

<<http://www.estacoesferroviarias.com.br>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **Quem pariu e bateu, que balance! Mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940**. Salvador: CEB, 2003.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: Del Priore, Mary (Org.); Carla Bassanezi. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

FLAX, J. Postmodernism and gender relations in feminist theory. **Signs**, Chicago, The University of Chicago, v.12, n.4, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. O retorno da moral. In: **Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 262.

FOUCAULT, Michel. Soberania e Disciplina. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2012.

FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. São Paulo, SP: Hucitec, 1996. 188 p. (Estudos históricos; 26).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2004.

GALEANO, Eduardo. **Mulheres**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

GINZBURG, Carlo. **A micro história**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **O estudo de trajetórias nas ciências sociais: trabalhando com as diferenças de escalas**. Campos. v. 12, n. 1, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HARAWAY, Donna. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte : Autêntica, 2009.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras 1998.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (O Homem e a História).

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LAURETIS, Teresa de. The technology of gender. In: **Technologies of gender**, Indiana University Press, 1987, p. 1-30.

LASCH, Christopher. **A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo**. Elisabeth Lasch-Quinn (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LE GOFF, Jacques. **Historia e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter. **A Escrita a história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

MACEDO, José Rivar. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002.

MAGGIO, Sérgio. **Conversas de Cafetinas**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2009.

MARX, Karl. **Grundrisse - Manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços críticos da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MATTA, Roberto da. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 28.

MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edição Loyola, 1996.

MELO, Thaís Requião de. **O que há por trás da norma: uma análise do tratamento da mulher no direito de família do código civil de 1916 a 2002**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, 2013.

MOIRA, Amora. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

MORAES, Aparecida Fonseca. Corpos normalizados, corpos degredados: os direitos humanos e as classificações sobre a prostituição de adultas e jovens. In: SIMÕES, Soraya Silveira; SILVA, Hélio R. S. ; MORAES, Aparecida Fonseca (Orgs.). **Prostituição e outras formas de amor**. Niterói: EDUFF, 2014.

NADER, Maria Beatriz. **Mulher: do destino biológico ao destino social**. Vitória: EDUFES/Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2001.

\_\_\_\_\_. **Paradoxos do progresso:** a dialética da relação mulher, casamento e trabalho. Vitória: Edufes, 2008, 284 p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral:** uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOBLECOURT, Christiane Desroches. A mulher livre e a mulher em cativeiro. In: \_\_\_\_\_. **A mulher no tempo dos Faraós:** Campinas: Papyrus, 1994, p. 201-226.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História.** PUC-SP, n. 10, 1993.

NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica:** objetivação, paixão, imprevisto e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

O CULTO de Imagens da Imaculada Conceição no Mundo Luso-Brasileiro – Séculos XVI-XVIII. Disponível em:

<[www.rj.anpuh.org/Anais/1998/autor/Maria/Beatriz/Mello/Souza.doc](http://www.rj.anpuh.org/Anais/1998/autor/Maria/Beatriz/Mello/Souza.doc)>. Acesso em: 31 mar. 2008.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo:** olhar, ouvir, escrever. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História,** São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.

PIERANGELLI, José Henrique. **Códigos Penais no Brasil:** evolução histórica. Bauru: Jalovi, 1980.

PINHO, Osmundo. **Etnografia e Emancipação:** desafios antropológicos na Escola Pública. Projeto – Brincadeira de Negão, 2016.

\_\_\_\_\_. VARGAS, João H. Costa (Orgs.). **Antinegitude:** o impossível sujeito negro na formação social brasileira. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. **Bimba, Pastinha e Besouro Mangangá:** três personagens da capoeira baiana. Goiania: Grafsete UFT/MEC, 2000.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero.** Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002, p. 7-42. Disponível em: <<http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

POMEROY, B. Sara. **Diosas, rameras, esposas y esclavas:** mujeres en la antigüedad clásica. Akal Universitária, 1999.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. **História da Vida Privada**: da Primeira Guerra a nossos dias atuais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REIS, Adriana Dantas. **Cora**: lições de comportamento feminino do século XIX. Salvador: FCJA; Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2000.

RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo**: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. 2012.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Abramo, 2015.

SALES, Herberto. **A prostituta**: romance. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SANTANA, Nélia de. **A Prostituição Feminina em Salvador (1900-1940)**. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, 1996.

SANTOS, Laíse Lemos dos. **Prazer e conflito**: a prostituição feminina em Salvador (1889/1930). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, 2015.

SANTOS, Milton. **Recôncavo da Bahia-Sociedade e economia em transição**. Organizado por Maria de Azevedo Brandão. 1998.

SARDENBERG, Cecília M.B. Conceituando empoderamento na Perspectiva Feminista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: TRILHAS DO EMPODERAMENTO DE MULHERES, 1., 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2006. Projeto TEMPO, promovido pelo NEIM/UFBA, em Salvador, Bahia, de 5-10 de junho de 2006.

SCHMITT, Jean-Claude. A História dos Marginais. In: LE GOFF, Jaques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835; tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SCOTT, J. W. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1988. p. 28-50.

SEGATO, Rita Laura. **Os percursos do gênero na antropologia e para além dela**. Brasília, 1998. (Série Antropologia; 236). Disponível em: <<http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie236empdf.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

SILVA, Lillian Ponchio e. Sistema Penal: campo eficaz para a proteção das mulheres? In: BORGES, Paulo César Corrêa (Org.). **Sistema Penal e Gênero: tópicos para emancipação feminina**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 11-27.

SILVA, Maria Carolina Martins da. **Nas veredas dos discursos moralistas: a honra das mulheres em Feira de Santana, Bahia (1960-1979)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOBRAL NETO, Margarida. O papel da mulher na sociedade portuguesa setecentista. In: **Diálogos Oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Ultramarino Português**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 25-44.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. **Dominios da história: ensaios de teoria e metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1997. 508 p.

SOUSA, Angelita Cunha da Silva. **A Rua do Maga-sapo: cotidiano e representações da prostituição feminina em Vitória da Conquista (1950-1971)**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2013.

SOUZA, Maria Beatriz de Mello e. O culto de imagens da Imaculada Conceição no mundo luso-brasileiro (séculos XVI-XVIII). In: Encontro Regional de História da Anpuh, 8., 1998, Rio de Janeiro. **Anais...** Vassouras, 1998. Disponível em: <[http://www.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=307](http://www.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=307)>. Acesso em: 8 fev. 2010.

THOMPSON, E. P. **Miséria da teoria**. São Paulo, Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. A venda de esposas. In: \_\_\_\_\_. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 305-352.

TUBERT, Silva. **Mulheres sem sombra: maternidade e novas tecnologias reprodutivas**. Rio de Janeiro: Record Rosa dos Tempos, 1996.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

VELHO, Gilberto. **A Utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 17-94.

\_\_\_\_\_. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 39.

\_\_\_\_\_. **A Utopia urbana**. Um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. FLACSO Brasil. Brasília-DF. 2015.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais, parte I.** São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNESP, 1993.

WEHLING, Arno. **Formação do Brasil colonial.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso:** ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 2014, p. 98.

ZALUAR, Alba. **A Máquina e a Revolta:** as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.